



AÇÃO COMUNITÁRIA
PREPARANDO PESSOAS PARA A VIDA

Viver Comunidade!

Lazer e Fortalecimento Comunitário

Um livro sobre a experiência da ONG Ação Comunitária no desenvolvimento de atividades de lazer na cidade de São Paulo.



VERSO CAPA



AÇÃO COMUNITÁRIA
PREPARANDO PESSOAS PARA A VIDA

Conselho Diretor

Oscar Linhares Ferro

Diretor Presidente

Antonio Carlos Soares

Diretor Vice-Presidente

Rodrigo Mauad Gebara

Diretor Financeiro

Valter Pasquini

Diretor Administrativo

Ângela Cutait Vasto

Diretora de Marketing

Marcelo Marques Roncaglia

Diretor

José Cláudio Securato

Diretor

Superintendência

Celso Luiz Teani Freitas

Gerência de Desenvolvimento Social:

Deise Rodrigues Sartori

Gerência de Programas Socioeducativos:

Milton Alves Santos

Gerência de Relacionamento e

Mobilização de Recursos:

Maurício Guimarães

Gerência Administrativa / Financeira:

Josmael Castanho

Projeto Cultura e Lazer

Coordenação do Núcleo de Cultura & Lazer:

Roberto Barros

Coordenação de Desenvolvimento Comunitário:

Luciana Nunes

Orientação Pedagógica:

Rodrigo Candido, Marcio Mitio Konno

Pesquisadora:

Luciana de Jesus Dias

Equipe de Animadores: Anabela Gonçalves Vaz,
Ismael Lobo Toledo, Valter Sugarava

Equipe de educadores: Alana Santana, Jarlenny
de Sousa, Rodrigo dos Santos, Ricardo Faustino

Este trabalho foi realizado no âmbito do Projeto Lazer Comunitário, com recursos do Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (FUMCAD) da Cidade de São Paulo. É permitida reprodução do texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

Parceria e Apoio:



Viver Comunidade! Lazer e Fortalecimento Comunitário

Texto Final: Luciana de Jesus Dias

Revisão Técnica: Reinaldo Pacheco

Ilustrações: Rodrigo Bueno

Revisão de Texto: Flavio Carrança

Jornalista Responsável: Flavio Carrança - *MTB nº 12.724*

Projeto gráfico e diagramação: Liga da Kriação

Tiragem: 3.000 exemplares

Maio/2013 — Ação Comunitária do Brasil - São Paulo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Angélica Ilacqua CRB-8/7057)

Viver Comunidade! Lazer e Fortalecimento Comunitário
Ação comunitária. - São Paulo : Ação comunitária, 2013.

138 p. : Il.; color.

Bibliografia

ISBN 978-85-66991-00-0

1. Lazer 2. Comunidade 3. Projetos Sociais 4. Cultura
I. Ação comunitária

13-0452

CDD 306.4812

Índices para catálogo sistemático:

1. Comunidade - lazer - aspectos sociais

Índice

Sobre a Ação Comunitária.....	13
Apresentação	15
Prefácio	17
Parte I	
Ação Comunitária: 46 anos de trabalho por cultura e lazer nas periferias de São Paulo..	21
Parte II	
Cultura e lazer como estratégias de fortalecimento comunitário	37
É possível construir o fortalecimento comunitário?.....	38
Metodologia Colaborativa	39
Os caminhos percorridos no Projeto Lazer Comunitário	41
Concepção: projeto piloto	41
Diretrizes.....	44
Plano de Ação	45
O trabalho de animação cultural	48
O que aconteceu no projeto	51
Aulas de dança.....	54
As férias foram mais divertidas.....	58
Eventos que mobilizaram a comunidade.....	63
O Rugby Comunitário	67
Mapeando os recursos	69
Visão panorâmica sobre disponibilidade de equipamentos culturais nos territórios de atuação do projeto.....	74
Reflexões: o que os dados e os mapeamentos apontam.....	78

Parte III

O que aprendemos e onde queremos chegar

Os efeitos do projeto	86
Com a palavra a nossa equipe	95
Onde queremos chegar	97

Parte IV

Dados sobre cultura e lazer nos distritos	101
---	-----

Siglas Utilizadas

- » ABCD = Asset Based Community Development (Desenvolvimento Comunitário Baseado em Talentos e Recursos Locais)
- » ACB = Ação Comunitária do Brasil
- » CEU = Centro de Educação Unificado
- » CMDCA = Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente
- » CDC = Clube da Comunidade
- » CEBs = Comunidades Eclesiais de Base
- » CONANDA = Conselho Nacional dos Direitos das Crianças e Adolescentes
- » DJ = Disc Jockey
- » ECA = Estatuto da Criança e do Adolescente
- » FUMCAD = Fundo Municipal da Criança e do Adolescente
- » MC = Mestre de cerimônia
- » LDB = Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
- » ONG = Organização Não Governamental
- » ONU = Organização das Nações Unidas
- » PCLEF = Programa de Cultura, Lazer e Educação Física

Listagem de Gráficos, Imagens e Fotos

Imagem 1: Linha do tempo da Ação Comunitária

Imagem 2: Fluxograma de construção e consolidação do projeto

Imagem 3: Equipe do projeto

Imagem 4: Etapas para colaboração

Imagem 5: Mapeamento da Subprefeitura Campo Limpo

Imagem 6: Mapeamento da Subprefeitura Capela do Socorro

Imagem 7: Mapeamento da Subprefeitura M'boi Mirim

Imagem 8: Mapeamento da Subprefeitura Cidade Ademar

Foto 1: Encontro com a comunidade realizado na ACAJI

Foto 2: Associação à Criança, ao Adolescente e Jovem do Icarai – ACAJI/ Dança de salão

Foto 3: Associação Comunitária Auri-Verde / Dança de salão

Foto 4: Associação Comunitária Auri-Verde / Dança de rua

Foto 5: Atividades de férias Inforedes Jardim Boa Sorte

Foto 6: Atividade de férias no Instituto Entreatos de Promoção Humana

Foto 7: Atividade de férias no Instituto Entreatos de Promoção Humana

Foto 8: Atividade de férias na Associação de Moradores do Jardim Magdalena

Foto 9: Atividade de férias na Associação Beneficente Providência Azul – CSE Esperança

Foto 10: Evento Estrela Hip- Hop no Movimento Comunitário Estrela Nova

Foto 11: Evento Estrela Hip- Hop no Movimento Comunitário Estrela Nova

Foto 12: Trio Musical Brasas do Nordeste no CSE Esperança

Foto 13: Festa Julina Inforedes Boa Sorte

Foto 14: Festa Julina Movimento Comunitário São Joaquim

Foto 15: Clínica de rugby na organização Frei Tito Cidade Júlia

Foto 16: Clínica de rugby no campo próximo ao Movimento Comunitário São Joaquim

- Gráfico 1: Resultado das enquetes – Faixa etária
- Gráfico 2: Resultado das enquetes – Gênero
- Gráfico 3: Como ficou sabendo da atividade
- Gráfico 4: Motivos que levaram à prática na organização
- Gráfico 5: Conhecimento anterior sobre o trabalho da organização
- Gráfico 6: Lugares que participam de atividades de lazer
- Gráfico 7: Fatores que favorecem a prática do lazer
- Gráfico 8: Evolução no tempo da presença de equipamentos culturais públicos
Subprefeitura Campo Limpo
- Gráfico 9: Percentual de Pontos de cultura Subprefeitura Campo Limpo
- Gráfico 10: Evolução no tempo da presença de equipamentos culturais públicos
Subprefeitura Capela do Socorro
- Gráfico 11: Percentual de Pontos de cultura Subprefeitura Capela do Socorro
- Gráfico 12: Evolução no tempo da presença de equipamentos culturais públicos
Subprefeitura M'boi Mirim
- Gráfico 13: Percentual de Pontos de cultura Subprefeitura M'boi Mirim
- Gráfico 14: Evolução no tempo da presença de equipamentos culturais públicos
Subprefeitura Cidade Ademar
- Gráfico 15: Percentual de Pontos de cultura Subprefeitura Cidade Ademar

Listagem de Tabelas e Quadros

Tabela 1: Resultado das enquetes – faixa etária

Tabela 2: Resultado das enquetes – gênero

Tabela 3: Atividades escolhidas

Tabela 4: Equipamentos culturais públicos Subprefeitura Campo Limpo

Tabela 5: Centros culturais, espaços culturais e Casas de Cultura Subprefeitura Campo Limpo

Tabela 6: Pontos de cultura Subprefeitura Campo Limpo

Tabela 7: Equipamentos esportivos da Subprefeitura Campo Limpo

Tabela 8 : Recursos mapeados na Subprefeitura Campo Limpo

Tabela 9: Equipamentos culturais públicos Capela do Socorro

Tabela 10: Centros culturais, espaços culturais e Casas de Cultura Subprefeitura Capela do Socorro

Tabela 11: Pontos de cultura Subprefeitura Capela do Socorro

Tabela 12: Equipamentos esportivos Subprefeitura Capela do Socorro

Tabela 13: Recursos mapeados na Subprefeitura Capela do Socorro

Tabela 14: Equipamentos culturais públicos Subprefeitura M'Boi Mirim

Tabela 15: Centros culturais, espaços culturais e casas de cultura Subprefeitura M'boi Mirim

Tabela 16: Pontos de cultura Subprefeitura M'boi Mirim

Tabela 17: Equipamentos esportivos Subprefeitura M'boi Mirim

Tabela 18: Recursos mapeados na Subprefeitura M'boi Mirim

Tabela 19 Equipamentos culturais públicos Subprefeitura Cidade Ademar

Tabela 20: Centros culturais, espaços culturais e Casas de Cultura Subprefeitura Cidade Ademar

Tabela 21: Pontos de cultura Subprefeitura Cidade Ademar

Tabela 22: Equipamentos esportivos Subprefeitura Cidade Ademar

Tabela 23: Recursos mapeados na Subprefeitura Cidade Ademar

Ação Comunitária

A Ação Comunitária é uma organização não governamental, sem fins lucrativos, fundada em 1967, que trabalha pela inclusão e proteção social de crianças, adolescentes e jovens de 0 a 29 anos, por meio da educação, cultura, cidadania e empregabilidade.

Localizada na região do Campo Limpo (zona sul da cidade de São Paulo), mas com metodologias replicáveis nos demais estados do país, a Ação Comunitária conta com a parceria de mais de 30 organizações de bairro na implantação de seus diversos programas socioeducativos.

O objetivo destes Programas é desenvolver uma atuação crítica e cidadã junto à crianças, adolescentes e jovens, incentivando-os a agir positivamente em suas comunidades, buscando seus sonhos e criando suas próprias oportunidades.

- *Primeiras Letras* – Um programa para crianças de até 5 anos. Focado no estímulo oportuno para desenvolvimento de competências e habilidades para a vida.
- *Crê-Ser* – Programa de educação complementar que recebe crianças e adolescentes de 6 a 15 anos no contraturno escolar e tem foco no protagonismo juvenil.
- *Preparação Para o Trabalho* – Para adolescentes e jovens de 15 anos e meio até 21 anos, o programa foca na capacitação para o primeiro emprego com técnicas dinâmicas e atraentes aos jovens.
- *Cursos profissionalizantes* – Para jovens a partir dos 18 anos, os cursos oferecidos formam garçons e garçonetes e também vendedores de loja por meio de técnicas de vendas.

Em 2012, foram mais de 10.300 pessoas atingidas por nossos serviços, considerando educadores, líderes e gestores comunitários e famílias.

Acesse www.acomunitaria.org.br e saiba como você também pode se envolver na transformação da realidade brasileira.

Apresentação

“Processos de mudanças caracterizam-se por inúmeras variáveis extrínsecas. Às vezes as mudanças surgem vagarosa e insidiosamente; às vezes irrompem como uma chuva de verão no céu azul”. (Kaplan)

Promover uma mudança de olhar para fazer as pessoas reconhecerem que suas comunidades são ricas em capacidades e talentos e não apenas um aglomerado de problemas e vulnerabilidades é a preocupação central da Ação Comunitária. Essa visão, presente no trabalho de formação de sua equipe técnica e das lideranças das organizações parceiras, tem como base a metodologia ABCD – Asset Based Community Development (Desenvolvimento Comunitário Baseado em Talentos e Recursos Locais)¹.

O objetivo deste livro é contar como esse método foi colocado em prática por meio do Projeto Lazer Comunitário, voltado para as famílias dos educandos dos programas Crê-Ser e Preparação para o Trabalho, também desenvolvidos pela Ação Comunitária. O projeto oferece às pessoas nele envolvidas atividades de lazer concebidas para levá-las a agir de maneira colaborativa em suas comunidades. Seu ponto de partida foram algumas perguntas: Que expectativas têm essas famílias em relação à participação e ao uso de seu tempo livre? Em que medida a proposta de atividades de lazer atrai, retém e suscita a participação dos integrantes do projeto na vida pública? Qual a contribuição desse projeto para a formação de uma liderança comunitária que conecte os talentos e recursos locais no sentido do fortalecimento comunitário?

Submetido ao Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (CMDCA) e executado com recursos do Fundo Municipal da Criança e do Adolescente (FUMCAD) do município de São Paulo, no período junho 2012 a maio de 2013, o Projeto Lazer Comunitário demonstrou ser maior que a soma de seus participantes, gerando uma riqueza de olhares e histórias sobre o desenvolvimento das pessoas envolvidas que não poderia ser totalmente prevista na época em que foi proposto.

São justamente as preciosidades garimpadas nesse percurso que exibimos na presente publicação, esperando que ajudem e motivem muitas comunidades a agir em favor de seu próprio desenvolvimento. Também é nosso desejo que instituições privadas e públicas, comprometidas com o efetivo desenvolvimento das comunidades empobrecidas do Brasil, encontrem nesta publicação uma fonte concreta de apoio para suas iniciativas nesse mesmo esforço de fortalecimento comunitário.

¹ Ver NEUMANN, L. T. V.; NEUMANN, R. A. *Desenvolvimento Comunitário baseado em Talentos e Recursos Locais - ABCD*. São Paulo: Global; IDIS – Instituto para o Desenvolvimento Social, 2004.

Prefácio

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? Educações.

Carlos Rodrigues Brandão

Gratidão. Este é meu sentimento ao iniciar a escrita deste prefácio. Gratidão pela oportunidade de ter partilhado com as pessoas que fizeram e fazem esta instituição alguns momentos importantes de minhas reflexões e ações no campo social. Hoje, quando vejo pronto este documento, que se pretende público, não há porque esconder um outro sentimento: o de orgulho de ter feito parte disto com tantos colegas que acompanharam este trabalho durante anos. Gratidão e orgulho por um dia ter tido em minha sala de aula a estudante Ana Patrícia, menina brilhante de olhos brilhantes de quem quer mudar o mundo e que me trouxe a conhecer a Ação Comunitária, pelas mãos de sua mãe, Deise Sartori... em quem vi o mesmo brilho no olhar... e onde conheci Cecília, Sérgio, Isabel, e tantos outros educadores e educadoras que passaram a partilhar comigo inquietações, dúvidas e sobretudo o desejo de ver um mundo melhor.

Se naquele momento, no início do novo milênio, cada vez mais as possibilidades de mudanças amplas por meio dos partidos políticos e das políticas públicas pareciam esvaziadas, as inquietudes se voltaram para a observação dos movimentos da sociedade civil, das organizações comunitárias, dos movimentos sociais, que buscam responder às necessidades e anseios dos que gritam nas periferias da metrópole por uma cidade que seja mais justa. Que gritam por uma cidade na qual nossos filhos e filhas tenham o direito à educação de qualidade, à moradia digna, ao transporte decente, ao acesso a bens culturais e ao lazer. O direito à vida.

Cidade de muros e descabros. Cidade dividida. Cidade múltipla e ao mesmo tempo fascinante. Cidade desigual e diversa. Desigualdade que queremos pequena, se possível inexistente, diversidade que queremos grande. Sim, São Paulo é de uma pluralidade inquietante e penso que é isto que nos move. É o que faz com que gente de Comunidades e de Ação acredite que é possível construir uma cidade melhor a partir do que é a base de tudo: o ser humano.

Gente que não tem medo de encarar o desafio de percorrer uma das áreas com maior densidade populacional do planeta, a zona sul de São Paulo, e encontrar nos diversos “pedaços” da cidade os atores sociais que fazem de cada lugar algo diferente e único... Encontrar nos “pedaços” aqueles que querem uma “cidade inteira”, as pessoas que desejam para suas comunidades novas oportunidades de pertencimento à cidade, novas oportunidades para que seus filhos e filhas possam dizer que têm “orgulho de viver aqui”. Orgulho de viver.

Nestes pouco mais de dez anos convivendo com os educadores e educadoras da Ação Comunitária, pude aprender muito e dividir angústias e dúvidas com quem de fato enfrenta os desafios de provocar mudanças. Não nos esqueçamos jamais: educação é mudança. E quando a educação se faz mais bela é quando a mudança que ela provoca passa a ser não apenas pessoal mas coletiva. Sobre isso aprendemos com grandes educadores que refletiram sobre o assunto: de Rousseau a Paulo Freire.

No entanto, a questão que sempre nos intrigou e que a Ação Comunitária tem ajudado a responder, é a seguinte: “se queremos educação, no seu sentido mais amplo, se o que queremos é que as comunidades e pessoas tocadas pelas intervenções que planejamos mudem, qual o papel que a cultura e o lazer têm neste processo?” Como “usar” a cultura e o lazer sem que estes se tornem simples “instrumentos”? Como oferecer o Direito à Cultura e ao Lazer e, ao mesmo tempo, permitir seu dinamismo, sua diversidade, sem se deixar levar por posturas “iluministas” e “funcionalistas” do uso destas práticas?

Pois bem, acho que parte das respostas a estes dilemas começa a ser desvelada neste volume que, ao mesmo tempo, discute esta preocupação filosófica central e mostra como é possível fazer, sem dirigismos e sem imposições, por meio de construções comunitárias coletivas e conjuntas. E o mais importante: garantindo o Direito Social fundamental de acesso à Cultura e ao Lazer.

O convite para escrever este prefácio coincide com minha estada na Europa, particularmente em Portugal, na Universidade do Minho. Os portugueses têm sido referência mundial na questão da “animação sócio-cultural”, sendo que, por meio de uma licenciatura específica, a Universidade do Minho tem preparado educadores especificamente para esta tarefa social. Nela, por ocasião do *I Colóquio Internacional de Ciências Sociais da Educação* e do *III Encontro de Sociologia da Educação*, a proposta central foi discutir as “centralidades e periferias” do próprio conceito e das ações em Educação Não Formal e Informal.

Pôde-se observar e ter contato com experiências que vêm sendo desenvolvidas em diversos países, de tal forma que passaram a ser vistas também como campo necessário de intervenção das políticas públicas, o que ainda não ocorre no Brasil. As políticas públicas de cultura, esportes e lazer aparecem completamente deslocadas das políticas ditas “educacionais”, transformadas tão somente em políticas de escolarização.

Ora, mais uma vez estamos na contramão: em função do dinamismo cultural da sociedade contemporânea, o que hoje se aprende nos momentos de lazer é tão importante quanto a aprendizagem feita em sala de aula, ou até mais. No entanto, como bem sabemos, o Estado não é capaz de responder com a velocidade desejada a estes desafios, sendo que, mesmo nos países da economia capitalista central, várias organizações da sociedade civil têm atuado de forma a responder a estas necessidades de ampliação das oportunidades educativas, reconhecendo cada vez mais o campo da Educação Não Formal e Informal como estratégico para o aumento das oportunidades educativas.

Se queremos um país pleno de Educação, precisamos descobrir isto urgentemente: como aproveitar as potencialidades dos momentos de cultura e lazer para o desenvolvimento pessoal e comunitário? Somente “com educações”. Talvez nos dissesse isto o Prof. Carlos Rodrigues Brandão, com quem tive o prazer de compartilhar momentos educativos como estudante, frequentando suas aulas na Ciências Sociais da USP, na década de 1990. Ele hoje continua educando todos que frequentam sua pousada na Serra da Mantiqueira.

Nos últimos semestres na USP, como professor do Ciclo Básico da Escola de Artes, Ciências e Humanidades, tenho desenvolvido com os estudantes, por meio da disciplina “Cidade, Educação e Políticas Públicas”, um projeto de registro de situações de Educação Não Formal na cidade de São Paulo e arredores. Por meio de fotos e vídeos, os estudantes criam pequenos documentários que registram a riqueza da cena educacional da cidade que não é vista como experiência educativa.

Há registros de grupos que ensinam interessados em andar de bicicleta ou fazer intervenções artísticas, grupos de teatro, música, dança e outras manifestações artísticas, grupos que promovem ocupações de praças com atividades múltiplas – enfim, há uma diversidade espantosa de registros educativos tão importantes mas que não são percebidos como tal pelas políticas públicas educacionais da cidade. Cidade infeliz. Rica em tudo, mas pobre em sua compreensão do que é ser cidade. Cidade dos enclaves fortificados, para usar a expressão de Prof^a Teresa Caldeira (2000). Portanto, sem medo

de errar, posso dizer que as experiências aqui registradas e refletidas integram-se às mais recentes desenvolvidas em vários países, no que diz respeito ao fortalecimento da experiência comunitária de educar, que se faz no cotidiano, que se faz no tempo de trabalho, no tempo de lazer, no tempo da família, no tempo da igreja... Nos vários tempos sociais passíveis e possíveis, para que se aumentem as oportunidades de educação.

Existem experiências fantásticas de cidades inteiras proporcionando às suas crianças e jovens o registro de “aprendizagens” em situações diversas - especialmente no tempo de lazer - que podem ser incorporadas aos seus currículos de educação formal.

Para os críticos mais açodados, não se trata de uma simples “certificação”, mas da valorização da escolha das crianças e jovens por atividades que certamente irão contribuir com sua formação e que serão fundamentais na construção do sujeito. E mais que isso: podem provocar nos diversos “pedaços” da cidade um novo olhar sobre o que é a educação e como se pode fazer educação e fortalecimento comunitário por meio do lazer, da cultura, dos esportes... Enfim, de todas as práticas que, de alguma maneira, possam contribuir com o desenvolvimento humano e comunitário. Afinal, uma cidade como São Paulo não pode mais ficar esperando que se descubra o potencial da Educação Não Formal...

Enquanto nós (na Universidade) e os políticos (em seus gabinetes e palanques) escrevemos, discutimos e vociferamos, vocês, da Ação Comunitária, fazem. E, ao fazer, nos ensinam mais do que anos de pesquisas ou de retórica. Continuem. Acreditem. Mostrem este trabalho para mais pessoas e instituições. Multipliquem. Eu, particularmente, estou aqui para ouvi-los e sei que muitos acadêmicos e políticos precisam disso.

Reinaldo Pacheco – EACH-USP

Portugal, Cidade de Braga, Universidade do Minho

Março de 2013

Possui graduação em Educação Física e em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (1989 e 1999). É especialista em Lazer e Recreação pela UNICAMP (1992). Participante do GEPAE - USP, onde desenvolveu seu doutorado (2009) e onde também concluiu seu mestrado em Educação (2004) abordando as relações entre as políticas públicas de educação e o lazer. Atualmente é professor da EACH-USP, no curso de Bacharelado em Lazer e Turismo. Orienta, realiza pesquisas e ministra aulas das disciplinas relacionadas ao planejamento e gestão pública do lazer e ao entendimento do lazer e do turismo como fenômenos sociais.

– Parte I –

Ação Comunitária: 46 anos de Trabalho por Cultura e Lazer nas Periferias de São Paulo

*Todo amanhã se cria num ontem, através de um hoje.
De modo que o nosso futuro baseia-se no passado e se corporifica no presente.
Temos de saber o que somos e o que fomos, para saber o que seremos.*

(Paulo Freire)



Ação Comunitária: 46 anos de trabalho por cultura e lazer nas periferias de São Paulo

Ao longo de toda a sua existência, a Ação Comunitária promoveu atividades culturais e de lazer com múltiplas formas, para variados públicos, em diversas comunidades. E devido às mudanças sociais e históricas que ocorreram no país nesse período, também atuou em diferentes contextos. Em 1967, a organização começou a implantar, em nove comunidades da cidade de São Paulo, programas operacionais (nas áreas de saúde, educação, recreação, desenvolvimento econômico, obras físicas e de fortalecimento comunitário). Já neste primeiro ano, ficou evidente a sua vocação para o trabalho com grupos comunitários, tendo também início a busca por uma metodologia de trabalho junto a este público-alvo.

Nesse período histórico de suspensão do Estado Democrático², os espaços comunitários eram lugar de reivindicações sociais, que eclodiriam na década seguinte nas grandes cidades brasileiras (foram as demandas por transporte público, creches, moradia, áreas de lazer e saúde, entre outras). Aquela efervescência social surge no cenário das periferias urbanas que se constituem como espaços de abrigo da mão de obra trabalhadora, em sua maioria migrante, atraída pelo crescimento do emprego na indústria de São Paulo. O período compreendido entre as décadas de 1970 e 1980 é marcado pela atuação das ONGs, visando a melhoria da vida nos bairros. A fundação da Ação Comunitária, portanto, se inscreve no processo de mudança social mais ampla que está ocorrendo no Brasil e expressa o compromisso democrático do grupo de empresários que viabilizou a sua criação.

Campo de atuação

Neste contexto de emergência de movimentos sociais e populares, juntamente com outras ONGs, a Ação Comunitária entra na cena da vida pública, colaborando para a demarcação de um novo campo de atuação na sociedade. E é exatamente no trabalho com grupos comunitários das periferias e também com moradores de cortiços e favelas das regiões mais centrais que sua forma de atuação vai se desenhando.

Por meio do departamento de “Pesquisa e método”, a Ação Comunitária procurava conhecer as comunidades onde atuaria. O esforço da equipe era no sentido de saber quais eram as demandas, características e necessidades de cada comunidade, indo a campo, colhendo dados, conversando com os moradores e identificando as lideranças. E isso, ao mesmo tempo em que sua diretoria buscava em outros países modelos de metodologia de desenvolvimento comunitário.

² O conceito foi incorporado no 1º artigo da Constituição Federal Brasileira de 1988: “Art. 1º A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito”. Para aprofundamento sobre o tema ver SILVA, José Afonso da. Curso de Direito Constitucional Positivo. 6.ed. São Paulo: Malheiros, 1990.

Após esta fase de mapeamento e análise diagnóstica, a equipe implementava ações, que incluíam salas de educação infantil, cursos para qualificação de mão de obra (de marcenaria, cabeleireiro e manicure, corte e costura, enfermagem, pintor etc.), treinamento de lideranças, além do fortalecimento e estruturação de algumas Sociedades de Amigos de Bairros (SABs).

Reconhecendo e estimulando as práticas culturais e de lazer que também faziam parte do enfrentamento cotidiano das comunidades, a Ação Comunitária encarava essas manifestações da população como espaço concreto de construção de laços sociais. Nos arquivos da organização, encontramos registros dos primeiros anos com diversas destas atividades: noite dos cantadores, exposições de filmes, excursões culturais, promoção da rua do recreio, criação de campos de futebol, etc.

Em 1971 houve a criação de três departamentos distintos: o Social (organizava atividades como festas diversas, rua de recreio, quermesse, bailes, gincanas, excursões, *picnics*, formaturas), o Cultural (que fazia o planejamento e a coordenação de cursos, projeção semanal de filmes, além da apresentação de grupos de teatro nas comunidades) e o Esportivo (que organizava e mantinha atividades nessa área).

E foi assim que, nestes primeiros quatorze anos de existência, as atividades de cultura e lazer estiveram inseridas no trabalho em diversas comunidades nas quais a Ação Comunitária atuou: com uma programação intensa e muito variada, o que também indica que havia naquele momento uma efervescência cultural, que aliás faz parte das questões que envolvem o associativismo da população brasileira.

Este trabalho durou toda a década de 1970, mas uma redefinição dos programas e dos setores prioritários de atuação foi feita em 1978, momento no qual o lazer é definido como frente de intervenção sistemática. Os setores focados eram: 1) formação de grupos e lideranças; 2) implantação de ambulatórios médicos em centros comunitários; 3) desenvolvimento econômico com a implantação de núcleos de produção artesanal; 4) cursos profissionalizantes de curta duração; 5) educação infantil e alfabetização de adultos; 6) lazer e recreação; 7) construção e reforma de centros comunitários e 8) projetos especiais.

Nova sede

O segundo momento da história da organização tem como marco inicial a construção e a inauguração de nova sede no bairro de Jardim Leônidas Moreira (Campo Limpo), em 1982, e se estende até 1990. A mudança do imóvel alugado no bairro do

Pacaembu para a sede própria significou a concentração de esforços e ações na zona sul da capital e uma maior aproximação com os movimentos sociais da região.

Dentre os inúmeros movimentos que despontaram em São Paulo nos anos 1970, merece destaque o Movimento de Luta por Creches, que surgiu a partir dos Clubes de Mães - organizados nas Comunidades Eclesiais de Base da Igreja Católica (CEBs) das regiões de Campo Limpo e M'Boi Mirim. Formado por "donas de casa" da periferia, algumas delas com trajetórias de atuação em outros polos de ativismo como as próprias CEBs, que aglutinaram suas reivindicações, passando a ser um espaço para o debate dos problemas cotidianos enfrentados, inclusive sobre o direito à educação e o drama das trabalhadoras que não tinham com quem deixar os filhos durante o período de trabalho.

Com a vinda da Ação Comunitária para a região e o aprofundamento das relações com mais organizações sociais do entorno, a demanda por atendimento das carências na área da educação infantil se tornou proeminente. Apesar de, como resultado da luta do Movimento, muitas creches terem sido construídas pelo poder público na região, a gestão, contratação de funcionários e a ampliação do serviço continuaram sendo pautas de luta.

E qual era o momento político pelo qual a sociedade brasileira estava passando? Era o momento da anistia e da abertura política para a transição democrática. Foi um período de transição em diversos sentidos, resultante das lutas pela redemocratização, que teve seu auge em 1984 com a campanha "Diretas Já", considerada a maior mobilização popular já ocorrida no país. Houve assim uma progressiva abertura de canais de participação social e política.

A Constituição de 1988 foi um outro marco deste período, pois garantia tanto os direitos civis e políticos quanto os direitos sociais básicos, que eram reivindicação dos movimentos populares por melhorias na qualidade de vida. É no Art. 6º da Constituição que está a expressão destes direitos:

São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta constituição (BRASIL, 1988).

O lazer é reconhecido na Constituição Federal como um direito social que deve ser garantido a todo cidadão. Sabemos, no entanto, que a conquista da cidadania em nosso país é um longo caminho e que a imensa desigualdade social dificulta o efetivo exercício de direitos. Com o lazer não é diferente. A sua efetivação como direito está vinculada às conquistas históricas e sociais relacionadas à limitação da jornada de trabalho³, já que a menção na Carta Magna expressa as pressões sociais dos trabalhadores e outros setores da sociedade brasileira, que percebiam no lazer um elemento importante para o desenvolvimento da população.

Na esteira dos acontecimentos da transição democrática, a Ação Comunitária passava por um processo de intensas mudanças. Notadamente, houve o aprofundamento das relações com as entidades da região sul, materializado na mudança de sua sede para o bairro de Campo Limpo.

Demandas coletivas

Em 1981, a organização realizou uma ampla pesquisa nas comunidades da região de sua sede, buscando conhecer as necessidades concretas dos moradores e mapear os recursos culturais locais. Esse levantamento não era somente para diagnosticar a realidade das comunidades atendidas, mas também uma maneira de transformar os depoimentos e entrevistas em demandas coletivas, como se verifica pelo relato da Deise Sartori:

“A equipe do Cultura e Lazer era composta por um sociólogo, um historiador e por uma pessoa da área de Geografia. Essas três pessoas começaram a identificar quais eram os interesses relacionados à cultura e ao lazer. Primeiro, identificavam o que já existia e, potencializando, também levavam algumas propostas. Nesta época eram muito fortes os grupos de teatro. Também levavam cinema comunitário, não com esta tecnologia de hoje, o que era muito trabalhoso. Estas ações faziam muito sucesso. Outra coisa que mobilizava bastante a comunidade eram os festivais de música com os talentos locais. E eles faziam isso junto com os outros centros de cultura locais. Eu me lembro que era muito interessante, mobilizava muitas pessoas”

A partir das demandas deste novo cenário, foi que a organização reviu seu âmbito de atuação e o definiu, tendo em vista quatro grandes áreas ou setores, readequando suas equipes com a inclusão de profissionais que possuíam olhares especializados: 1) Educação Infantil; 2) Iniciação Profissional; 3) Cultura e Lazer; e 4) Saúde Comunitária.

³ Segundo Luiz Octavio Camargo (1989: 42): “Durante o governo Vargas, toda uma série de medidas foi baixada em benefício dos trabalhadores: além do salário mínimo, a regulamentação das férias, da aposentadoria e a legalização da jornada de oito horas. O conjunto destas e de outras medidas compôs a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, ainda hoje em vigor, com pequenas alterações”.

Mesmo com a inauguração da sede, que funcionava como um centro comunitário, as atividades culturais e de lazer foram mantidas de forma ampla e diversificada nas outras comunidades nas quais a Ação Comunitária atuava. E continuaram da mesma forma como aconteciam no período anterior, com projeções de filmes, formação de grupos de teatro que se apresentavam no projeto “Circuito Teatral da ACB”, organização de fanfarras e corais, campeonatos esportivos, shows e festivais musicais, além do projeto de manhãs e tardes de lazer e do projeto piloto de artesanato.

A partir de 1983, com a inauguração do teatro e da biblioteca na sede, muitas dessas atividades também passaram a ocorrer ali, transformando o espaço em um importante polo de cultura e de lazer da região. Shows musicais, sessões de cinema e mostras de teatro, apresentação do coral, batizados de capoeira e diversos cursos – de artes plásticas, dança, capoeira, violão, fanfarra e flauta- passaram a acontecer nesse novo espaço.

Com toda esta movimentação, tanto na sede quanto nas comunidades da região, houve o fomento da produção cultural local, o que contribuiu para o surgimento de muitos grupos, como o “Grupo de Teatro da ACB” e o “Grupo Idosos em Ação”.

Assim, as atividades culturais e de lazer foram mantidas como uma de suas ações, reforçando o compromisso institucional com a construção de vivências significativas nessas duas áreas. Paralelamente, o trabalho com as lideranças comunitárias continuou, agora focado na possibilidade de implementação das grandes áreas de atuação da Ação Comunitária.

Este novo enfoque no trabalho com as lideranças comunitárias expressava uma tendência de transformação da própria atuação das ONGs no Brasil, que é a especialização em temas e assuntos específicos e o trabalho por projetos focalizados nestes temas, o que, segundo Gohn (2008), resulta na busca de qualificação dos atores sociais que irão executar os projetos em parceria.

Neste momento em que o lazer passou a ser um direito constitucional, a Ação Comunitária esteve atenta às possibilidades de reflexão e de ação que esta prática social poderia proporcionar, quando relacionada à qualidade de vida e à contribuição para a construção de uma sociedade democrática. Ao propor atividades culturais e de lazer, contribuía para potencializar as iniciativas já existentes, bem como oferecia novas possibilidades de ampliação, socialização e de acesso a estas atividades, que naquele período eram direitos recém conquistados e muito longe de estarem garantidos.

Consolidação e novas frentes de trabalho

Durante a década de 1990, a Ação Comunitária consolidou seu trabalho na zona sul de São Paulo e ampliou o atendimento de forma sistemática. E uma das áreas prioritárias deste período foi o lazer. Em 1991, foi inaugurado o ginásio de esportes, anexo à sede, e implantado o Projeto Educação pelo Esporte. Além dos cursos permanentes de dança, teatro, violão e artesanato, passaram a ser desenvolvidas atividades ligadas ao esporte e ao movimento: vôlei, futsal, ginástica, handebol e basquete, dentre outras modalidades. Foi quando o departamento passou a ser chamado de “*Programa de Cultura, Lazer e Educação Física*” (PCLEF).

Para a implantação desta nova modalidade, um grupo de professores e pesquisadores da Escola de Educação Física da Universidade de São Paulo (USP) ajudou a elaborar uma proposta pedagógica relacionada à prática esportiva num sentido próximo a uma educação do movimento, já que a ideia era também implementar estas atividades junto às turmas de educação infantil atendidas pela Ação Comunitária. O trabalho nesse novo espaço foi assim descrito por Deise Sartori:

“O foco das atividades no ginásio era o da educação para o movimento. Ela não tinha um cunho esportivo competitivo, porque a USP estudava esta linha do movimento como algo que contribuísse para que as pessoas pudessem descobrir suas potencialidades e tivessem prazer naquilo que estavam fazendo sem a obrigatoriedade de vencer uma competição”.

O ginásio passou a ser um polo esportivo importante na região, por oferecer um variado cardápio de modalidades esportivas, ter uma programação de férias riquíssima e também por ser compartilhado com a comunidade do entorno, com o empréstimo da quadra nos finais de semana.

O que se buscava era uma verdadeira sinergia entre ações sociais no campo da educação, cultura, lazer e esportes na comunidade do entorno. Nesse momento, o lazer é incorporado mais claramente como prática educativa privilegiada para o desenvolvimento de uma formação de qualidade para o público da Ação Comunitária, que na época era bem diverso: crianças, jovens e idosos.

Como continuidade e consequência desta efervescência cultural na comunidade, muitos grupos surgiram: o grupo de teatro “Pé de lama”, o grupo de dança “Art Dancing”, o grupo de capoeira “Raça e cultura”. Eram tantos talentos que passaram a ser premiados por meio do projeto “Prata da Casa”, que escolhia anualmente os melhores

artistas de cada uma dessas modalidades. Nesta época, também eram organizados, em parceria com escolas públicas da região, os concursos literários; e houve ainda os shows musicais na Praça do Campo Limpo, estes realizados junto com a Associação de Artistas do bairro.

Paralelamente, estes mesmos grupos realizavam apresentações nas outras comunidades parceiras da Ação Comunitária, o que resultou em um circuito de difusão e circulação destas produções. Pode-se dizer que as atividades que aconteciam na sede e o caldo cultural que elas criavam, permitiram a integração das atividades educacionais, culturais e de lazer que há muito tempo já se realizavam. Esta integração foi um ganho qualitativo - do ponto de vista dos conhecimentos pedagógicos e de ordem técnica - que a Ação Comunitária passou a ter nesse momento de sua história, especializando sua intervenção.

A consagração da sede da Ação Comunitária como centro comunitário foi de extrema importância, por responder satisfatoriamente a uma demanda por lazer comunitário que estava longe de ser atendida pelo poder público. Apesar das recentes conquistas sociais, vivia-se um momento de paradoxos.

No plano social e político, o país saía do período de transição democrática e de conquista de novos direitos constitucionais, que ainda precisavam ser colocados em prática; já no campo econômico, registravam-se elevados índices de desemprego, subemprego e pobreza⁴ que pareciam ter impacto sobre um outro problema, a violência nas grandes cidades.

A explosão da violência urbana e o crescimento do poder paralelo nas regiões periféricas, durante a década de 1990, configuraram um momento de inflexão neste processo de consolidação democrática. Um dos exemplos mais dramáticos deste período foi a declaração feita pela Organização das Nações Unidas (ONU), em 1996, de que o bairro Jardim Ângela era o mais violento do mundo por causa das altas taxas de homicídio⁵.

O lazer como direito

O cenário que se desenhava era, de um lado, a diminuição da atividade do Estado em diferentes esferas, inclusive na garantia da consolidação dos direitos sociais recém-adquiridos, o que incluía o lazer. De outro, ampliava-se a atuação da sociedade civil em espaços de articulação com o poder público (fóruns, conselhos, redes), ao

⁴ Sobre a situação social no Brasil nos anos 1980 ver: SANTAGADA, Salvatore. A situação social do Brasil nos anos 80. Indicadores Econômicos FEE, 1990: Porto Alegre, v. 17, n. 4, p. 121-143.

⁵ Sobre o contexto e as vicissitudes deste cenário ver: TELLES, Vera. A cidade nas fronteiras do legal e ilegal. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2010.

mesmo tempo em que se expandiam e se fortaleciam outros atores: os chamados novos movimentos sociais (que lutavam e lutam por questões de identidade, ambientais e de direitos humanos) e as ONGs.

Um marco deste período, relacionado a uma concepção ampliada de direitos, foi a discussão acerca da infância e adolescência, cuja expressão no âmbito legal foi o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA – Lei Federal nº 8.069), promulgado em 13 de julho de 1990. O Estatuto é o resultado da incorporação pela sociedade brasileira de uma nova concepção relacionada à forma de considerar jurídica e socialmente a criança e o adolescente, que também abriu canais de participação para a sociedade civil em âmbito nacional (CONANDA), estadual e municipal (conselhos estaduais e municipais de direitos da criança e do adolescente).

É importante destacar que o ECA reforçou alguns pontos que constavam na Constituição de 1988 e estabeleceu diretrizes específicas relacionadas ao Direito à Educação, à Cultura, ao Esporte e ao Lazer (título II, capítulo IV Art. 59): os municípios, com apoio dos estados e da União, devem estimular e facilitar a destinação de recursos e espaços para programações culturais, esportivas e de lazer voltadas para a infância e a juventude.

Em consonância com mais esta conquista e este marco legal, a Ação Comunitária, que já trabalhava com este público, decide focar no desenvolvimento integral da faixa-etária (6 a 15 anos), com a criação em 1997 do Programa Crê-Ser, de educação complementar.

Diante das novas diretrizes do ECA e tendo em vista a experiência do então *Programa Cultura, Lazer e Educação Física* (PCLEF), a Educação Física é incorporada como um campo de conhecimento a ser trabalhado junto a este programa. Como aliás já fazia a entidade em seu *Programa de Educação Infantil*, de acordo com a perspectiva do desenvolvimento integral:

A noção de desenvolvimento integral está cunhada na Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB) promulgada em 1996. Definida na LDB como primeira etapa da Educação básica a Educação Infantil tem por finalidade: “o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”. (Art. 29 da Lei no 9394/96).

Tem-se aí a primeira iniciativa que sinaliza uma tendência que se consolidaria ao longo dos anos 2000: o Projeto Integração concretizou a transversalidade das ações de cultura e lazer entre os programas da Ação Comunitária. Será esse o momento descrito a seguir.

O despontar de uma nova missão

Durante a década de 1990, muitas ONGs passaram por crises econômicas internas devido às readequações e mudanças de posicionamento necessárias, diante das novas diretrizes de distribuição das políticas públicas e também como reflexo da instabilidade econômica que assolou o país naquele período. Foi o surgimento de uma nova gramática (Gohn, 2008) relacionada à efetivação de políticas feitas, em grande medida, em parceria com entidades da sociedade civil, por meio de projetos sociais e programas focalizados.

Na Ação Comunitária, a necessidade de modernização da gestão nas áreas administrativa, financeira (com a diversificação das fontes de recursos e dos parceiros), e também nas áreas pedagógicas foi traduzida em medidas práticas a partir de 2002, resultando em uma ampla reforma organizacional. Como uma das diretrizes desta reforma, a gestão dos programas passou a incorporar a integração entre os mesmos, o que de alguma forma já acontecia com aulas de Educação Física e atividades culturais na Educação Infantil.

Transversalidade

Agora, por meio do *Projeto Integração*, essas atividades passavam a ser permanentes e sistemáticas. O *Programa Cultura e Lazer* torna-se um núcleo transversal aos programas *Primeiras Letras* (que atende crianças de 2 a 5 anos), *Crê-Ser* (crianças e adolescentes de 6 a 15 anos) e o *Preparação Para o Trabalho* (jovens de 15 a 21 anos).

As atividades culturais e esportivas que aconteciam nas dependências do Ginásio de Esportes e na sede da Ação Comunitária permaneceram até 2004 e depois foram encerradas, pois o foco passou a ser a oferta destas atividades nas organizações sociais parceiras, onde os programas eram e são implementados. A mudança de foco foi coerente com a redefinição da missão que ocorreu em 2002:

“Contribuir de forma contínua e integrada para a inclusão social – educação, cultura, empregabilidade e cidadania – de crianças, adolescentes e jovens em parceria com lideranças comunitárias formalmente organizadas”.

Nesta nova missão, a caracterização do público a ser atendido e a parceria com lideranças comunitárias eram diretrizes que necessitavam da implementação de novas estratégias

e de uma readequação das estruturas institucionais, conforme relata Deise Sartori: “*Depois que a nova missão é declarada, examinamos tudo o que fazíamos, no planejamento estratégico liderado por dois diretores da Ação Comunitária, e fomos provocados a pensar o conteúdo e a forma de nossas ações*”.

Com o Projeto Integração, a transversalidade estava garantida, mas aos poucos percebeu-se a necessidade de que a cultura se tornasse um campo de conhecimento a ser trabalhado no âmbito dos programas, ou seja, que deveria constar em seus projetos político-pedagógicos e não apenas como uma atividade adicional aos mesmos.

A consolidação desta proposta se deu com o *Projeto Som, Ritmo e Movimento*, contemplado pela primeira vez com a Lei Rouanet⁶ em 2005. Nele, as atividades de cultura e lazer passaram a ser desenvolvidas de forma sistemática, em consonância com as diretrizes de cada programa, depois de diversas consultas junto aos públicos dos programas, às equipes técnicas e aos líderes.

O *Projeto Som, Ritmo e Movimento* tem como objetivo produzir, promover e difundir bens culturais para cerca de 5000 crianças e jovens, 30 educadores, 45 líderes comunitários e 30 gestores de programas socioeducacionais da região sul da cidade de São Paulo e das cidades de Itapeverica da Serra e Embu Guaçu, por meio de oficinas de música instrumental, artes cênicas, capoeira e visitas monitoradas a espaços culturais da cidade de São Paulo.

Transcorridos oito anos ininterruptos de implementação gradativa deste projeto, no qual atividades de teatro, música, capoeira e visitas monitoradas foram realizadas de forma universal com jovens e crianças dos programas, podemos afirmar que muitos ganhos e aprendizados foram sedimentados.

Além da expansão quantitativa destas atividades, houve um ganho qualitativo imenso com a contratação de educadores culturais, com o trabalho de formação continuada destes em conjunto com os educadores sociais e em relação ao trabalho desenvolvido junto ao público.

⁶ Concebida em 1991 para incentivar investimentos culturais, a Lei Federal de Incentivo à Cultura (Lei nº 8.313/91), ou Lei Rouanet, como também é conhecida, poder ser usada por empresas e pessoas físicas que desejam financiar projetos culturais.

Outro ganho do *Projeto Som, Ritmo e Movimento* se refere aos processos criativos intensos que ocorrem no âmbito das atividades dos programas e que são compartilhados na Mostra Cultural anual da Ação Comunitária. Em outros momentos do Núcleo, aconteceram pontualmente feiras pedagógicas e algumas mostras culturais organizadas com recursos próprios pela equipe, com o intuito de promover a troca e a visibilidade do trabalho cotidiano.

Com o incentivo do *Projeto Som, Ritmo e Movimento*, a Mostra Cultural se amplia e torna-se o ponto alto de todos os anos, pois é o momento em que os diversos educadores culturais, educadores sociais, líderes e gestores das entidades parceiras, a equipe técnica da Ação, pais e comunidade se encontram para prestigiar as apresentações das crianças e jovens que fizeram parte do projeto.

Recuperamos o depoimento escrito por Reinaldo Pacheco sobre a primeira Mostra ocorrida no final de 2005:

“Toda riqueza apresentada aqui nos faz refletir sobre algo: toda ação comunitária é sempre uma ação cultural. A ação comunitária como ação cultural é aquela que provoca, instiga mudanças, transforma. Potencializa novas descobertas e possibilidades. E muito disso pode ser feito no tempo de lazer destas crianças e jovens, abrindo-se assim a possibilidade de maior participação comunitária no “tempo livre” – aquele tempo no qual podemos exercitar autonomia relativa em relação às obrigações cotidianas e experimentar o novo, ritualizar o existente, encontrar o outro e por consequência construir a nossa própria identidade.”

Líderes e gestores

No processo de reavaliação das várias frentes de trabalho, que ocorreu com a ajuda de consultores e especialistas convidados, verificou-se que a Ação Comunitária havia desenvolvido um sólido programa de formação de educadores. Porém, naquele momento específico, tendo em vista a nova missão e a capilaridade de seu trabalho junto a tantas organizações, era preciso desenvolver um trabalho aprofundado junto aos líderes e gestores das organizações parceiras.

Assim, em 2000, tem início o *Programa de Formação de Lideranças*, com foco na gestão de organizações sociais. Este trabalho ganha maior força com a criação, em 2009, da área de Desenvolvimento Comunitário como um setor estratégico da

Ação Comunitária para o trabalho junto aos gestores e líderes. Dessa forma, a organização tentava responder a uma tendência e à necessidade de qualificação destes importantes parceiros. Em determinado momento, no entanto, ela percebeu que a ênfase do *Programa de Formação de Lideranças* recaía sobre a gestão da organização e dos programas, enquanto um outro aspecto da atuação destes líderes não estava ocorrendo: a mobilização social da comunidade.

“Mobilizar é convocar vontades para atuar na busca por um propósito comum, sob uma interpretação e um propósito compartilhados”. *Bernardo Toro*

Ao mesmo tempo, ao se avaliar o impacto e as ressonâncias das atividades culturais para além do âmbito dos programas, percebeu-se que as potencialidades de mobilização social que o envolvimento das famílias e da comunidade poderia proporcionar não eram fomentadas pelos líderes e gestores. Em poucos casos, foi despertada a percepção de que as atividades culturais e de lazer poderiam ser expandidas para além dos horários, dias e públicos a que foram inicialmente destinadas.

Um novo olhar

Foi neste momento que nasceu a necessidade de olhar para a cultura e o lazer como ferramentas de desenvolvimento comunitário, ou seja, de recuperar o caráter potencializador destas atividades. Assim, além do *Projeto Som, Ritmo e Movimento*, que já contemplava as crianças, jovens e adolescentes com atividades culturais de qualidade, era necessário expandir as ações do *Núcleo de Cultura e Lazer* para além desta ação. É quando, em 2011, acontece em 5 organizações sociais parceiras o projeto piloto Lazer Comunitário, com atividades de ginástica, aulas de dança, exposições de filmes, oferecidas nos finais de semana aos familiares das crianças e adolescentes atendidos.

Ao recuperar a trajetória das ações de cultura e lazer, foi percebido que um dos objetivos do *Programa de Formação de Lideranças*, a mobilização comunitária, havia em algum momento refluído. E isso como resultado de um amálgama de fatores relacionados a conjunturas políticas e sociais que levaram a uma desmobilização dos movimentos sociais surgidos nos anos de 1970 e 80. Como já foi dito, citando Gohn (2008), uma “nova gramática” de relação com a esfera estatal se colocava, tanto no plano político quanto na gestão das demandas sociais, o que levou a um processo de especialização e burocratização das ONGs.

Neste cenário do novo milênio, constatou-se a necessidade de recuperar uma vocação do Programa relacionada às atividades de cultura e de lazer, capazes de mobilizar as famílias e o entorno das organizações sociais. Dessa forma, seria potencializado o uso destes equipamentos comunitários como espaços para oferecer atividades qualificadas também aos finais de semana, favorecendo situações de fortalecimento de vínculos, além de uma participação crítica e criativa na construção de uma sociedade mais justa. Este é o embrião do *Projeto Lazer Comunitário*, que será apresentado nesta publicação.

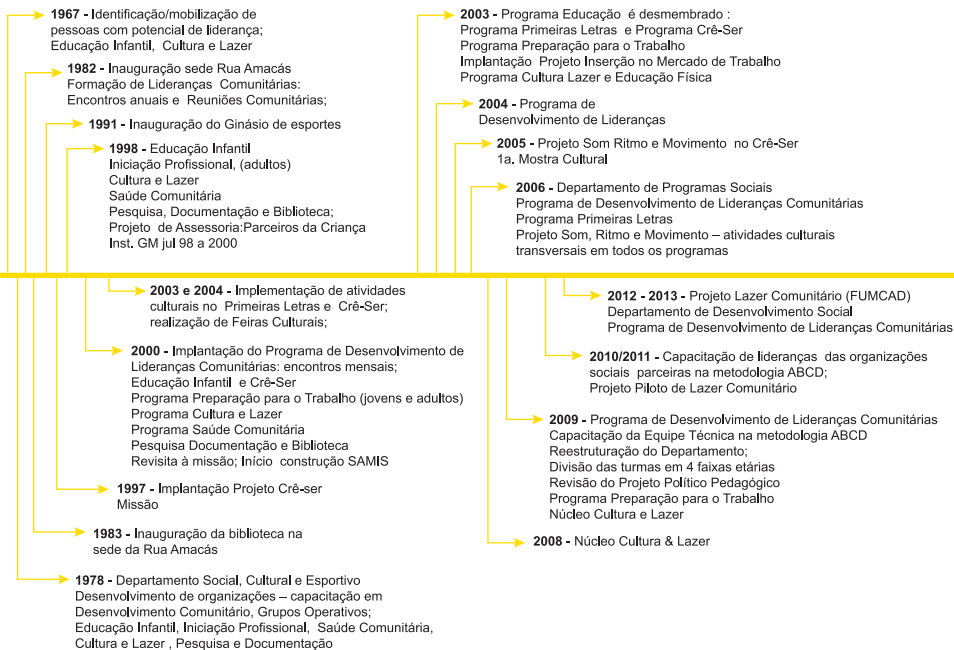
O longo caminho de atuação da Ação Comunitária nesses 46 anos de existência, retratado na linha do tempo (ver imagem 1), mostra a sua capacidade de responder aos desafios e necessidades de várias conjunturas sociais e políticas, sempre tendo em vista o trabalho de fortalecimento junto às organizações parceiras. Neste momento, há necessidade de recuperação das atividades de lazer como possibilidade de ampliação das relações sociais.

Referências bibliográficas

- CALDEIRA, Teresa. Cidade de Muros. São Paulo: Editora 34, 2000.
- CARVALHO, José Murilo de. Cidadania no Brasil. O longo Caminho. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- CHAUÍ, Marilena. Convite à Filosofia. São Paulo: Ática, 1995.
- GOHN, Maria da Glória. Movimentos Sociais e educação. São Paulo: Cortez, 2001.
- _____. O protagonismo da sociedade civil: movimentos sociais, ONGs e redes solidárias. São Paulo: Cortez, 2008 (2ª edição).
- _____. Movimentos sociais e redes de mobilização civis no Brasil contemporâneo. São Paulo: Vozes, 2010.
- LIMA, Luiz Octavio Lima Camargo. O que é Lazer. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- MAGNANI, José Guilherme C. Festa no Pedaco: Cultura Popular e Lazer na Cidade. São Paulo: Hucitec, 2003 (3ª edição)
- MARCELLINO, Nelson de C. Lazer e Educação. Campinas: Papirus, 4ª ed., 1998.
- _____. Pedagogia da animação. Campinas: Papirus, 8ª ed., 2007.
- SADER, Eder. Quando Novos Personagens Entraram em Cena. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.
- SANTAGADA, Salvatore. A situação social do Brasil nos anos 80. Indicadores Econômicos FEE, Porto Alegre, v. 17, n. 4, 1990, p. 121-143.
- SILVA, José Afonso da. Curso de Direito Constitucional Positivo. 6ª ed. São Paulo: Malheiros, 1990.
- TELLES, Vera. A cidade nas fronteiras do legal e ilegal. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2010.
- WEBER, Max. Comunidade e sociedade como estruturas de socialização. In: FERNANDES, Florestan. Comunidade e Sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicações. São Paulo: Editora Nacional e Editora da USP, 1973. Pág. 140-143.
- WERNECK, Christiane. Lazer, trabalho e educação. Belo Horizonte, CELAR/Ed. UFMG, 2000.

Linha do Tempo

Na Ação Comunitária



Na Sociedade Brasileira

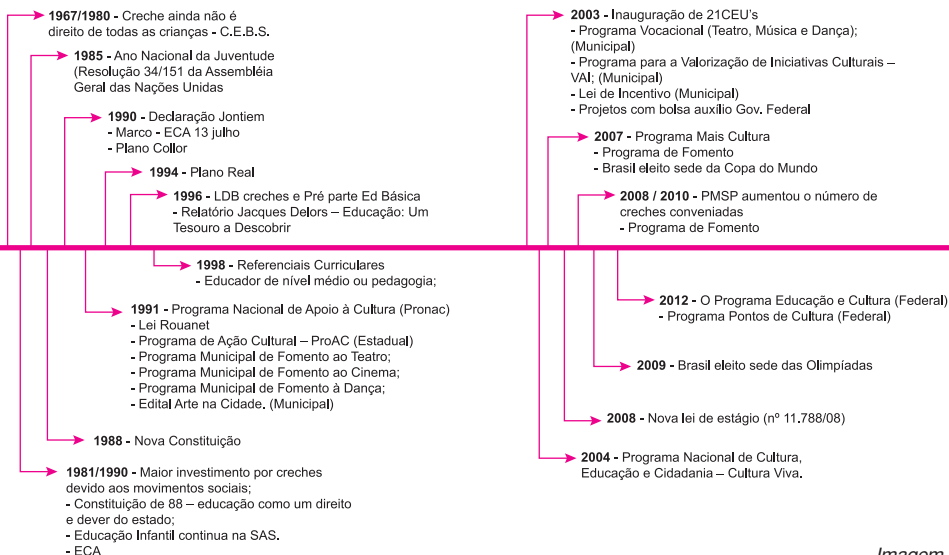


Imagem 1

Viver Comunidade!

Cultura e Lazer como Estratégias de Fortalecimento Comunitário

“Gente junta que cria trabalho. Gente reunida é produtora de economia, criando conjuntamente economia e cultura. E sendo produtora de cultura, também é produtora de política. O país de “baixo” é uma fábrica de manifestações genuínas, repetitivas e autênticas. É aí que se encontra a riqueza da improvisação. Essas formas espontâneas, ou quase, tanto são alimentadas pelas tradições quanto das inovações. Esse mundo dos homens lentos é o que lhes permite fruir, gozar, ampliar a cultura territorializada, onde se dá a fusão entre tempo e lugar, como expressão da vida em comunhão, na solidariedade e na emoção”.

(Milton Santos)



É possível construir o fortalecimento comunitário?

As atividades culturais e de lazer sempre estiveram presentes na atuação que a Ação Comunitária desenvolve há 46 anos. Ao longo desse tempo, muitas experiências se acumularam e um saber social foi construído com a contribuição do trabalho de diversos profissionais, no contato com as comunidades empobrecidas, na prática diária e também na troca com o saber produzido pela academia. Neste momento, é importante delimitar melhor os termos, encontrar os pontos de contato e deixar mais claro como a tríade cultura, lazer e fortalecimento comunitário pode atuar para o fomento à participação, o estímulo à capacidade de mobilização e o desenvolvimento das comunidades.

A cultura pode ser entendida tanto como produção simbólica quanto como uma prática. É no campo das práticas culturais, que atravessam diferentes dimensões da vida das pessoas, que se incluem as atividades do lazer. Analisá-lo a partir do olhar da cultura é o que fazem alguns estudiosos deste campo, como Nelson Marcellino (1987: 31), que define o lazer “como a cultura – compreendida no seu sentido mais amplo, vivenciada (praticada ou fruída) no “tempo disponível”.

Mas é outra estudiosa desse campo, Christiane Werneck, que dá um salto no entendimento dessa relação, ao classificar o lazer como direito:

“(…) um direito social, em princípio proveniente das conquistas dos trabalhadores por um tempo legalmente regulamentado; e como uma possibilidade de produção de cultura, por meio da vivência lúdica de vários conteúdos, mobilizada pelo desejo, permeada pelos sentidos de liberdade, autonomia, criatividade e prazer, os quais são coletivamente construídos.” (Werneck: 2000: 132).

Para a maioria da população, a participação cultural, no sentido de usufruir e criar cultura, só se realiza nos momentos de lazer. É preciso ter em mente que o lazer é um fenômeno da sociedade contemporânea urbano-industrial. Ele se constitui como o “tempo livre” conquistado pelos trabalhadores, pois só é possível neste contexto, em contraste com o tempo ocupado pelo trabalho.

Pode-se pensar o lazer enquanto momento privilegiado de produção e fruição cultural. É nele que se concretizam as possibilidades de vivenciar o lúdico, o exercício da

criatividade, da autonomia e do reconhecimento do outro. Neste sentido, vale lembrar do *duplo aspecto educativo do lazer*, citado por Marcellino (1987), que significa considerá-lo como objeto e instrumento de educação, o que remete a uma postura de implementação de atividades que possibilitem o desenvolvimento pessoal e social das comunidades em que se atua. Como é possível isso? É o que será apresentado a seguir.

Metodologia Colaborativa

As variadas formas que as atividades desenvolvidas pela Ação Comunitária assumiram ao longo do tempo demonstram que a relação que se estabeleceu com o lazer sempre refletiu aspectos da conjuntura política e também as mudanças da forma de organização dos movimentos e grupos populares.

Diante de novos desafios e demandas sociais e na permanente revisão de suas práticas – em busca de referências e diálogos com novas perspectivas teóricas e metodológicas, a organização decidiu ampliar seu espaço de atuação na cultura e no lazer, tendo em vista as possibilidades de mobilização que essas áreas ensejam.

Desde 2009, a entidade trabalha junto à sua equipe, líderes e gestores parceiros, com os princípios da Metodologia da Abordagem Colaborativa, idealizada por dois pesquisadores da *Northwestern University* de Chicago: John Kretzman e John Mcknight. Eles observaram que o desenvolvimento comunitário estava intimamente ligado à forma como governos e agentes sociais compreendiam a realidade comunitária e como atuavam sobre ela. Notaram quando o modelo de desenvolvimento era baseado nas necessidades e carências, identificando (mesmo com investimentos) apenas as faltas, muitas comunidades não avançavam no sentido da conquista de desenvolvimento econômico e social.

Os resultados, porém, foram outros quando os investimentos em desenvolvimento comunitário passaram a se basear nos recursos locais, na valorização dos talentos e do capital social existentes na própria comunidade. Assim, essa abordagem propõe um olhar positivo sobre as comunidades. Os chamados pilares desta metodologia são: a) O protagonismo comunitário, no qual os moradores devem ser os principais agentes das mudanças; b) O foco no reconhecimento dos talentos e recursos locais, conectando-os e potencializando suas ações e c) O fomento de parcerias pessoais e institucionais entre moradores e instituições.

O que levou a Ação Comunitária a trabalhar com a Metodologia Colaborativa foi justamente a identificação em seus pilares de ações similares às que realizou durante esse quase meio século de trabalho nas comunidades de São Paulo. Utilizando outras nomenclaturas, ou mesmo outras metodologias, seu trabalho sempre foi voltado para o fortalecimento das diversas organizações sociais com as quais trabalhou, no sentido do seu protagonismo e do investimento nos talentos e recursos locais.

Esta metodologia demonstrou ser uma ferramenta interessante para o trabalho da área de Desenvolvimento Comunitário criada em 2009. A ideia aqui foi abrir um campo específico de relação com as entidades, líderes e gestores, tendo em vista o apoio técnico ao processo de organização comunitária e o fortalecimento daquelas organizações junto à comunidade local. Em 2010 e 2011 foram realizados encontros de formação de líderes e gestores, nos quais foram trabalhados os fundamentos da Metodologia Colaborativa.

Foi também em 2011 que o projeto piloto de lazer comunitário foi desenvolvido em sete organizações sociais parceiras. A partir desta experiência o desenho de uma proposta de fortalecimento comunitário por meio do lazer fica mais claro bem como suas conexões com as ferramentas oferecidas pela Metodologia Colaborativa.

Enquanto prática cultural, o lazer é potencializador do encontro informal, do contato face a face, onde se reconhece o outro e se estabelecem vínculos, um espaço privilegiado onde se cria e recria. As diversas atividades que podem ser desenvolvidas como práticas de lazer enriquecem os relacionamentos interpessoais por meio do lúdico e aumentam o convívio social, abrindo a possibilidade de que se amplie o universo de manifestação do próprio lazer.

Por estas características inerentes que possuem, essas atividades favorecem a vivência de situações que geram o fortalecimento comunitário das organizações que as promovem. Organizar uma festa, um encontro para assistir um filme, um baile, um jogo de futebol ou a participação em uma excursão são atividades que favorecem o “reconhecimento de suas potencialidades como um tempo de vivência de novos valores questionadores da realidade social”, como aponta Marcellino (2007).

O desafio diante do qual se colocou o Núcleo de Cultura & Lazer partiu do reconhecimento de que, ao propor o uso dos espaços comunitários para o lazer nos finais de semana, precisaria construir, organizar e adensar essas atividades. E teria que

fazê-lo respeitando a dinâmica social das organizações que aderiram ao projeto, mas também propondo relações compartilhadas e novas maneiras de criar laços de pertencimento com a comunidade local.

Deste modo, a proposta do *Projeto Lazer Comunitário* tem como ponto de partida a compreensão das organizações sociais enquanto espaços abertos para a participação e para a realização de ações dialogadas entre todos os atores sociais que compõem esse cenário: gestores, educadores sociais, crianças, adolescentes e jovens com seus familiares, a vizinhança. Esse envolvimento de toda a comunidade se justifica a partir da ideia de que, tornando-se mais participativas, essas organizações podem se transformar em espaços que contribuam com a democratização das práticas culturais no âmbito do lazer.

A Ação Comunitária compreende que essa premissa se efetivará a partir da criação de laços sociais e de processos que não estão dados *a priori*, pois não existe uma receita para a mobilização social. Assim, propõe que se tome esta proposição de trabalhar com o lazer e o fortalecimento comunitário, não como uma relação de causa e efeito, mas sim no reconhecimento das potencialidades de cada uma delas.

A tríade *cultura, lazer e fortalecimento comunitário* é portanto a base do Projeto Lazer Comunitário e a sua implementação foi uma grande oportunidade para se aplicar a Metodologia Colaborativa. Esta aplicação se deu nas várias etapas de implementação do projeto, que serão descritas no próximo tópico.

Os caminhos percorridos no Projeto Lazer Comunitário

O *Projeto Lazer Comunitário* é o resultado de um longo processo, de acúmulo de experiências e reflexões, relacionado ao trabalho que a Ação Comunitária vem realizando. A constatação de que as atividades culturais e de lazer são importantes ferramentas de fortalecimento comunitário nas organizações sociais que ela apoia, sempre esteve no horizonte de suas preocupações. O desafio era implementar um projeto que agregasse toda esta experiência dialogando com o contexto atual.

Concepção: projeto piloto

Ao final de cada ano, é feita a avaliação de todo o trabalho desenvolvido pela Ação Comunitária bem como o planejamento das ações do ano seguinte. Esta avaliação envolve toda a equipe e os membros da diretoria. Em 2009, a avaliação do trabalho

do então chamado Núcleo de Cultura & Lazer mostrou que as atividades culturais desenvolvidas em consonância com as diretrizes de cada programa haviam se consolidado e que a cultura se tornara um campo de conhecimento trabalhado no âmbito dos programas.

Foi nesse momento que um dos membros da diretoria provocou uma reflexão relacionada ao papel do Núcleo, tendo em vista esta consolidação do entendimento da cultura como um campo de conhecimento presente nos outros programas. O que o Núcleo poderia olhar naquele momento?

Naquela época, as atividades de cultura e lazer eram desenvolvidas no âmbito do *Projeto Som, Ritmo e Movimento*, atendendo especificamente o público dos programas da Ação Comunitária. O lazer e a cultura faziam parte do escopo de reflexão do Núcleo mas estavam direcionados apenas para este projeto.

No mesmo ano a equipe da Ação Comunitária passou pela formação na Metodologia da Abordagem Colaborativa. Com esta nova aquisição teórica e a partir da provocação reflexiva sobre o papel do Núcleo, percebeu-se que um caminho de fortalecimento destas comunidades era reconhecer, promover e valorizar as atividades de lazer comunitário, como elos para novas conexões entre as organizações e a população que vive em seu entorno.

Isto porque - vale lembrar - dentro da Abordagem Colaborativa, o desafio colocado é o conhecimento e a valorização dos talentos e recursos existentes na comunidade, pois “ao identificarem os recursos locais, os moradores passam a reconhecer o potencial de sua comunidade e começam a estabelecer novas conexões, fortalecer as já existentes, entre os indivíduos, seus grupos e instituições locais, assim como entre esses atores, e as causas que são importantes para o desenvolvimento daquela comunidade” (Neuman, 2004: 23).

No final de 2010, a entidade realizou junto às organizações parceiras uma pesquisa com o intuito de conhecer o funcionamento delas nos finais de semana e saber do interesse que tinham em desenvolver nesse período atividades de lazer para as famílias das crianças, adolescentes e jovens que as frequentavam. Este diagnóstico inicial demonstrou que havia organizações interessadas e com potencial para desenvolver este tipo de ação.

Em 2011 foram promovidas duas formações para líderes e gestores. Nelas, foram trabalhados os conceitos de cultura e lazer, sendo a sensibilização para estes temas feita por mediadores da Ação Comunitária.

Após declararem interesse na realização de atividades nos finais de semana, algumas entidades receberam o convite para participar do projeto piloto de Lazer Comunitário, que ocorreu no segundo semestre de 2011. Atividades como exibições de filmes, aulas de ginástica e de dança foram realizadas nos finais de semana em 5 organizações parceiras, tendo como público prioritário as famílias.

A partir do projeto piloto, a tríade cultura, lazer e fortalecimento comunitário ganha contornos mais nítidos, com a formação dos líderes e gestores na Metodologia da Abordagem Colaborativa e com o desenvolvimento de atividades de lazer junto às famílias nos finais de semana. Esta experiência foi uma importante etapa do processo de gestão do projeto, que será apresentado a seguir.

Fluxograma de construção e consolidação do projeto:

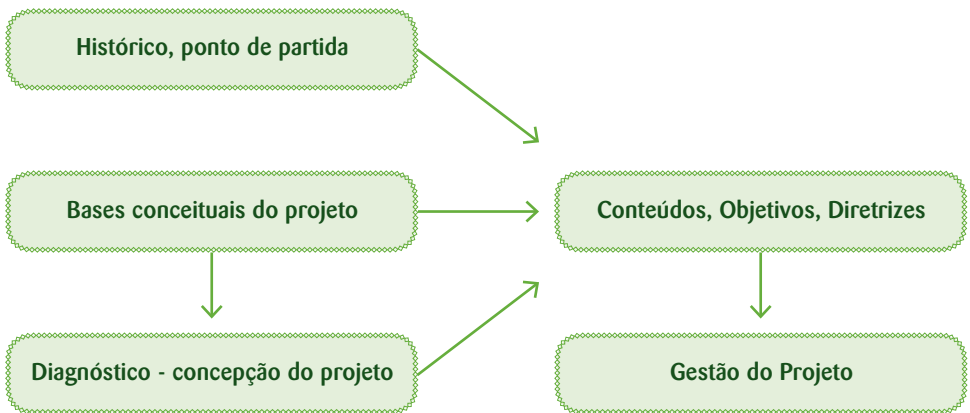


Imagem 2

Esta estrutura reflete boa parte das atividades de lazer que a Ação Comunitária vem realizando ao longo de sua trajetória: eventos comunitários, práticas esportivas, programação de férias, oficinas culturais e atividades formativas com líderes, gestores e sua própria equipe.

As diretrizes e a metodologia que orientaram o projeto dizem muito a respeito do saber-fazer oriundo da prática, experiência e trajetória da Ação Comunitária. Em uma exposição mais detalhada da proposta, pode-se entender melhor a intervenção e as fases de implementação do projeto. Aqui estão os passos dessa caminhada.

Diretrizes

Base do Projeto Lazer Comunitário, a tríade *cultura, lazer e fortalecimento comunitário*, impõe que se veja no conjunto de suas atividades a possibilidade de produção e construção de uma prática social que valorize o trabalho coletivo e participativo. As atividades de cultura e de lazer são vivências geradoras de valores que favorecem o fortalecimento comunitário por meio dos atos de criar e usufruir cultura.

Nesse processo, os líderes e gestores das organizações sociais são importantes por abrirem as portas destes espaços para práticas de lazer que, por sua vez, desencadeiam relações de sociabilidade e participação no seu entorno.

Assim, o princípio básico do qual parte a proposta do projeto e sua estruturação é a colaboração em todas as etapas. No âmbito da Metodologia Colaborativa, ela é assim entendida:

“Realizar trabalhos em conjunto, onde os articuladores e a comunidade atuem juntos a partir de uma visão comum. Isso pode exigir o surgimento de novas estruturas, onde o poder deve ser compartilhado(...) A colaboração pressupõe construir juntos, deixando de lado os preconceitos e interesses individualistas.” (Neuman, 2004)

O primeiro passo da Ação Comunitária junto às organizações que realizaram o projeto foi o convite à colaboração. Ela aconteceu por meio de uma rede de relações na qual a própria comunidade se tornou protagonista e que valorizava toda forma de contribuição. As pessoas foram convidadas a participar e estimuladas a se perceber como sujeitos do processo de construção do fortalecimento comunitário.

Durante as formações realizadas com os líderes e gestores, eles foram convidados a fazer uma leitura da comunidade com a qual estavam interagindo, a partir da “mudança de olhar”, direcionando o foco para os talentos e recursos ali existentes, em vez de apontar somente as deficiências e necessidades.

Nas formações em que os temas da cultura e do lazer foram abordados, os responsáveis pelas organizações foram instigados a comentar aspectos das atividades nessa área, falar sobre a participação das famílias nas organizações, provocando uma leitura reflexiva da realidade na qual estavam inseridos e convidando-os a avaliar como estavam lidando com as oportunidades que se apresentavam no entorno da organização.

Era o primeiro passo para a implementação do *Projeto Lazer Comunitário*: líderes e gestores saíram dali fortalecidos para a busca ampliada por recursos e talentos locais.

Plano de Ação

O passo seguinte, foi a realização de uma ação *diagnóstica* da realidade da *organização*, tendo como objetivo tornar o projeto exequível, por meio do conhecimento dos limites e potencialidades de cada comunidade, principalmente aqueles relacionados com a produção cultural local e à existência ou não de atividades de lazer.

Nesta fase, realizada junto ao gestor da organização, procurou-se conhecer:

- A trajetória da organização social e sua experiência anterior relacionada às atividades de cultura e lazer;
- A estrutura e o funcionamento interno da organização;
- Os recursos disponíveis, fossem eles humanos, de infraestrutura, etc;
- O grau de conhecimento sobre (e a indicação de) recursos e talentos locais.

Paralelamente à ação diagnóstica, tinha início o processo de *planejamento* das atividades que, como já foi dito, poderiam ser eventuais ou sistemáticas. Nesta etapa, algumas sugestões de encaminhamentos foram:

- Definir o público de forma que as pessoas não atendidas diretamente na organização se integrassem ao projeto, possibilitando inclusive a participação das famílias dos frequentadores;
- Seleção e adaptação dos locais para a realização das atividades ou eventos;
- Organização da equipe, formada por educadores, voluntários, lideranças e outras pessoas da comunidade.

Partiu-se então para a etapa da escolha das atividades de lazer, que eram práticas culturais das mais diversas. Procurava-se sempre abranger várias possibilidades de escolha, para garantir que fosse contemplado o interesse do grupo inteiro. Além disso, essa diversificação da oferta também estimulava o desenvolvimento de novos hábitos.

Para embasar as infinitas possibilidades de escolha de atividades de lazer, foi utilizado o quadro classificatório proposto por Joffre Dumazedier (1980), que as divide em cinco grupos: físicas, artísticas, manuais, intelectuais e sociais.

Para este autor, a classificação se refere aos interesses e aspirações predominantes que conduzem o indivíduo a uma atividade. Ele ressalta, no entanto, que isto não se dá de forma isolada, pois quando um grupo se reúne, por exemplo, para jogar futebol, a motivação não está relacionada somente à atividade física, mas também à atividade social que a acompanha, ao encontro com outros indivíduos.

- Os *interesses físicos* são aqueles relacionados com as práticas corporais e esportivas. São atividades em que prevalece algum tipo de exercício físico, como esportes em geral, modalidades de ginástica, caminhadas etc;
- Os *interesses artísticos* têm a experiência estética como critério predominante na busca de manifestações em campos como artes plásticas, cinema, música, teatro e dança;
- Os *interesses manuais* são aqueles exercidos pelo prazer em manipular, transformar materiais, como acontece na culinária, marcenaria, artesanato, corte e costura, jardinagem, tricô e crochê, etc.
- Os *interesses sociais* são aqueles direcionados para a sociabilidade e a formação de grupos nos quais a preponderância é de ordem social. Todas as atividades de lazer tendem a propiciar a formação de grupos mas, neste caso, é justamente isso o que se busca: promover o encontro. São as festas, eventos, reuniões de amigos em bares, associações, etc;
- Os *interesses intelectuais* se relacionam com a reflexão e o raciocínio, estão voltados para a informação e envolvem um esforço de pensamento, como os cursos livres de informação geral, palestras, leitura, jogos como xadrez, baralho, etc.

Para que a população envolvida pudesse escolher e optar por alguma atividade sistemática, foram promovidos os *encontros com a comunidade*, nos quais era feita a apresentação das principais propostas do projeto, depois de apuradas as expectativas e ouvidos os relatos sobre o que essas pessoas já sabiam e praticavam em termos de lazer. Dessa forma, era realizada uma enquete para que a atividade fosse definida.

Com o resultado desse levantamento em mãos, era definida junto com o gestor a atividade sistemática a ser realizada na organização, levando em conta a realidade local, as faixas etárias envolvidas e o interesse manifestado na enquete. Ocorria assim o diálogo com a comunidade, mas também a proposição de outras possibilidades de vivência do lazer, sempre respeitando o gosto cultural local.

Nas definições das atividades esporádicas (férias e eventos), também se procurava envolver toda a equipe da organização e a comunidade, para elaborar e definir a programação por meio de reuniões de planejamento, comissões de organização, etc.

Chegou o momento da *implementação das atividades de lazer* e, para isso, tornaram-se necessárias uma divulgação ampliada, a proposição de novas parcerias e o acompanhamento da implementação do projeto para eventuais correções de rumo. Em um primeiro momento, buscou-se envolver a comunidade na atividade ou evento, promovendo uma mudança do olhar daquela comunidade para a organização, vista agora como um espaço de lazer. Houve uma percepção de que a realização da atividade poderia ser mais rápida ou mais lenta, dependendo das características da comunidade e da própria organização.

No processo de implementação das atividades de lazer, o monitoramento feito pela equipe da organização e da Ação Comunitária revelou-se imprescindível. Por conta disso, surgiram algumas questões relacionadas ao posicionamento e à intervenção na perspectiva da colaboração: De que maneira executar o trabalho? Que processos participativos desenvolver? Como as diferentes tarefas serão realizadas?

A equipe foi composta por cinco tipos de profissionais: orientador pedagógico, responsável pela organização, animador cultural e esportivo, educador cultural e esportivo e pesquisadora.

Equipe do projeto:



Imagem 3

O trabalho de animação cultural

“O germinar de um trabalho presente e futuro”

O potencial para germinar em futuras ações fortalecidas é uma das principais características do trabalho de animação cultural desenvolvido neste projeto. Nele, nos deparamos com surpresas e desafios comuns a toda iniciativa inovadora e corajosa da Ação Comunitária: parceria com agentes locais, democratização cultural e respeito à diversidade artístico-cultural.

O gratificante foi perceber a abertura para se realizar parcerias com as organizações e suas equipes técnicas, buscando sempre um diálogo direto com a comunidade local. Valorizar seus pontos de vista e gostos foi um diferencial, pois a animação cultural nos proporcionou a proximidade com agentes antes ocultos na comunidade e a percepção do quanto estas pessoas necessitavam ser reconhecidas e valorizadas para que se fortalecessem as atividades das organizações junto à comunidade local. Identificar estas potencialidades permitiu estabelecer relações que fluíssem rumo às transformações internas e externas, ou seja, dentro das organizações e expandindo para a comunidade. Identificar as carências culturais e artísticas e oferecer estas atividades proporcionou não somente o bem-estar, mas também um canal de aproximação e diálogo entre moradores e organização, a fim de identificar possibilidades de transformação comunitária.

Todas as ações foram pautadas a partir do conhecimento da realidade local, visando estimular os indivíduos a participarem das atividades e eventos como agentes do seu próprio desenvolvimento e das comunidades em que se inserem. A animação cultural tornou-se assim um importante veículo para o desenvolvimento multidisciplinar, indo ao encontro tanto de aspectos culturais como educacionais e da questão social, por meio das organizações abertas a toda a comunidade. Estabeleceu-se assim um espaço de encontro e de relações que permitiram uma vida social diferente daquela pré-estabelecida pela mídia, pelo mercado cultural ou até mesmo pelos poucos aparelhos culturais locais.

O papel do animador cultural no Projeto Lazer Comunitário foi ao encontro da democratização cultural, pois as atividades e eventos concebidos buscaram atender o maior número de pessoas da comunidade, que antes não tinham acesso a atividades

de lazer (por falta de aparelhos culturais). Desta forma animou-se e vitalizou-se, dinamizando pessoas e ações com o objetivo de estimular o desenvolvimento pessoal e social dos envolvidos, criando níveis de confiança e cooperação por meio da identificação de talentos locais nas comissões de moradores, entre os voluntários, equipe técnica, alunos dos projetos das organizações e artistas já ligados de alguma forma à organização e aos interesses da comunidade.

Ismael Lobo Toledo – Animador Cultural

Bacharel em Sociologia pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP), é ator formado pela Macunaíma Teatro Escola, tendo atuado como educador cultural de teatro por 15 anos. Foi também educador cultural em diversas comunidades apoiadas pelos programas sociais da Ação Comunitária na zona sul da cidade de São Paulo.

“A animação cultural como um exercício de escuta ativa”

Um grande desafio foi colocado para os animadores: trabalhar com o lazer com um espaço garantido para todos os indivíduos, um espaço de criação coletiva, de debate, de convívio familiar e de transmissão de cultura.

Norte da animação:

- Conhecer o espaço geográfico onde as organizações encontram suas potencialidades e carências.
- Fomentar a participação na produção artística local e nas atividades oferecidas pelas organizações locais nos finais de semana.
- Fomentar uma visão cultural ampla, que inclua a cultura do lazer por meio do esporte e da experimentação artística.

Considerações

O processo de desenvolvimento tecnológico entregou a cultura exclusivamente às conveniências mercadológicas, afastando-as das referências locais, esquecendo a singularidade expressiva do surgimento das comunidades, levadas a esquecer suas culturas genuínas e a abrir mão de seu direito de conhecê-las. O projeto caminhou no sentido de *fomentar*, mesmo que de forma experimental, a fruição das artes e o acesso aos bens culturais locais. Por conta disso, promoveu o resgate da fisionomia e das identidades históricas que foram apartadas desses atores.

A homogeneização da *cultura* como fenômeno artístico, oculta sua faceta política, nem sempre consciente, impregnada de ideologia. Isso fez com que a cultura fosse

tomada pelas comunidades como algo secundário, ligado diretamente ao entretenimento globalizado, desconectado de suas lutas diárias pelos direitos a saúde, educação, moradia e transporte, entre outros.

Sentimos isso cotidianamente, na escolha das linguagens artísticas das atividades, nos eventos realizados pelas comunidades e também pelo desconhecimento da produção cultural periférica, que no entanto hoje já pauta parte das políticas públicas governamentais, criando uma nova excelência cultural periférica erudita, isto é, consciente de sua produção cultural.

Nesse sentido, em grande parte, o nosso trabalho é praticar a escuta ativa e fomentar o surgimento de espaços democráticos dentro das organizações, onde as famílias possam criar suas referências, seus símbolos, valores, práticas, comportamentos e sentidos, dentro dos grandes aglomerados culturais urbanos.

Anabela Gonçalves Vaz – Animadora Cultural

Formou-se em Sociologia pela FESPSP, atuou na zona Sul de São Paulo como animadora cultural de organizações sociais, da rede comunitária de cultura e do Coletivo KATU. Sua experiência profissional se forjou tanto em organizações da sociedade civil como a Associação Trópis quanto como técnica cultural da Secretaria do Estado de Cultura pela ASSAOC.

“O potencial do esporte e a animação cultural”

O Animador Cultural é na sua essência um articulador. Com a ajuda e orientação da equipe do Núcleo Cultura & Lazer, buscamos manter e articular uma boa relação entre Ação Comunitária, gestores das organizações sociais e, no caso das atividades de rugby, gestores dos espaços onde ocorrem os jogos (campos de grama sintética), e lideranças comunitárias. Como? Organizando encontros para discussão de metas, objetivos, estabelecendo parcerias.

Como animador cultural, também coordeno a equipe de educadores, auxiliando no planejamento e na articulação das atividades dos eventos realizados nas organizações sociais. Por isso, sei que a experiência e envolvimento no que se está fazendo e no que se está oferecendo é a grande “chave do sucesso”.

Durante o projeto, notei alguns pontos:

1. Há muito interesse na comunidade pelo esporte.
2. Ele é bem visto e muito apoiado pela comunidade e seus líderes.

3. A organização da comunidade do entorno é um ponto muito importante. Há pouco conhecimento do trabalho realizado pelas organizações sociais.

4. A família está ausente dos espaços para atividades físico/esportivas.

Valter Sugarava – Animador cultural

Tem grande experiência em esportes, treinamento e iniciação esportiva. Foi da seleção Brasileira de rugby e atuou em escolas, clubes e projetos sociais, sempre ligado ao esporte e à atividade física.

O que aconteceu no projeto

Como já foi dito, as atividades sistemáticas foram escolhidas a partir de uma consulta junto à comunidade. Nesses encontros, as pessoas foram convidadas a refletir sobre o lazer com atividades propostas pelos animadores e a escolher, por meio de uma enquete, aquela que gostariam de realizar. Foram feitas visitas a quatro organizações que optaram por realizar atividades sistemáticas: Associação à Criança, ao Jovem e Adolescente do Jardim Icarai (ACAJI), Associação Comunitária Auri-Verde, o Movimento Comunitário do Jardim São Joaquim e a Associação Beneficente Providência Azul (CSE Esperança). No total, trezentas enquetes foram aplicadas e os resultados serão apresentados a seguir:

Segundo a faixa etária:

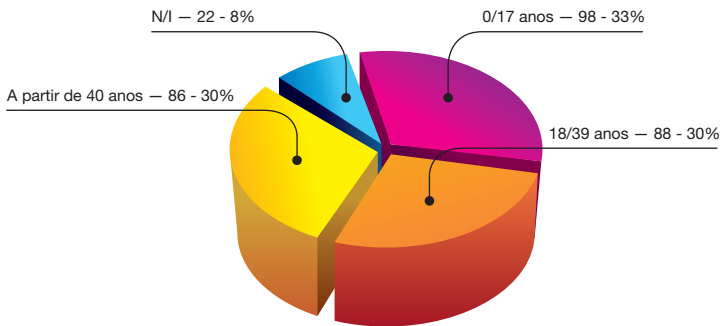


Gráfico 1

Faixa Etária	Resultado
0 / 17 anos	98
18 / 39 anos	88
A partir de 40 anos	86
N / I	22

Tabela 1

Segundo o gênero:

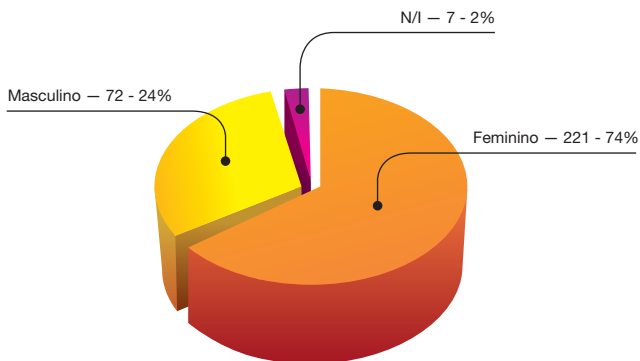


Gráfico 2

Gênero	Resultado
Feminino	221
Masculino	72
N / I	7

Tabela 2

Atividades escolhidas:

Atividade	Resultado
Dança	183
Jogos Coletivos	72
Curso Livre de Informação	70
Ginástica	67
Culinária	62
Música	41
Artesanato	40
Lutas	38
Alongamento / Relaxamento	29
Jogos Intelectuais	28
Leitura	27
Pintura em Tecido	24
Reciclagem	22
Yoga / Tai Chi Chuan	21
Grupo de Caminhada	20

Tricô / Crochê	20
Corte e Costura	20
Palestras	16
Capoeira	14
Artes Plásticas	08
Literatura	05
Artes Cênicas	02
Computação	02
Audiovisual	02
Bordado	02
Customização	01

Tabela 3

O resultado da enquete nas quatro entidades causou surpresa, pois a dança foi a atividade mais escolhida em todas. Ela predominou mesmo com a opção de múltipla escolha em cada questionário. E quando questionadas mais especificamente sobre qual tipo de dança, a de salão e a de rua foram as mais citadas pelos entrevistados. Quais os possíveis motivos desta escolha?

Analisando o perfil do público que respondeu a enquete, no qual predominam mulheres (221 no total) jovens e adultas, pode-se inferir que a motivação para a dança, em especial a de salão, é a possibilidade de socialização que ela proporciona.

Como segunda prática mais escolhida, tem-se os jogos coletivos (vôlei, basquete, futebol, etc), opção que também pode expressar o desejo de estar em relação com o outro, com o grupo.

Além de recolher as preferências para o desenvolvimento das atividades, o objetivo dos encontros com a comunidade foi discutir as possibilidades que o lazer oferece para o desenvolvimento pessoal e social. A partir da participação criativa e crítica, o encontro configurou-se como uma intervenção, extrapolando os simples oferecimento de atividades.

Foram momentos propícios para o exercício da *educação para o lazer*, ou seja, oportunidades em que se estabeleceu um diálogo sobre as muitas possibilidades de exercício do lazer, bem como sobre algumas barreiras ao exercício deste direito.



Foto 1: Encontro com a comunidade realizado na ACAJI

Aulas de dança

Com a indicação das preferências em mãos, a equipe da Ação Comunitária, junto com os gestores das organizações sociais que participaram do projeto, analisou as melhores condições de implantação das atividades. Seja na dança de salão, que atraiu um público adulto para as organizações, ou nas danças urbanas, com os jovens e crianças, as aulas de dança foram sempre momentos de celebração. Elas ocorreram nas seguintes organizações:

- Associação à Criança, ao Adolescente e Jovem do Icarai (ACAJI) - Dança de Salão e Danças Urbanas);
- Associação Beneficente Providência Azul – CSE Esperança – Dança de Salão
- Associação Comunitária Auri-Verde – Dança de Salão e Danças Urbanas
- Movimento Comunitário do Jardim São Joaquim – Dança de Salão

“O que mais estou gostando nessa atividade é a interação e a percepção que tem que ter, quando está dançando em dupla, entender a posição e o movimento do outro”.

Participante dança de salão da organização ACAJI

As aulas de danças urbanas representaram, para a organização Auri-Verde, a retomada de uma prática muito marcante para algumas crianças e jovens que frequentavam o espaço no passado. Nos anos 1990, auge do Movimento Hip Hop em São Paulo, alguns jovens do bairro Auri-Verde participaram das rodas de b-boys na região central da cidade e ensinavam os outros jovens vizinhos:

“Hoje a comunidade está se aproximando da entidade, e isso é graças ao projeto, o fato de retomarmos as aulas de *break* dentro do espaço é muito marcante, pelo fato da entidade ter um histórico com esta atividade”.

Edson Passos / Gestor da organização Auri-Verde

Na organização Auri-Verde, houve um movimento de aproximação com os jovens da comunidade, que já praticavam essa dança e não encontravam um local no bairro para treinar e ensaiar. Aos poucos, a notícia das aulas no espaço da organização foi se espalhando, algumas crianças chegando, e os jovens também passaram a frequentar o espaço, o que foi um elemento essencial para o fortalecimento deste grupo. Ao trocarem aprendizados com o grupo mais avançado, as crianças passaram a ter uma referência importante na aula.

Apropriação do espaço urbano

A dança urbana é um dos cinco elementos que compõem o Movimento Hip-Hop. Os outros são o MC, o DJ, o grafite e, mais recentemente, o conhecimento é considerado o quinto elemento. A dança de rua possui várias modalidades (*locking, popping, krump, freestyle, dentre outras*) e, como próprio nome já insinua, ganhou visibilidade quando começou a ser praticada nas ruas de Nova York e na Califórnia nos anos de 1970.

As danças urbanas chegaram ao Brasil em meados dos anos 1980 e, assim como os

outros elementos do Movimento, começaram a ser praticadas e ensinadas nas ruas, tornando-se também um fator de apropriação do espaço urbano e de manifestação de jovens oriundos dos bairros periféricos, como foi o caso dos encontros ocorridos na estação São Bento de Metrô na região central de São Paulo.

O *break dance* é uma dança vigorosa, acompanhada pelas batidas do rap e dançada pelos b-boys e b-girls, que nas batalhas de break disputam entre si, em uma roda, com performances corporais que incluem malabarismos, movimentos quebrados e ritmados, com evoluções no solo e rodopios de cabeça. É também uma dança que promove forte identificação entre seus participantes e carrega em sua prática a construção de uma identidade coletiva relacionada à juventude negra.



Foto 2: Associação à Criança, ao Adolescente e Jovem do Icarai - ACAJI / Dança de salão



Foto 3: Associação Comunitária Auri-Verde / Dança de salão



Foto 4: Associação Comunitária Auri-Verde / Dança de rua

As férias foram mais divertidas

As atividades de férias ocorreram nos sábados de julho de 2012. Foram quatro encontros entre educadores e os grupos de crianças e adolescentes que foram convidados a participar de diversas atividades: capoeira, dança, sessão de cinema, brincadeiras cantadas e dançadas, entre outras.

As atividades das férias foram planejadas a partir da riqueza do repertório dos educadores que mediarão essas atividades, mas estes também foram orientados a ter um olhar para os variados repertórios das crianças e jovens que iam ser convidados para o jogo, para a brincadeira.

Assim, o desafio não era propor atividades para as crianças e adolescentes e sim com as crianças e adolescentes, de forma a considerar seu repertório, sem perder de vista a oportunidade de apresentar e propor vivências novas. Para isto, os educadores foram convidados a conhecer a organização social em que iriam atuar com antecedência, conversaram com os gestores para ter conhecimento do perfil sociocultural da comunidade, conheceram os espaços e materiais disponíveis e, a partir disto, construíram seu planejamento.

As propostas para desenvolver as atividades de lazer partiram dos seguintes fundamentos:

- Desenvolver atividades de lazer com alegria e participação.
- Fomentar e difundir práticas culturais locais, valorizando o outro, seus conhecimentos, suas práticas, experiências e repertórios.
- Motivar a reinvenção dos repertórios já conhecidos, apropriando-se de modos diferentes dos espaços, materiais etc.
- Apresentar diferentes formas de brincar, jogar e se divertir.

Vamos ver o que aconteceu em cada uma das comunidades:



Foto 5: Atividade de Férias Inforedes Boa Sorte

Nos encontros de férias do Inforedes Boa Sorte, a capoeira foi a atividade geradora das brincadeiras e dos momentos lúdicos. O público já tinha conhecimento dela e em todo início de encontro havia uma roda de conversa animada por causa da troca de conhecimentos que ali acontecia. Muitos assuntos se desdobravam destas trocas: a importância da valorização da própria cultura, a contribuição do negro para a cultura brasileira, como e porque a capoeira é praticada.

A capoeira é jogada em um grupo e pressupõe interação, sinergia e brincadeira. Ora propondo atividades a partir dos elementos musicais, com os instrumentos e as ladainhas cantadas, ora com as possibilidades corporais do jogo, o educador adensou o conhecimento que os participantes já tinham sobre essa prática e também deu espaço para que propusessem outras possibilidades de brincar dentro da roda.

Instituto Entreatos de Promoção Humana



Foto 6 e 7: Atividade de férias no Instituto Entreatos de Promoção Humana

Desde as primeiras conversas com as lideranças comunitárias do Instituto Entreatos de Promoção Humana, organização social que atua em parceria com os moradores de um conjunto habitacional na comunidade de Paraisópolis, a expectativa por atividades de férias ficou clara, pois a presença de crianças e adolescentes moradores foi grande, sendo reduzida a disponibilidade de equipamentos e, conseqüentemente, as possibilidades de lazer.

Dois educadores atuaram para desenvolver as atividades de férias por lá. Eles tinham em comum a experiência com a linguagem da dança, um no universo do hip-hop e a outra no âmbito da cultura popular (“Já imaginou dançar break ao som do maracatu?”). Foi esta rica troca de experiências que marcou as propostas dos dois junto aos assíduos participantes.

As atividades aconteceram no andar térreo dos prédios, em salas projetadas para as reuniões dos moradores ou ao ar livre, no espaço de circulação comum do conjunto habitacional. Como o grupo era grande, num primeiro momento foi dividido em dois subgrupos que se revezavam entre os educadores e no final do dia se juntavam numa grande celebração.

A celebração também marcou o último sábado da atividade de férias, quando as próprias crianças e jovens foram convidados a intervir no espaço onde moravam: grafitaram o muro, tocaram, dançaram e, juntamente com um grupo convidado, fizeram parte de um cortejo de maracatu. Eles foram os anfitriões da grande festa que encerrou as atividades e envolveu muitos dos moradores.

As pessoas do condomínio onde atuamos ficaram felizes de saber que haveria uma programação especial para seus filhos, pois é uma reivindicação antiga. Foi um privilégio ter sido escolhida para essa programação. Muito obrigado pela oportunidade. Pelo menos para nós, foi um sucesso.

Maria Cristina Peres / Gestora do Instituto Entreatos de Promoção Humana

Associação de Moradores do Jardim Magdalena



Foto 8: Atividade de férias na Associação de Moradores do Jardim Magdalena

As atividades de férias na Associação do Jardim Magdalena foram propostas a partir das possibilidades infinitas de fazer música com o nosso corpo. E que tal fazer isso brincando? Os educadores que lá estiveram não pouparam a imaginação na hora de estimular o lúdico para a produção de sons e também envolveram o corpo nas brincadeiras.

Exercícios teatrais e musicais propostos desafiaram a imaginação, a coordenação motora, e estimularam o trabalho em grupo. As crianças e adolescentes também foram convidadas a explorar todos os espaços da organização.

Associação Beneficente Providência Azul – CSE Esperança



Foto 9: Atividade de férias na Associação Beneficente Providência Azul – CSE Esperança

Os encontros durante a atividade de férias com as crianças e adolescentes do Esperança tiveram muita diversão: exibição de filmes, jogos e brincadeiras. As atividades foram planejadas, mas as crianças eram convidadas a interagir, ensinando seu repertório de brincadeiras e opinando sobre a escolha dos filmes que seriam exibidos.

Durante os quatro sábados de atividades, percebeu-se que as crianças já estavam acostumadas a brincar em pequenos grupos no entorno da organização e que os encontros se tornaram momentos de junção de grupos, de continuidade das brincadeiras, entre irmãos e vizinhos.

Em um dos encontros, as próprias crianças sugeriram a ida para um campo comunitário próximo da organização.

Outra atividade realizada em um dos encontros foi a *Quick Massage* direcionada para os familiares das crianças. Essa técnica de massagem auxilia o desenvolvimento corporal, além de reduzir as tensões e dores musculares.

Eventos que mobilizaram a comunidade

Momentos de celebração, promoção e envolvimento, os eventos comunitários têm um papel muito importante, tanto para as organizações sociais quanto para a dinâmica da comunidade, pois são oportunidades para trocas e encontros, onde se vivencia e produz cultura. Acontecem por excelência em períodos de lazer e são caracterizados pelo interesse humano no desenvolvimento da sociabilidade.

Na grande maioria desses eventos, o elemento festivo é o mote para seu acontecimento e se faz presente como fator de aglutinação das pessoas. O evento festivo é um momento de expressão das criações, das realizações de um determinado grupo. É uma produção simbólica que permite criar redes de sociabilidade. Pode-se enxergá-lo a partir dos inúmeros elementos que o compõem:

Compreendemos a festa como um tempo/espaço de encontros, contradições, entretenimentos, reivindicações, disputas e mediações. Ressalto a possibilidade que ela abre para a vivência do lazer. Isso ocorre não só porque nela evidenciam-se elementos diretamente associados ao lazer, como o lúdico, o divertimento, a gratuidade e o prazer, mas também a pluralidade e diversidade de manifestações, bem como experiências que propicia, estando muitas delas vinculadas a atividades e valores experienciados no tempo disponível, como a possibilidade de vivenciar ações criativas e críticas, podendo gerar contestações, mudança e transformação. *(Rosa, 2007:197).*

Organizados em torno de um argumento ou tema, os eventos dão visibilidade ao trabalho das organizações. São momentos de expressão e de fruição da produção cultural local, momentos de criar vínculo com o entorno e com os familiares dos frequentadores.

Como ações intencionalmente mediadas por profissionais, os eventos promovidos pelas organizações são momentos de lazer que podem propor uma perspectiva ampliada, criativa, inovadora. E isto pode acontecer em todo o seu processo de elaboração e execução: na concepção, planejamento, produção e no desfecho.

Nos eventos realizados no âmbito do Projeto Lazer Comunitário, a figura do animador cultural foi de extrema importância e contribuiu para a construção coletiva dessas atividades. Em todas as fases, o animador contribuiu com ideias, apresentando ferramentas de organização, articulando os ativos locais, etc. A seguir, será descrito o que aconteceu em alguns destes eventos:

Estrela Hip-Hop — Movimento Comunitário Estrela Nova



Foto 10 e 11: Evento Estrela Hip-Hop / Movimento Comunitário Estrela Nova

Resultado de uma articulação entre a organização social e os jovens da comunidade que participaram do curso do *Programa Preparação Para o Trabalho (PPT)* da Ação Comunitária, que ocorreu no primeiro semestre de 2012, o evento Estrela Hip-Hop foi realizado em outubro do mesmo ano. Mesmo com o término das atividades do curso, alguns jovens continuaram dispostos a atuar, contribuindo, propondo, realizando ações de forma voluntária na organização Movimento Comunitário Estrela Nova, que fica no Jardim Paris, região do Campo Limpo.

O processo de concepção deste evento foi intenso e participativo, com os jovens presentes em todas as etapas. Nas reuniões de planejamento, contribuíram com ideias e ajudaram na produção, contatando os artistas, fazendo a divulgação local e nas redes sociais virtuais.

Em cada reunião de organização, com mediação da gestora da organização e do animador cultural, eles eram convidados a tomar conhecimento dos processos de produção, a refletir sobre a viabilidade de suas sugestões, etc. Foram verdadeiros momentos de “educação pelo lazer”, em que havia a preocupação em desenvolver uma perspectiva crítica acerca dos condicionantes relacionados à produção de um evento.

Esta experiência se mostrou rica como possibilidade de contribuir para que todos os envolvidos passassem a ser espectadores atentos e participativos na vivência dos seus momentos de lazer.

O suporte na produção do palco e da aparelhagem de som foi viabilizado por uma parceria com a Produtora Social Cultural A Banca, que há mais de 10 anos realiza eventos

ligados ao hip-hop na região sul da cidade de São Paulo. O evento, que também teve grafite e danças urbanas, congregou artistas e produtores que já fazem parte de uma rede de produção cultural do hip-hop, muito ativa na região. Assim, além da comunidade local, o público também foi composto por realizadores que integram essa rede. Participaram os grupos de rap U-Clán, Versão Popular, Sintonia Lado Sul, Ducorre, Rimaistas, Natural Style, Felipe Antunes e Matalaia e Mc Sabrina.

Festa da Primavera - Associação Beneficente Providência Azul – CSE Esperança



Foto 12: Trio Musical Brasas do Nordeste no CSE Esperança

Celebrar a primavera como a estação de renovação, germinação, fertilidade e abundância é uma tradição dos povos antigos, ligada aos rituais que acompanhavam as mudanças nos ciclos da natureza. A ideia de realizar uma Festa da Primavera dialoga com estas simbologias e foi apresentada pela equipe do Centro Social Esperança (localizado na região de Cidade Ademar) como evento direcionado para as famílias das crianças e adolescentes atendidos.

O objetivo foi o reforço e a renovação de vínculos com as famílias, tão necessário para o trabalho social ali desenvolvido. Com este propósito, uma comissão de mães, que já existia na organização, foi convidada a participar das reuniões de planejamento junto com a equipe e o animador cultural.

O ponto alto da celebração foi a apresentação do trio de forró Brasas do Nordeste, que tocou músicas de seu repertório e clássicos de Luiz Gonzaga. Como cantor do

homem ligado ao sertão, Gonzaga celebra em suas músicas a ligação do sertanejo com a terra e elas foram a trilha sonora perfeita para a festa: *“Mas quando chega o tempo rico da colheita/Trabalhador vendo a fortuna se deleita/Chama a família e sai, pelo roçado vai Cantando alegre ai, ai, ai, ai, ai”*.

Festas Julinas

As festas juninas ocorrem em todo território brasileiro. Apesar de algumas variações regionais, certos aspectos se repetem e mostram traços de unidade: a fogueira, a quadrilha, comidas típicas, a devoção a alguns santos católicos. Constituem uma prática cultural arraigada no imaginário coletivo, que está diretamente relacionada à dimensão comunitária. Comemora-se na casa, com a família, com amigos, nas praças públicas e em espaços educativos.

A Festa Julina do Movimento Comunitário do Jardim São Joaquim, que fica na região de M’Boi Mirim, contou com a participação das crianças, jovens (e seus familiares) e da comunidade do entorno da organização. Estava repleta de brincadeiras típicas: pescaria, jogo de latas, etc. Reuniu muitos voluntários e parceiros em sua realização.

Já no Instituto Inforedes Jardim Boa Sorte, situado na mesma região, a Festa Julina ocorreu durante um final de semana no período noturno, na rua em frente à organização. É interessante destacar a ocupação da rua para a realização do evento, pois esta é a característica de muitas quermesses que ocorrem neste período nos bairros periféricos de São Paulo, organizadas pelos moradores de uma determinada rua durante vários finais de semana.



Foto 13: Festa Julina Inforedes Boa Sorte



Foto 14: Festa Julina Movimento Comunitário São Joaquim

O Rugby Comunitário

Na perspectiva de diversificação das atividades de lazer que poderiam ser desenvolvidas no âmbito do *Projeto Lazer Comunitário*, a prática de um esporte que possibilitasse a participação de diferentes públicos, com idades e habilidades variadas, estava no horizonte. O rugby foi escolhido por ser um esporte coletivo ainda pouco difundido no Brasil e também por causa dos seus aspectos formativos (que serão abordados mais adiante), e ainda por possuir características que fazem com que possa ser praticado como um esporte educacional e de participação.

Uma parceria com o Bandeirantes Rugby Clube possibilitou a implementação das aulas desse esporte em duas organizações parceiras da Ação Comunitária: o Movimento Comunitário do Jardim São Joaquim e o Centro Popular de Defesa dos Direitos Humanos Frei Tito Alencar Cidade Julia. Ambas possuem quadras internas e também são próximas a campos comunitários com grama sintética, ideal para a prática desse esporte. Além de um animador cultural ser responsável por implementar e articular as ações de rugby nestas comunidades, dois educadores conduziram as aulas desta modalidade esportiva.

Rugby: contextos e potencialidades

A realidade de pouca divulgação desta modalidade esportiva em nosso país gera inúmeras dificuldades para a realização de um trabalho concreto e de resultados expressivos. Diferente do futebol, que é constantemente veiculado nos canais de televisão, o rugby não possui grande visibilidade e, portanto, a compreensão das regras e do mecanismo de ação do jogo é prejudicada, além da clara dificuldade de aceitação de uma modalidade diferente do favorito futebol e dos conhecidos vôlei ou basquetebol, principalmente em comunidades locais.

Nossa missão deve ser oferecer a cultura e princípios do rugby – como esporte e educação - através da prática de seus valores e conceitos em atividades semanais para a comunidade em torno da organização social.

O rugby é um esporte e, como tal, traz consigo valores e conceitos importantes na formação do cidadão através da saudável prática da atividade física.

A ideia é articular - em conjunto com a liderança comunitária e as instituições em torno dessa comunidade - atividades que promovam o esporte, a atividade física, a saúde, em espaços livres e ociosos aos finais de semana.

Valter Sugarava – Animador cultural

A divulgação foi feita por meio de clínicas de rugby, que consistiam em uma breve exposição sobre os fundamentos do jogo, seguida pelo contato com a prática de alguns de seus movimentos, passes, etc. As clínicas foram realizadas nas organizações e voltadas para todos os públicos atendidos. No final, os participantes eram convidados a comparecer às aulas que ocorreriam aos sábados.



Foto 15: Clínica de rugby na Organização Frei Tito Cidade Júlia



Foto 16: Clínica de rugby no campo próximo ao Movimento Comunitário São Joaquim

Com o início das atividades, algumas outras possibilidades oferecidas pela prática do rugby ficaram evidentes: por possuir diferentes modalidades de jogos e de composição de times, ele torna possível estimular a sua reinvenção, com modos diferentes de apropriação dos espaços, materiais e tempos que os participantes têm disponíveis.

Durante as clínicas (e mais intensamente no decorrer do projeto), ficou claro que, com criatividade, é possível reinventar e aproximar alguns fundamentos deste esporte: quem nunca havia brincado de “rouba bandeira”? Esta brincadeira ajuda a entender a dinâmica do passe da bola no rugby, pois consiste em dois times que tentam roubar a bandeira um do outro. Os jogadores atravessam para o campo adversário tentando não ser tocados até alcançarem a bandeira do outro time e a trazer para seu campo. Quem é tocado, fica preso no local onde foi pego e parado como uma estátua, até conseguir que um companheiro de equipe o toque. Vence o grupo que tiver menos participantes presos ou quem pegar primeiro a bandeira.

Depoimento:

“Levar uma modalidade esportiva ainda desconhecida por muitos, abre muitas portas. O rugby é um esporte democrático, não existe um tipo físico ideal, permite uma maior interação entre os participantes e não exclusão. Cria novas perspectivas de vida (alunos com potencial podem se desenvolver e obter sucesso na modalidade) e os que não tinham sucesso em uma outra modalidade podem se desenvolver melhorando sua autoestima”.

Alana Santana – Educadora de rugby

Mapeando os recursos

Além das atividades sistemáticas e esporádicas nas organizações, outra ação estava prevista no *Projeto Lazer Comunitário*: o mapeamento dos recursos culturais e esportivos das regiões onde se encontram as organizações que dele fazem parte. Esta ação tem como base de referência a Abordagem Colaborativa.

Nessa perspectiva, o mapeamento dos talentos e recursos locais é uma ferramenta fundamental para identificar e reconhecer o que existe na comunidade. É um passo importante para a mudança do padrão de como se enxerga a comunidade, passando da perspectiva das necessidades para a dos potenciais e recursos que ela possui. Dentro dessa abordagem, os recursos locais são: talentos individuais, associações e grupos comunitários, instituições que atuam na região e a economia local.

O processo de mapeamento com foco nos objetivos do *Projeto Lazer Comunitário* foi iniciado e, conseqüentemente, priorizou-se os recursos locais na área da cultura e do lazer. Como ação do projeto, as informações coletadas no mapeamento foram utilizadas para se estabelecer novos relacionamentos, potencializando as relações sociais já existentes nas comunidades.

Mas o objetivo do mapeamento não é apenas ser instrumento para construir e fortalecer relações sociais e parcerias. Foi na verdade o pontapé inicial para que as organizações das comunidades continuem com o desafio de mapear outros recursos locais e transformem o mapeamento em um instrumento de gestão, tendo em vista o fortalecimento comunitário.

Refletindo sobre a forma de compartilhar o resultado do mapeamento com a comunidade e sobre um modo de efetivar o fortalecimento das relações sociais, a equipe técnica da Ação Comunitária vislumbrou a construção de uma rede sociocultural entre artistas e organizações. O mapeamento pode ser utilizado como base para a construção desta rede, pois permitirá o progressivo estabelecimento de aproximações, parcerias e encontros. Sendo assim, no âmbito do Projeto Lazer Comunitário, a rede cultural se apresenta como uma ação incipiente, que deve ser fomentada continuamente pelas próprias organizações.

Os responsáveis pela coleta das informações e pelo início das conexões foram os animadores culturais. Como agentes exteriores às comunidades a serem mapeadas, eles partiram do conhecimento dos próprios gestores acerca dos recursos culturais e, a partir daí, foram ao encontro das primeiras referências, que por sua vez indicaram outras, que apontaram outras e assim por diante. O nome desta técnica é “bola de neve” e neste caso se mostrou a forma mais eficaz de coleta de informações.

É importante salientar que não existe um único modelo de mapeamento proposto pela Metodologia Colaborativa e que este pode variar em forma e conteúdo. As ferramentas - a decisão de como mapear - foram construídas no próprio processo de trabalho, abrindo espaço para propostas criativas e que dialogassem com o objetivo deste projeto específico. Para esta construção, foram tomadas como inspiração algumas etapas e processos idealizados por Kretzmann e McKnight e adaptados por Neumann:

Preparação

- Definição do objetivo do mapeamento
- Definição da metodologia
- Identificação dos responsáveis pelo gerenciamento do processo
- Definição da área geográfica a ser mapeada
- Determinação dos recursos necessários
- Elaboração do questionário para as entrevistas

Pesquisa de campo

- Busca de diferentes fontes de informação
- Realização das entrevistas
- Organização das informações coletadas

Concretização do Mapeamento

- Armazenamento das informações coletadas
- Análise das informações
- Síntese e compartilhamento: construção do mapa

Compartilhamento e início da construção de uma rede sociocultural

- Apresentação dos resultados do mapeamento em uma reunião com todos envolvidos
- Apresentação da proposta de consolidação de uma rede sociocultural

Do mapeamento à rede cultural

Para construção da rede cultural, pensou-se na possibilidade de se fazê-lo valorizando os artistas e coletivos artísticos locais, pois ali se encontram pessoas que fazem arte e cultura sem reconhecimento e com muita luta. Durante o processo, percebeu-se a potencialidade artística e cultural escondida nas proximidades e o quanto esse desvelamento pode oferecer em oportunidades de trocas entre a organização e os grupos de artistas.

O mapeamento proporciona tanto o diagnóstico cultural como a alternativa de transformação local por meio da identificação e do reconhecimento dos artistas. A rede

cultural passa então a ser uma ferramenta única para as organizações e os artistas, pois desta forma se pode estabelecer um universo de possibilidades transformadoras, como um potencializador de mobilização comunitária por meio do lazer e da cultura. Durante esse contato, evidenciou-se o quanto a realização da rede cultural poderia contribuir com a aproximação dos artistas junto às organizações, visualizando-se até possíveis parcerias, como utilização dos seus espaços para ensaios dos artistas em troca do oferecimento por eles de oficinas à comunidade, estabelecendo assim uma relação de reciprocidade. Mas isso não se estabelecerá como relações mercadológicas, perdidas nas excessivas relações técnicas, padronizadas e hierárquicas, mas sim como expressões sociais simbólicas. A reciprocidade que visualizamos não tem a ver com uma atitude moral (de obrigação), mas como um princípio que pode estabelecer trocas culturais, sociais e políticas, proporcionando a identificação de valores que favoreçam uma relação democrática entre os indivíduos (artistas e membros das organizações e comunidades).

Também foi importante fator perceber que, pensando a cultura como um todo complexo que permite apreensão de conhecimentos, as ações futuras visualizadas na rede cultural podem permitir atitudes multidisciplinares, interdisciplinares e transdisciplinares, como possibilidade de articulação das mais variadas áreas de conhecimento (cultural, artístico, social, político, educacional e de economia), favorecendo assim o conjunto da comunidade.

Percebe-se, finalmente, que a rede cultural não é só um mecanismo de busca mas, muito mais do que isso, um potencial para o estabelecimento de trocas de conhecimento, percepções, capacidades, práticas, mudanças, manifestações e aprendizados.

Ismael Toledo

Mapeando a produção cultural

O mapeamento da produção cultural local e dos equipamentos culturais particulares e públicos existentes nas comunidades foi uma forma de alcançar a fruição da cultura local, formada pelas manifestações artísticas de grupos, instituições e indivíduos.

Também foram levadas em consideração ações que promovem o desenvolvimento local nas regiões de atuação das organizações. Essa ação resultou em uma amostra do que foi possível levantar a partir de critérios qualitativos.

O mapeamento teve como base um questionário semi estruturado. Utilizamos o discurso do sujeito nas entrevistas, que contavam com questões que se referiam a nome, área de atuação, linguagem artística, principal ação desenvolvida e contato.

Este mapeamento tem como particularidade o estudo de comunidade, que presuppõe uma investigação sociocultural com a utilização de um conjunto de procedimentos e normas que possibilitam a organização e a produção do conhecimento de forma espontânea.

Como queremos chegar à produção cultural popular, que faz parte da vida comunitária local, a técnica “bola de neve” nos possibilitou conhecer uma população oculta. É, por exemplo, mais fácil um membro da população conhecer outros membros do que os pesquisadores os identificarem, o que se constitui em fator de relevância para as pesquisas que pretendam se aproximar de situações culturais não estabelecidas pela produção em massa.

Anabela Gonçalves Vaz

Apontamentos sobre o mapeamento realizado

O mapeamento concebido para o projeto Lazer Comunitário teve como foco prioritário equipamentos de cultura e lazer, grupos e artistas das regiões de atuação das organizações parceiras da Ação Comunitária. Para traduzir visualmente e localizar esses recursos mapeados, optou-se por trabalhar com mapas oficiais das regiões do município de São Paulo, que são divididas em subprefeituras e seus respectivos distritos. A área de atuação das organizações inclui as subprefeituras de Campo Limpo, Capela do Socorro, M’Boi Mirim e Cidade Ademar, todas na Zona Sul de São Paulo.

O recorte territorial é de suma importância para se ter um panorama de cada um dos distritos e entender quais os recursos disponíveis para a população em termos de cultura e lazer, bem como apontar, ainda que de forma incipiente, alguns grupos, iniciativas e artistas que normalmente não aparecem nas estatísticas oficiais por não serem formalizados institucionalmente. Mapear a diversidade da cultura local e os fazeres culturais, incluindo o lazer, permite desvelar um outro desenho para o território, muito mais rico e complexo.

Certamente esta tarefa está apenas começando e com o avanço deste mapeamento pode-se incorporar circuitos, dinâmicas artísticas, que muitas vezes extrapolam as dimensões territoriais fixas. Portanto a proposta deste mapeamento é ser um processo, nunca um instrumento acabado, pois ele deve ser um ponto de partida para uma continuidade que deverá ser dada por aqueles que circulam, trabalham, vivem nesses territórios: líderes, gestores, crianças e jovens, artistas, educadores, etc.

A ideia é que, a partir deste suporte e com seu enriquecimento progressivo, os líderes, gestores e toda a equipe que atua nessas organizações possam se apropriar das dinâmicas locais, da sociabilidade e da produção cultural existente, alargando a percepção de sua atuação e vislumbrando novas possibilidades.

Visão panorâmica da disponibilidade de equipamentos culturais nos territórios de atuação do projeto

A sistematização de dados sobre cultura e lazer é muito discutida mas ainda incipiente no Brasil. Não raro as informações são desatualizadas ou incompletas. É preciso dizer que, apesar de serem ferramentas importantes, os indicadores escolhidos para os levantamentos não permitem entrever as dinâmicas e as práticas culturais e de lazer da população. Serão utilizados alguns dados oficiais e levantamentos sobre os equipamentos culturais e esportivos instalados no município nos últimos anos, para se obter uma visão geral sobre as subprefeituras e um panorama comparativo entre as mesmas.

Dentre as bases de dados disponíveis sobre o município de São Paulo, existem as informações da Secretária Municipal de Cultura, que foram reorganizadas pelo Observatório Cidadão da Rede Nossa São Paulo⁷ em alguns indicadores culturais e esportivos, e também dados da Secretaria Municipal de Esportes, Lazer e Recreação. Os dados utilizados aqui são referentes a:

- Equipamentos culturais públicos municipais, estaduais e federais de cultura em cada subprefeitura
- Equipamentos esportivos: rede municipal indireta, rede municipal direta, rede estadual e particular
- Pontos de Cultura

Estes dados secundários levantados nos últimos anos⁸ são um ponto de partida, um diagnóstico que é importante, pois revelam o acesso a equipamentos culturais e de lazer nestas subprefeituras.

⁷ ver: <http://www.nossasaopaulo.org.br/observatorio/indicadores.ph>

⁸ Levantamentos realizados pela Prefeitura de São Paulo: Município em Mapas de 2006 que pode ser acessado em: <http://sempla.prefeitura.sp.gov.br/mm> e para dados mais recentes acesse a base de dados Infocidade: <http://infocidade.prefeitura.sp.gov.br/index.php?cat=6&titulo=Cultura>

Assim, o intuito de adicionar estas informações é ter um dimensionamento de algumas ações do poder público nas áreas da cultura e lazer, que pode ser traduzido na presença ou ausência dos equipamentos.

Apresentaremos este panorama com os dados oficiais sobre cada uma das quatro subprefeituras (Campo Limpo, Capela do Socorro, M'Boi Mirim e Cidade Ademar) e, em seguida, o mapeamento de cada uma delas realizado pelos animadores, que contempla equipamentos e iniciativas, organizações, grupos e artistas apurados no âmbito do Projeto. Por fim, faremos uma análise comparativa entre as quatro subprefeituras.

Subprefeitura de Campo Limpo

A subprefeitura do Campo Limpo é composta por três distritos: Campo Limpo, Capão Redondo e Vila Andrade.

População total: 617.047 habitantes

Fonte: IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) - Censos Demográficos SMDU/Dipro - Retroestimativas e Projeções 2011 - Área geográfica total: 36,70 km²

Equipamentos culturais públicos

Em 2010, a porcentagem de equipamentos públicos de cultura era apenas de 2,58%, totalizando 6 equipamentos no universo de 233 existentes em toda cidade (ver tabela 4 na página 101). Este crescimento entre 2006 a 2010 pode estar relacionado com a construção de novos Centros de Educação Unificados (CEUs), que totalizam cinco unidades nesta subprefeitura: Campo Limpo, Cantos do Amanhecer, Capão Redondo, Casa Blanca e Feitiço da Vila.

Os dados de 2012 da Secretaria Municipal da Cultura apontam apenas para 1 equipamento cultural no distrito (ver tabela 5 na página 101), que está nomeado como Casa de Cultura Campo Limpo e que atualmente está sendo ocupado pelo Centro de Investigação Teatral Artemanha, conhecido como Espaço Cultural CITA.

Pontos de Cultura

A subprefeitura apresentava em 2010 oito pontos de cultura, número considerado acima da média em relação a outras regiões. Como os pontos de cultura não têm um modelo único de programação ou atividade e possuem um tempo determinado de convênio, é muito difícil precisar a continuidade de suas ações, mas constituem um ótimo indicador da produção de grupos e organizações na área da cultura na região.

Equipamentos Esportivos

Na subprefeitura de Campo Limpo, segundo dados de 2012, existem 32 equipamentos, sendo 28 da rede indireta (destacando-se os Centros Desportivos municipais e os campos de futebol), 2 da rede direta e 2 da rede particular (ver tabela 7 nas páginas 102 e 103).

Subprefeitura Capela do Socorro

É composta por três distritos: Cidade Dutra, Grajaú e Socorro

População total: 596.005 habitantes

Fonte: IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) - Censos Demográficos SMDU/Dipro - Retroestimativas e Projeções 2011

Área geográfica total: 132,20 Km²

Equipamentos culturais públicos

Em 2010, a porcentagem de equipamentos públicos de cultura era apenas de 2,15%, totalizando 5 equipamentos no universo de 233 existentes em toda cidade (ver tabela 9 na página 111). Novamente aqui, os Centros de Educação Unificados (CEUs) estão sendo considerados como equipamentos públicos de cultura. Eles totalizam quatro unidades nesta subprefeitura: Cidade Dutra, Vila Rubi, Navegantes e Três Lagos. O quinto equipamento é a Casa de Cultura Palhaço Carequinha, apontado no levantamento da Secretaria Municipal de Cultura (2012) como o único da região (ver tabela 10 na página 111).

Pontos de Cultura

Em 2010, a Subprefeitura da Capela do Socorro tinha quatro pontos de cultura, número considerado mediano em relação a outras regiões. Como os pontos de cultura são espaços que já desenvolviam atividades de caráter sociocultural, é possível que os mesmos tenham fortalecido e continuado suas ações (ver tabela 11 na página 112).

Equipamentos Esportivos

Na Subprefeitura de Campo Limpo, existem 43 equipamentos, sendo 34 da rede indireta, 2 da rede direta, e 7 da particular (ver tabela 12 das páginas 113 e 114). Dos equipamentos da rede indireta, os Centros Desportivos Municipais totalizam 14 e os campos de futebol 15, configurando-se como os equipamentos que possuem maior presença no território desta subprefeitura.

Subprefeitura M'boi Mirim

A Subprefeitura M'boi Mirim é composta por dois distritos administrativos: Jardim São Luiz e Jardim Ângela

População total: 569.782 habitantes

Fonte: IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) - Censos Demográficos SMDU/Dipro - Retroestimativas e Projeções 2011

Área geográfica total: 62,70 Km²

Equipamentos culturais públicos

Em 2010, a porcentagem de equipamentos públicos de cultura era apenas de 2,15%, totalizando 5 equipamentos no universo de 233 existentes em toda cidade (ver tabela 14 na página 119).

Nesta subprefeitura existem dois Centros de Educação Unificados (CEUs): Vila do Sol e Guarapiranga. No levantamento de 2012 da Secretaria Municipal de Cultura temos elencados três equipamentos culturais, sendo dois da rede municipal (Casa Popular de Cultura M'boi Mirim e Sacolão das Artes) e um particular (Centro Cultural Monte Azul).

Pontos de Cultura

Em 2010, a Subprefeitura do M'boi Mirim tinha quatro pontos de cultura, para um total de 123 pontos na cidade, número considerado mediano em relação a outras regiões (ver tabela 16 na página 120).

Equipamentos Esportivos

Na Subprefeitura de M'boi Mirim existem 27 equipamentos, sendo 20 da rede indireta, 1 da rede direta e 6 da particular. Nesta subprefeitura a presença de equipamentos esportivos é menor: dentre os da rede indireta, os Centros Desportivos Municipais são apenas cinco e os campos de futebol apenas nove (ver tabela 17 nas páginas 120 e 121).

Subprefeitura Cidade Ademar

A Subprefeitura Cidade Ademar é composta por dois distritos administrativos: Cidade Ademar e Pedreira

População total: 413.760 habitantes

Fonte: IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) - Censos Demográficos SMDU/Dipro - Retroestimativas e Projeções 2011 Área geográfica total: 30,60 km²

Equipamentos culturais públicos

Em 2010, a porcentagem de equipamentos públicos de cultura era de 0,43%, totalizando apenas 1 equipamento no universo de 233 existentes em toda cidade (ver tabela 19 na página 130).

No levantamento da Secretaria Municipal da Cultura realizado em 2012 não consta nenhum equipamento de cultura nesta subprefeitura (ver tabela 20 na página 130). Provavelmente o único que foi registrado pela pesquisa do Observatório Cidadão Nossa São Paulo em 2010 seja o Centro de Educação Unificado (CEU) Alvarenga.

Pontos de Cultura

Em 2010 apenas dois pontos de cultura foram registrados (ver tabela 21). Número muito abaixo da média da cidade e também da região sul. Por meio deste indicador, a baixa representatividade de entidades de caráter cultural da região acessando esta política do governo federal, indica a fragilidade da região em potencializar a produção, fruição e acesso aos bens culturais.

Equipamentos Esportivos

Na Subprefeitura de Cidade Ademar, existem apenas 8 equipamentos esportivos sendo todos da rede indireta (ver tabela 22 na página 131). Nesta subprefeitura a presença de equipamentos esportivos é a menor da região sul.

Reflexões: o que os dados e os mapeamentos apontam

Debates recentes sobre as periferias urbanas (Marques e Torres 2001, 2003), apontam para a heterogeneidade da pobreza em São Paulo em sua dimensão territorial. Estes estudos nos ajudam a entender a diversidade interna presente, muitas vezes, no mesmo distrito. Encontra-se uma significativa diversidade dentro das periferias, nas quais diferentes grupos estão sujeitos a condições de vida muito diversas, por exemplo, no que se refere aos índices de homicídio e desempenho escolar.

Em alguns espaços da periferia, há uma intensa concentração de indicadores negativos, que sugerem a existência de “pontos críticos” com condições sociais precárias. Todos esses dados indicam que a distribuição de grupos sociais na metrópole é muito mais complexa e heterogênea do que geralmente considera a literatura, que tende a homogeneizar as periferias, com importantes consequências para as políticas públicas.

Quando se analisa os dados referentes à oferta de equipamentos culturais e de lazer, as nuances entre as regiões também aparecem, marcando algumas diferenças. Apesar de

estar situada entre aquelas que não possuem as melhores classificações nas porcentagens de equipamentos culturais e de lazer no universo do município, a subprefeitura do Campo Limpo apresenta os melhores índices em todos os indicadores entre as congêneres da região. Muito próximas em todos os outros indicadores estão as subprefeituras de Capela do Socorro e M'boi Mirim. A subprefeitura de Cidade Ademar aparece, entre as três, como a que apresenta a menor porcentagem de oferta destes ativos.

A distribuição espacial de equipamentos de lazer e cultura na cidade de São Paulo é um franco retrato das desigualdades sociais e aponta para uma inflexão relacionada às políticas públicas, pois estamos falando de equipamentos criados pelo próprio poder público. Porém, a facilidade de acesso a um determinado equipamento não é elemento único para que haja sua efetiva utilização pela população, pois os condicionantes entre oferta e procura são muitos.

Pluralidade de vivências

Na contracorrente destas desigualdades, existem experiências de coletivos, organizações, grupos e artistas que produzem cultura e apontam para a diversidade da vida cultural e social. Em seus bairros, uma pluralidade de vivências culturais e de lazer ressignificam espaços, sociabilidades e a própria fruição cultural. A formulação e a execução de políticas públicas setoriais devem reconhecer e fomentar essas iniciativas, que estiveram no foco de interesse do mapeamento realizado no âmbito do *Projeto Lazer Comunitário*.

Refletindo sobre o tema do espaço e dos equipamentos como componentes das políticas públicas de lazer, Marcellino (2006b) postula que democratizar o lazer é democratizar o espaço, que é preciso ter espaços urbanos disponíveis e que é dever do poder público criar novos equipamentos e revitalizar os antigos, garantindo o direito constitucional de acesso às atividades de lazer. O autor também aponta a importância da adaptação e da utilização de equipamentos que a princípio não foram construídos para este fim, os *equipamentos não específicos* de lazer, mas que podem ter novos usos dados pela população.

Para ambos os casos, Marcellino indica a necessidade de uma política de animação, como ferramenta essencial de ressignificação. Neste sentido, a criação de inúmeros equipamentos é uma necessidade a ser atendida, mas a “ação democratizadora” precisa abranger a conservação dos já existentes, bem como a divulgação, dessacralização, e o incentivo à utilização, mediante políticas específicas.

No campo das políticas culturais, Botelho (2001, 2004) aponta em vários países uma mudança de paradigma: da democratização cultural para a democracia cultural. E qual é a diferença entre elas? A democratização cultural pressupunha a relação automática entre o acesso à cultura, a alguns espaços consagrados, e a fruição destes espaços pela população, o que raramente acontecia. O novo foco da democracia cultural, por sua vez, pressupõem aceitar a diversidade de padrões de cultura, colocando os meios à disposição para que todos os grupos possam viver e produzir cultura, reconhecendo assim a existência de vários públicos.

Sendo assim, ao constatar a escassez de equipamentos culturais e esportivos nos territórios onde a Ação Comunitária atua, é preciso ir além da reivindicação de construção de novos equipamentos. É necessário reconhecer a produção cultural existente nestes territórios, que muitas vezes acontece nos momentos de lazer, garantindo a democracia cultural de fato.

Reinventar, ressignificar, reconhecer espaços nos bairros para a prática do lazer “exigiria uma postura diferenciada dos animadores, ou uma nova forma de planejamento de equipamentos, mais participativa, de acordo com as aspirações populares (...), em consonância com o próprio conceito de lazer” (Marcellino, 2006b: 63). Este foi o desafio lançado às organizações sociais que realizaram o *Projeto Lazer Comunitário*: que reconhecessem os recursos e ativos existentes em seu entorno, na área cultural e do lazer, no sentido da democracia cultural, e que fizessem dos seus espaços equipamentos mais participativos e promotores deste novo paradigma.

O primeiro passo para isso foi a realização pela Ação Comunitária do seu próprio mapeamento que, além dos equipamentos culturais e esportivos, identificou iniciativas culturais de coletivos, grupos e ONGs, o que apontou para uma produção muito rica e que em sua maior parte vem ocorrendo por meio da articulação de pessoas.

Em alguns casos, esses grupos conseguem, por um tempo determinado, financiamento público de suas ações, como é o caso dos projetos contemplados pelo Programa de Valorização de Iniciativas Culturais (VAI)⁹ e Programas Municipais de Fomento (nas linguagens de teatro, dança, cinema).

⁹ O Programa para a Valorização de Iniciativas Culturais - VAI, foi criado pela *Lei nº 13540/2003* e regulamentado pelo *Decreto nº 43823/2003*, com a finalidade de apoiar financeiramente, por meio de subsídio, atividades artístico-culturais, principalmente de jovens de baixa renda e de regiões do Município desprovidas de recursos e equipamentos culturais. Fonte: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/fomentos/index.php?p=7276>

Alguns destaques

Conforme os mapeamentos realizados no âmbito do Projeto Lazer Comunitário, as subprefeituras de M'boi Mirim, Campo Limpo e Capela do Socorro se destacam justamente pela quantidade de projetos e iniciativas culturais fomentadas pelo VAI e por grupos de teatros com acesso a recursos da Lei de Fomento ao Teatro. Por outro lado, nos dados oficiais sobre equipamentos, o mapeamento da subprefeitura da Cidade Ademar aponta uma pequena quantidade de coletivos e iniciativas culturais.

Uma iniciativa cultural presente em todas as subprefeituras mapeadas e que ganha visibilidade como um espaço de produção cultural nas chamadas periferias são os saraus, que em sua maioria ocorrem em bares e outros espaços não específicos de cultura e lazer.

Os saraus dos bairros periféricos vêm se consolidando e sendo articuladores de diversos artistas. Para a pesquisadora Erica Peçanha (2012: 202), “o sarau é uma intervenção que está para além do literário: agrega ativistas e artistas ligados a diferentes linguagens e é também um encontro comunitário para troca de ideias, discussão da experiência dos moradores da periferia, elaboração de novas perspectivas educacionais e profissionais e fruição cultural”.

Outra iniciativa que chama bastante atenção por sua representatividade nas subprefeituras são os Clubes da Comunidade (CDCs): são 17 na Subprefeitura do M'Boi Mirim, 20 em Capela do Socorro, 6 em Cidade Ademar e 15 em Campo Limpo. O CDC é uma associação de direito privado em que atua a prefeitura, a comunidade local e entidades socioesportivas. Estas unidades esportivas construídas em terrenos municipais são geridas por entidades escolhidas por eleição. A Secretaria Municipal do Esporte viabiliza as atividades e a manutenção do espaço.

Olhando com cuidado para cada uma das regiões, há alguns destaques a fazer que chamam a atenção para a produção mais específica de cada uma delas.

Na subprefeitura do Campo Limpo, chama atenção a diversidade de linguagens produzidas por estes coletivos e, em especial, a produção na área da dança (com duas companhias, um grupo e um festival), duas iniciativas na área da comunicação comunitária, bem como a existência de três saraus.

Na subprefeitura de M'boi Mirim, apesar de existir uma boa representatividade de todas as linguagens, as iniciativas ligadas a música se destacam em seus mais diversos gêneros: samba, hip-hop, samba rock.

Na região da Capela do Socorro, a linguagem teatral está bem representada por cinco grupos mapeados, a maioria deles com algum tipo de financiamento público, o que é de extrema importância na consolidação desses trabalhos.

O papel dos equipamentos

Na região de Cidade Ademar, mapeamos menos coletivos, o que acompanha a já mencionada menor presença de equipamentos públicos de cultura e lazer. Não se pode afirmar a relação de causa e efeito entre essas duas tendências, porém é possível deduzir que a falta de visibilidade e de articulação da produção cultural ali existente esteja ligada à escassez de locais que aglutinem, fomentem, ofereçam atividades de cultura e lazer.

Como bem ressaltou Botelho (2001:74), para que os indivíduos possam aperfeiçoar e desenvolver seus talentos e trabalhos culturais, é preciso que haja uma organização da produção cultural que crie espaços e meios para que essa produção venha a público, “trata-se de um circuito organizacional que estimula, por diversos meios, a produção, a circulação e o consumo de bens simbólicos, ou seja, aquilo que o senso comum entende por cultura”.

Há uma rica produção que certamente se encontra em todo o território em que as organizações sociais atuam e que procuramos explicitar neste mapeamento, que não é estático e sim dinâmico, e que estará se alterando constantemente. Por outro lado, há uma demanda por um circuito organizacional (mais equipamentos de cultura e lazer, leis de incentivo, fóruns de discussão e participação) efetivo e distribuído de forma equitativa pelo território.

Para que esta rica produção tenha maior visibilidade e até mesmo chance de efetivação, a mesma autora enfatiza a necessidade de dois tipos de investimentos. O primeiro é “uma articulação das pessoas diretamente interessadas, unindo pelos laços de solidariedade demandas dispersas em torno de objetivos comuns, formalizando-as de modo a dar essa visibilidade ao impalpável, em torno de associações de tipos diversos.” (Botelho, 2001:75). O segundo investimento se dá dentro do aparato governamental, na medida em que a área cultural exige uma articulação política de todas as áreas da administração pública, principalmente junto ao poder executivo.

Sendo assim, a dimensão da articulação se mostra como um fator essencial para que a cultura e o lazer nestes territórios possam encontrar canais de viabilização e de efetivação de direitos. Procurou-se com o mapeamento reconhecer experiências e iniciativas já existentes que atuam nos mesmos territórios que as organizações sociais participantes do *Projeto Lazer Comunitário*. Este reconhecimento é um passo fundamental para que todos estes atores - organizações sociais, poder público, coletivos de cultura, iniciativas, gestores, produtores - possam se articular.

Referências bibliográficas

- BOTELHO, Isaura. Os equipamentos culturais na cidade de São Paulo: um desafio para a gestão pública - in *Espaço e Debates - Revista de Estudos regionais e urbanos* - n.43/44 São Paulo, 2004.
- _____. As dimensões da cultura e o lugar das políticas públicas. In: *São Paulo em perspectiva* (15) 2, 2001.
- CENAMO, Gabriel Colini. *A História do Rugby*. 2010. Monografia apresentada à Escola de Educação Física da Universidade de São Paulo
- DUMAZEDIER, Joffre – *Valores e conteúdos culturais do Lazer*. São Paulo: SESC. 1980
- FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. Paz e Terra, 1985.
- HUIZINGA, J. *Homo Ludens*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2000.
- ISAYAMA, Helder Ferreira. Atuação do Profissional de Educação Física no âmbito do Lazer: a Perspectiva da Animação Cultural. In *Motriz, Rio Claro*, v.15, n.2, p.407-413, abr./jun. 2009
- MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Lazer e educação*. Campinas: Papirus, 1987.
- _____. *Pedagogia da animação*. Campinas: Papirus: 1990
- _____(Org). *Lazer e cultura*. Campinas: Alínea, 2006a.
- _____. As cidades e o acesso a Espaços e a Equipamentos de Lazer In: *Impulso, Piracicaba*, v.17, n. 44, 2006b.
- MAUSS, M. [1923-24]. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In : _____. *Sociologia e Antropologia*. v. II. São Paulo : Edusp, 1974.
- MELLO, Victor Andrade de. *A animação Cultural: conceitos e propostas*. Campinas: Papirus, 2006.
- NEUMANN, Lylcia Tramujas & Rogerio. *Desenvolvimento comunitário baseado em talentos e recursos locais – ABCD*. São Paulo: Global. IDIS, 2004
- PEÇANHA, Erica. *É tudo nosso! Produção Cultural na periferia paulistana*. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. 2012.
- ROSA, Maria Cristina. As festas e o lazer. In: *Lazer e cultura*. Campinas: Alínea, 2006, pg 195-218.
- SANTOS, Milton. Lazer popular e geração de empregos. IN: Garcia, Erivelto; LOBO, Francis(ed). *Lazer numa sociedade globalizada*. São Paulo: SESC/WLA, 2000, pg 31-37.
- VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas*. RJ: Ed. Jorge Zahar, 2003.

Viver Comunidade!

Verifica-se ao longo desta publicação como a Ação Comunitária vem trabalhando junto a organizações sociais com a experiência do *Projeto Lazer Comunitário*. Ele é resultado de um longo processo de acúmulo de experiência e reflexões relacionadas ao trabalho com atividades culturais e de lazer, tendo em vista o fortalecimento comunitário, mas também colocou desafios e novas reflexões.

Assim, nesta sessão, a proposta é uma reflexão sobre o trabalho de elaboração do projeto e das metas alcançadas. Trata-se de uma leitura do processo coletivo de construção de sentidos relacionados ao potencial de fortalecimento comunitário das atividades de lazer, que pretende colaborar para que os profissionais envolvidos no projeto e respectivas organizações parceiras se apropriem dos sentidos deste potencial e possam se sentir sujeitos de uma construção cotidiana que não se encerra com este projeto.

Como toda iniciativa que nasce e cresce comprometida com o aprimoramento permanente, o horizonte do *Projeto Lazer Comunitário* é a compreensão das organizações sociais como espaços de participação e de ações dialogadas entre todos os atores sociais que compõem seus cenários: gestores, educadores sociais, crianças, adolescentes, famílias e vizinhança.

É importante lembrar que a construção de um caminho que leve à participação e ao fortalecimento comunitário não se restringe a um projeto pontual. Serão brevemente apontados aqui os desafios que se colocam para que as organizações sociais contribuam de maneira crescente com a democratização das práticas culturais e do lazer e se tornem cada vez mais espaços participativos de uma vivência comunitária que dialogue com o mundo contemporâneo.

Os efeitos do projeto

O que a Ação Comunitária propôs às organizações sociais parceiras foi a vivência da Metodologia da Abordagem Colaborativa, bem como a incorporação de um olhar para o campo da cultura e do lazer como ferramentas de fortalecimento comunitário. Daí a importância do projeto desenvolvido: mostrar alguns caminhos possíveis de articulação, a potencialização do uso do espaço, a mudança do olhar para o potencial cultural existente na comunidade, o reconhecimento de talentos e outros recursos locais que podem fortalecer o projeto, etc.

Dimensionar os efeitos do projeto é uma tarefa que ultrapassa os seus próprios limites, pois foi proposto incidir em fenômenos cujos efeitos podem ser decisivos para a mudança de práticas culturais de um certo grupo, mas que ainda são imperceptíveis

e que precisam de tempo para sedimentar e se tornarem “visíveis”. A seguir, serão enumerados alguns destes efeitos, do ponto de vista da observação e percepção da equipe da Ação Comunitária e também aqueles que foram expressos na fala dos envolvidos: participantes, gestores, animadores e educadores.

Efeito 1: Oferta e diversificação das atividades de lazer nas comunidades

Com a constatação dos próprios líderes e gestores, e depois com o trabalho de mapeamento realizado pelos animadores culturais, foi verificado que na maioria dos bairros onde aconteciam as atividades sistemáticas de dança e de rugby não havia nenhuma atividade similar durante os finais de semana.

Em se tratando de equipamentos não específicos de lazer, as organizações sociais possuem grande potencial para desenvolver atividades de lazer comunitário, alargando a compreensão acerca do uso de seu espaço como meio para a prática desse tipo de atividade em seu duplo aspecto educativo. As organizações sociais podem atuar no sentido de ampliar, potencializar e melhorar qualitativamente o acesso da população aos espaços de lazer, até então não utilizados de tal forma nas comunidades.

É certo que, como primeira experiência para muitas organizações de um “novo uso” para o espaço, também torna-se necessária uma forma participativa de planejamento na atividade, “de acordo com as aspirações da população, diga-se de passagem, em consonância com o próprio conceito de lazer” (Marcellino, 2007:27), o que também significa uma abertura de diálogo e troca com a população:

E a crítica que você desenvolve é repensar a comunidade. E pensar a atividade juntos, leva a gente a pensar que podemos nos unir. Se você se une para uma dança você também pode estar junto para pensar outras coisas.

Maria Cristina Donini / Gestora da Associação Beneficente Providencia Azul

Pode-se dizer que o espaço da organização social passa a ser visto sob um outro prisma, pois ao abrir nos finais de semana, oferecendo uma atividade diferente daquela que normalmente é desenvolvida durante a semana, o seu potencial integrador da comunidade vem à tona. Mas a percepção deste espaço como um local onde é possível a prática do lazer muitas vezes chega lentamente e exige grande dedicação, pois

“todo espaço é um lugar percebido. A percepção é um processo cultural. Por isto não percebemos espaços senão lugares, isto é, espaços elaborados, construídos. Espaços com significados e representações.” (Viñao Frago, 1998: 105).

“Quando a Ação Comunitária falou deste projeto a gente já vislumbrava trazer a comunidade para dentro do espaço, fazer com que ela aproveite, porque o espaço não é da Auri-Verde é do bairro Auriverde, a ideia é essa: ir trazendo aos poucos”.

Edson Passos / Gestor da Auri-Verde

Nas organizações onde ocorreram as atividades sistemáticas, o primeiro passo para a mudança de percepção destes espaços pela população ainda está em curso. Mesmo às organizações que optaram por realizar as atividades esporádicas (atividades de férias e eventos) foi proposto que estas também fossem momentos importantes de abertura da organização para a comunidade.

A maior visibilidade e integração das organizações nas comunidades em que atuam foi um dos efeitos do projeto, tanto nas atividades sistemáticas quanto na proposta dos eventos.

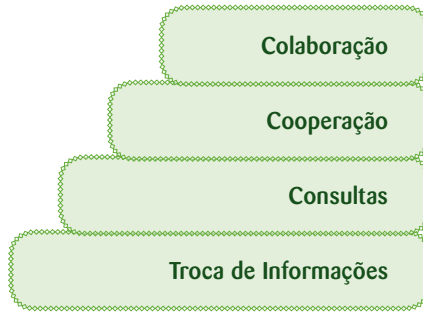
Efeito 2: O estabelecimento de parcerias

Neste processo de maior integração da organização social na comunidade, a necessidade de estabelecer parcerias se colocou como um ponto a ser melhor elaborado e estudado. Como as atividades de lazer em alguns casos propõem a integração com outros espaços fora da organização, a necessidade de se buscar parcerias se colocou de forma iminente para a realização de algumas ações do projeto.

Mas estabelecer parcerias não é tarefa fácil, pois pressupõe a superação de barreiras institucionais, a construção de confiança mútua entre pessoas, o estabelecimento de vínculos. Na fase diagnóstica junto às organizações sociais, a dificuldade em estabelecer essas ligações foi colocada pelos gestores como um desafio a ser superado. As barreiras institucionais, o tempo que deve ser investido, as equipes reduzidas nas organizações foram alguns fatores apontados para esta dificuldade.

No âmbito do Projeto Lazer Comunitário, os animadores culturais foram a campo realizar contato com algumas instituições e pessoas da região próxima às organizações. Um primeiro estágio da parceria se efetivou neste contato: a troca de informação. Tomar conhecimento do que o outro realiza no seu espaço, enxergar afinidades e conexões é apenas uma etapa de uma nova parceria, segundo a sugestão da Metodologia Colaborativa, pois a meta é alcançar a colaboração passando pelos seguintes estágios:

Etapas para a colaboração:



Neumann (2004)

Imagem 4

O movimento das organizações em “voltar-se para fora”, buscando fortalecer as comunidades nas quais estão inseridas por meio de parcerias, deve ser circular: as organizações podem se reencontrar, requalificando a volta para si, e entrando num processo de desenvolvimento contínuo. Como estabelecer conexões com a unidade de saúde do bairro para além da vacinação das crianças atendidas na minha organização? E se lá se descobrir um programa voltado para a qualidade de vida com práticas integrativas como a dança, a caminhada e o esporte? A colaboração, como a construção conjunta a partir de uma visão e objetivos compartilhados, pode acontecer de diversas formas, desde que haja essa abertura e esse movimento.

No caso das atividades de rugby, algumas vicissitudes também se colocaram em relação ao estabelecimento de parcerias, pois, para um melhor aproveitamento na prática desta modalidade, o campo de grama sintética foi o espaço ideal. Alguns dos poucos espaços públicos que existem nas periferias como meios específicos para a prática do lazer são justamente os campos. A tentativa de articulação para utilizá-los

nas atividades de rugby mostrou que o uso público destes espaços envolve uma série de atores e disputas que dificultam o acesso.

Algumas tentativas de parcerias foram feitas, mas não apresentaram condições adequadas para o início das aulas. Por meio de depoimentos dos animadores e dos próprios gestores, uma série de dificuldades relativas à comunicação, condições de infraestrutura destes parceiros (como falta de bebedouro ou de acesso a sanitários) foram elencadas.

Essa experiência deve se transformar em oportunidade para reflexão sobre o estabelecimento de parcerias, o que frequentemente exige a reinvenção das relações sociais que estão colocadas fora das organizações, envolvendo muitas vezes a reabilitação de alguns espaços para novas finalidades, como é o caso dos campos de futebol de várzea.

Na atividade de rugby, algumas parcerias articuladas pelo animador responsável pela atividade nas organizações foram bem sucedidas, como o apoio de voluntários e de doadores de alimentos para a realização do terceiro tempo. Em muitos dias das atividades, este momento tão importante do esporte se tornou muito especial para os participantes das atividades, pois as parcerias permitiram que a troca fosse ainda mais intensa.

O estabelecimento de novas parcerias se mostrou um desafio durante o *Projeto Lazer Comunitário*. Porém, como um projeto ancorado no fortalecimento comunitário que propõe a interlocução e a troca entre diferentes atores, a necessidade de criar novos sentidos, laços e novas soluções - na relação com outros espaços, interlocutores, equipamentos, - se fez presente como um caminho a ser trilhado.

Efeito 3: A proposta de um olhar diferenciado para os ativos locais

Foi descrito o rico processo de mapeamento de algumas instituições que trabalham com a cultura e com o lazer no entorno das organizações sociais. O próximo passo, já iniciado pelos animadores, é o mapeamento dos talentos individuais, grupos e associações.

Porém, é preciso lembrar novamente que o mapeamento é *um processo* e não deve ser um fim em si mesmo. Uma vez iniciado, precisa ser sempre atualizado, pois é dinâmico. Sua existência ganha sentido na medida em que estimula o fortalecimento das relações sociais e das parcerias.

Para que isto aconteça, é fundamental a compreensão da necessidade de mudança

do foco de análise das necessidades e deficiências para as capacidades da comunidade. Obviamente não se trata de ter uma leitura enviesada e ignorar as necessidades e desigualdades que muitas vezes se apresentam na realidade social, mas é preciso ter um “olhar apreciativo”, cuja premissa é uma projeção positiva para aquela comunidade. Ao incentivar e favorecer novas leituras sobre a comunidade, a capacidade de compreensão das contradições existentes se amplia e possibilita uma perspectiva de modificação da realidade.

Durante o diagnóstico junto aos líderes e gestores, o “olhar da falta” relacionado às atividades culturais e de lazer era diretamente proporcional à pouca articulação e reconhecimento dos recursos e ativos daquela comunidade. Outras vezes, sabiam da existência de pessoas, grupos e instituições, mas não conseguiam enxergar conexões.

Esse trabalho iniciado com a ajuda dos animadores culturais está no começo, precisa ser fomentado e ampliado por meio de um sistema de práticas que envolva também as crianças, jovens e educadores, de modo que novas redes de parcerias ganhem forma, conteúdo e principalmente significado. Mais do que pontos em um mapa ou um banco de dados repleto de informações, o que se busca são novos arranjos simbólicos, que vão se desenhando por meio de laços de cooperação, pertencimento e orgulho.

Isso implica no reconhecimento de outras pessoas e grupos - do vizinho, daquele grupo de jovens que se encontra para andar de skate ou jogar basquete na rua, ou daquele voluntário que treina os meninos no campo de futebol, da senhora que possui saberes artesanais, da banda musical que ensaia na garagem, do grupo de capoeira que treina na praça, do coral de idosos de uma outra organização – como *produtores de cultura* que têm nos momentos de lazer a chance de produzi-la. Recupera-se aqui o pensamento desenvolvido na Parte I desta publicação, relacionado à maneira como são encaradas as relações entre cultura e lazer:

“Afirmar o papel dos sujeitos como “produtores de culturais” significa ampliar a chance de apropriação das condições de produção do saber teórico - prático, lúdico e educativo que permeiam as vivências de lazer, buscando a criação e não o simples consumo de cultura. O lazer, pode ainda servir de estímulo a esses sujeitos, empenhados na luta pela conquista de autonomia e pela garantia de um viver digno (...)” (Werneck, 2000:132).

O processo de criação de vínculos e conexões só é possível na medida em que se reconhece essas práticas culturais como fundamentais para a comunidade e se pode incentivá-las dentro das organizações como exercício de um direito. Assim, o que se propõe é a releitura do espaço da organização social em relação aos talentos e ativos de cada comunidade. É um passo fundamental para requalificar as organizações - para além de prestadoras de serviço - como locais de fortalecimento comunitário.

Esse processo foi deflagrado no âmbito do Projeto Cultura e Lazer, mas é entendido como um gesto importante e contínuo para o desenvolvimento comunitário. Esta experiência deu pistas sobre como abrir as portas da organização, como ocupar e fomentar novos espaços de lazer, convidar o artista do bairro para se apresentar na festa da organização, abrigar um grupo de dança que não tem onde ensaiar, realizar um evento junto com os jovens e não para eles, transformar a rua em espaço de apresentação.

Pode-se dizer que o empenho na construção de vivências de fortalecimento comunitário por meio do lazer já começou!

Efeito 4: Reconhecimento dos participantes como interlocutores das organizações

Com o intuito de melhor conhecer os participantes e acompanhar as atividades sistemáticas do projeto, a equipe da Ação Comunitária realizou uma pesquisa com o universo de 31 entrevistados que frequentavam as aulas de dança e rugby em quatro organizações: Movimento Comunitário São Joaquim, Associação à Criança, ao Adolescente e Jovem do Icarai (ACAJI), Centro Popular de Defesa dos Direitos Humanos Frei Tito de Alencar Cidade Julia e da Associação Comunitária Auri-Verde. Essa pesquisa de acompanhamento visa subsidiar o projeto no sentido de seu monitoramento, bem como é um mecanismo de gestão para qualificar nossas reflexões e observar os seus efeitos.

Um questionário estruturado com perguntas fechadas foi aplicado para colher alguns dados. O intuito era caracterizar as pessoas que estavam participando das atividades, saber o que as levou a se interessar pelo rugby ou pelas danças, o que elas acreditavam que favorecia a prática do lazer, se elas já conheciam ou frequentavam as organizações antes do *Projeto Lazer Comunitário*.

Para a divulgação nas organizações, várias estratégias foram adotadas: encontros com a comunidade, confecção de cartazes que foram afixados na organização, nas ruas e comércios de seu entorno, recado escrito para os pais das crianças e, no caso do rugby,

as clínicas junto aos públicos das organizações. Foi perguntado como os participantes ficaram sabendo das atividades nas organizações aos finais de semana. A grande maioria (61%) respondeu que foi por meio de divulgação na própria entidade ou no bairro:

Como ficou sabendo da atividade

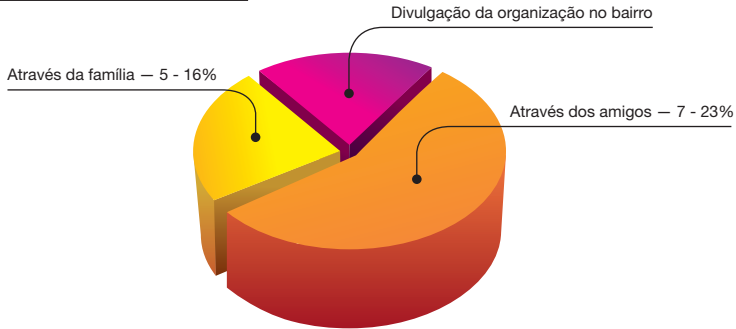


Gráfico 3

E tendo contato com a divulgação, o que motivou os participantes a participarem das atividades de lazer na organização? Os fatores aprendizado e diversão aparecem como mais citados entre os entrevistados.

Motivos que levaram à prática na organização

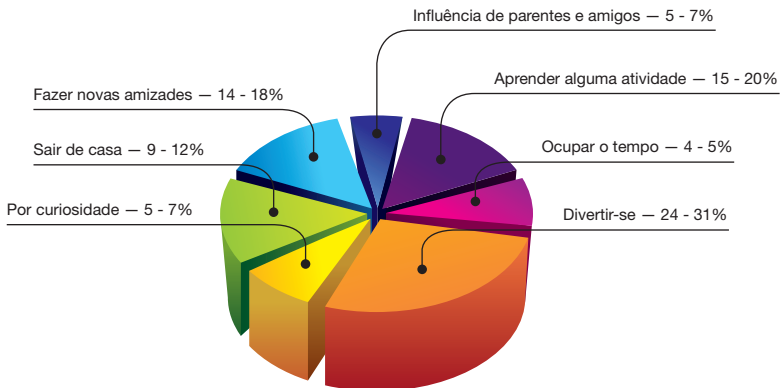


Gráfico 4

Tendo em vista que as atividades de lazer no âmbito do projeto tinham o intuito de contribuir para o fortalecimento comunitário, foi perscrutado se elas conseguiram atrair pessoas que não possuíam nenhum contato com a organização anteriormente. Elaboramos uma pergunta com este objetivo: se já conheciam ou não o trabalho das organizações antes de participarem das atividades deste projeto.

Conhecimento anterior sobre o trabalho da organização

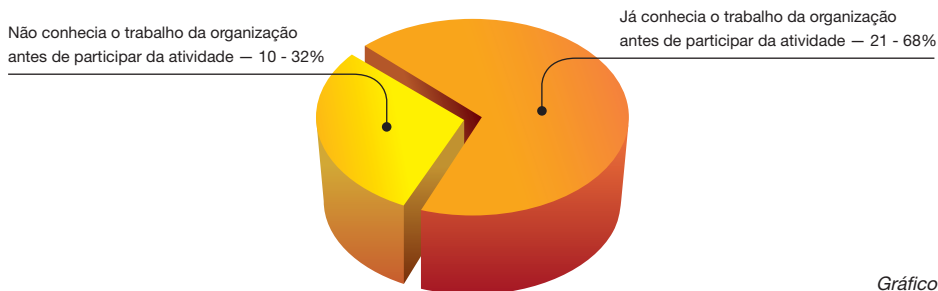


Gráfico 5

A maioria dos participantes já tinha conhecimento do trabalho da organização, mas 32% estavam entrando em contato pela primeira vez. O fortalecimento comunitário, que está diretamente relacionado à maior presença da comunidade no espaço das organizações, prevê tanto a participação de pessoas que não tinham nenhum vínculo com a organização quanto de pessoas que já estão nela inseridas, no intuito de ampliar e adensar os vínculos.

Outro ponto que era interessante de se saber estava relacionado aos espaços de lazer mais acessados pelos participantes em seus bairros e tivemos o seguinte resultado:

Espaços de lazer mais acessados

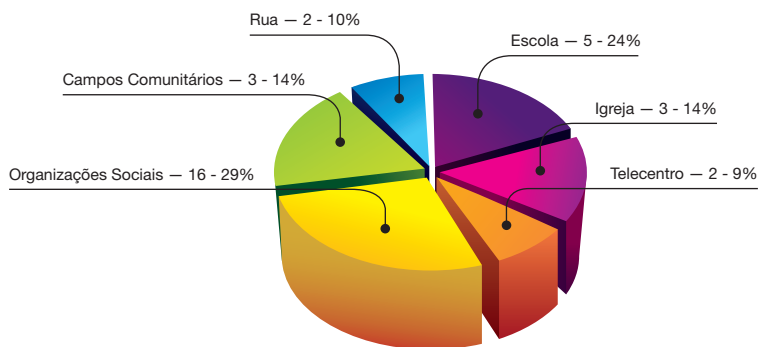


Gráfico 6

As organizações sociais e a escola figuram como os espaços que mais proporcionam na participação em atividades de lazer. Esse dado é importante se for recuperada a discussão realizada anteriormente sobre a relação entre escassez de equipamentos específicos de lazer nestas regiões e a necessidade de reinventar, ressignificar e reconhecer novos espaços nos bairros para a prática do lazer.

A opinião dos entrevistados acerca dos que favorecem a prática do lazer também foi perguntada. A existência de espaços de lazer no bairro é o fator preponderante, seguido da disponibilidade de tempo e da gratuidade das atividades:

Fatores que favorecem a prática do lazer

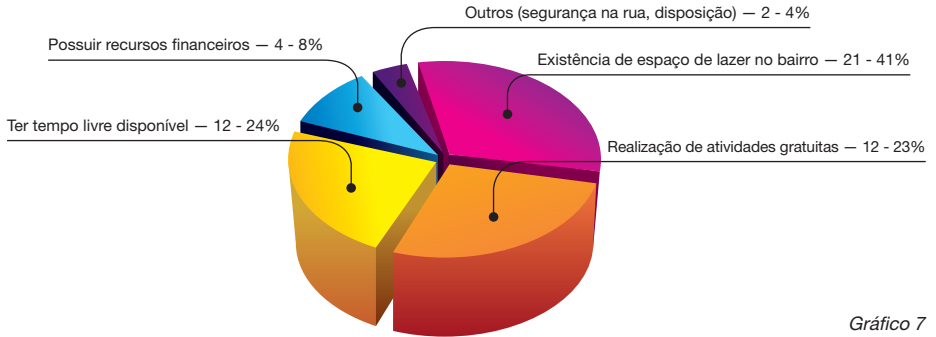


Gráfico 7

A relação lazer/espaço aparece novamente como um elemento central no entendimento dos participantes sobre a prática do lazer. A partilha do espaço - que aproxima, agrega e propõe - parece ser o elemento que ganha relevância para o exercício do lazer enquanto direito. Assim, ao abrir o espaço para a comunidade, as organizações estão exercendo uma tarefa de educação para o lazer.

Esta pesquisa, apesar de não oferecer subsídios para conclusões definitivas, aponta para alguns resultados que o projeto buscava alcançar: aproximação e adensamento da participação da comunidade nas organizações e o realce da importância da abertura do espaço destas organizações para que ocorram atividades de lazer.

Com a palavra a nossa equipe

Quando iniciamos o Projeto Lazer Comunitário, nossa intenção era trabalhar em parcerias com as Organizações Sociais no intuito de fortalecer o envolvimento delas com a comunidade, sobretudo com as famílias dos atendidos. E diante do desenrolar dessas ações, nos deparamos com alguns paradigmas que valem a pena ser aqui detalhados: As Organizações Sociais ainda são rotuladas como “espaços que só acolhem as crianças, jovens ou idosos” e muitas delas declaram em suas próprias identidades esse foco. Elas ainda são consideradas pelas famílias como “um local que não lhes pertence”, como se o lúdico existente nas atividades socioeducacionais, garantido pela Lei para crianças e jovens, fosse algo divergente da maturidade e do convívio entre adultos.

Percebe-se que as regiões periféricas da zona sul possuem muitos ativos e talentos locais. Existe muita gente trabalhando em prol da mesma comunidade, porém, notamos que esses ativos permanecem, na maioria das vezes, isolados. Existe a necessidade de articulá-los numa ampla rede que possa ser fomentada e fortalecida. Ao aproximar a classe artística periférica com essas Organizações Sociais, nos deparamos com o complexo entendimento da cultura e suas identidades. Muitos movimentos culturais não são reconhecidos pelas Organizações como uma manifestação que também pode ser desenvolvida em seus espaços e que porventura possa contribuir para o desenvolvimento comunitário. Por outro lado, muitos artistas não percebem que as Organizações Sociais são espaços em potencial para a prática e fruição cultural, podendo abraçar muitas facetas de seus projetos artísticos.

Outro fator é a relação com a fruição cultural e de lazer. Percebe-se que na cultura periférica os movimentos, iniciativas e espaços culturais ainda não são reconhecidos por parte dessas comunidades como um canal de articulação, fomento, difusão e fruição de extrema qualidade. Muitas vezes a comunidade reconhece outros agentes como ícones da cultura e do lazer, procurando acesso em outras regiões (principalmente a central) e não percebe que na zona sul, ao seu redor, existem ícones do mesmo, até com mais potencial qualitativo.

Muitos desses paradigmas foram destrinchados com o trabalho desenvolvido nesse projeto, iniciando um caminho que será trilhado por muito tempo. Esses desdobramentos já foram levantados nos encontros de líderes e gestores, no mapeamento *in loco* realizado pelos animadores culturais, nos encontros de formação com os educadores sociais e culturais, na supervisão dos orientadores pedagógicos e na própria prática das atividades sistemáticas oferecidas pelas organizações abertas para as suas comunidades.

Ao longo deste projeto, teve-se a oportunidade de propor e acompanhar ações com riquíssimas, intensas e, por vezes, até conturbadas formas de executar, fomentar e disseminar ações culturais, usando o lazer como o elo que funde a Ação Comunitária, as Organizações Sociais, os atendidos e os seus familiares.

Este foi o primeiro passo rumo a uma grande articulação que será fortalecida ao longo da realização do trabalho da Ação Comunitária, assim como no desenvolvimento das Organizações Sociais. Essa é a grande parceria e uma das preocupações do

Núcleo Cultura & Lazer, que vem contribuindo para a ampliação de repertório cultural e a mobilização comunitária.

Rodrigo Cândido – Orientador Pedagógico do Núcleo Cultura & Lazer

A compreensão da necessidade de fortalecer as comunidades onde as Organizações sociais parceiras da Ação Comunitária estão foi fundamental para realizar as formações de líderes e gestores, que tiveram como objetivo desenvolver a capacidade deles de identificar e mobilizar ativos e recursos locais nas comunidades.

A Abordagem Colaborativa propõe um novo olhar para as comunidades, exigindo uma mudança de comportamento e atitudes das pessoas que encabeçam o desafio de mobilizar esses recursos locais. Trata-se de um passo de aprendizado consciente, por um caminho de transformação interior, para que se possa perceber a comunidade e agir sobre essa percepção com ética e responsabilidade.

O investimento da Ação Comunitária na ampliação da capacidade de mobilização de recursos dessas Organizações, por meio do Projeto Cultura & Lazer, batizado por nós de Lazer Comunitário, não poderia ser diferente, pois vem de uma Organização que acredita na capacidade das pessoas como verdadeiras protagonistas da transformação.

A abertura das organizações aos finais de semana foi o primeiro passo importante para a comunidade (pais, funcionários, escola, vizinhos e parceiros), possibilitando a participação de todos e a concretização de seus objetivos.

Luciana Nunes – Coordenadora de Desenvolvimento Comunitário

Onde queremos chegar

Olhar em retrospecto para toda experiência da Ação Comunitária, destacando sua atuação no campo do fortalecimento comunitário por meio de ações culturais e lazer, com o intuito de narrar uma nova experiência que está em processo de sedimentação, foi o que se procurou demonstrar ao longo desta publicação. Falou-se da tríade cultura, lazer e fortalecimento comunitário como um caminho possível de desenvolvimento de comunidades.

Porém, é necessário olhar para os desafios contemporâneos que se colocam diante de todos que desenvolvem um trabalho social voltado justamente para comunidades, em um exercício de interpretar e analisar a realidade de forma crítica, criativa, reflexiva. Foi exposto na Parte I desta publicação que a Ação Comunitária sempre procurou se posicionar frente às mudanças estruturais e históricas que se colocaram em nossa sociedade e também se falou das mudanças ocorridas no âmbito do associativismo

brasileiro e sobre como as antigas associações de moradores se adaptaram às novas formas de atuar na cena pública. Conforme Maria da Glória Gohn (2008: 94) postulou, um “novo movimento de bairro” tem sido recriado por meio da prestação de serviços de ONGs que criam uma “rede de centros comunitários, creches, centros culturais, oficinas para jovens, escola para qualificação para trabalhadores no setor de serviços (...), e uma infinidade de outras atividades que aglutinam os moradores de periferias nas grandes cidades, organizados em pequenos centros comunitários populares”.

Apesar de ter sido usada a todo tempo a palavra “comunidade” para caracterizar esta rede de atividades e o conjunto de pessoas que fazem parte dela, há um certo entendimento que hoje a comunidade é algo inviável ou que vive-se uma realidade hostil a essa ideia.

Para o sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2003), a “comunidade é um tipo de mundo que não está ao nosso alcance” e que nos dias de hoje é outro nome do “paraíso perdido” ao qual os homens buscam voltar. Tem-se aí o entendimento sociológico que coloca ressalvas na utilização da palavra “comunidade” pela miríade de sensações e sentimentos que ela evoca como “um lugar aconchegante”, que “sugere coisas boas”, onde “não há perigos ocultos”.

Para Bauman, os desejos de segurança e liberdade sempre estiveram no horizonte humano, mas nunca puderam ser realizados simultaneamente, ou seja, sempre estivemos num curso pendular entre ambos. A vida em comunidade tem um ganho que é a segurança e a proteção, porém seu custo é a perda de liberdade. A falta da vida em comunidade no remete à insegurança presente no mundo moderno: as incertezas no campo da economia, a competitividade exacerbada, a transferência da responsabilidade dos fracassos sociais para os indivíduos, a desregulamentação do trabalho.

Para o mesmo autor, as incertezas, os medos, fragilidades, não unem aqueles que vivem as mesmas situações, ao contrário, os dividem e separam. As mazelas individuais não se somam e nem se condensam em algo que possa ser identificado como “causa comum” (...) “a decadência da comunidade nesse sentido se perpetua; uma vez instalada, há cada vez menos estímulos para deter a desintegração dos laços humanos” (Bauman 2003: 48).

Diante deste quadro, o primeiro impulso que temos é abandonar a noção de comunidade, porém sabemos que ela indica e carrega significados importantes que mostram o caminho para sua conquista, seja como categoria de pessoas, como referência à política, como uma área limitada de moradia. Este é um termo carregado de significações e intencionalidades.

Mas o próprio autor postula que há uma chance da comunidade se realizar e é justamente na interdependência entre os que vivem sob a égide da globalização que reside esta chance. O controle coletivo das “condições sob as quais enfrentamos a vida” é tarefa que viabiliza a comunidade, o laço humano da interdependência se coloca como estímulo.

Porém, para que cada indivíduo enxergue certas tarefas como coletivas, é preciso fomentar a percepção e a consciência das situações de ambiguidade da sociedade contemporânea e, ai sim, armados do conhecimento sobre os erros do passado, podemos vislumbrar a possibilidade de trilhar novos caminhos.

A participação nos diversos espaços sociais que promovem esse tipo de reflexão e ativam essa percepção - problematizando e transcendendo visões de mundo, de ser humano, da sociedade, dos direitos - leva a uma participação ativa e, portanto, cidadã, nos contextos e cotidianos de cada indivíduo.

A convicção de que a mudança é possível é postura de “educadores problematizadores” como pontuou Paulo Freire (1996), mas esta postura deve ganhar ressonância nos espaços educativos, de maneira a desencadear um movimento capaz de atingir outros atores que não necessariamente participam diretamente destes espaços: os pais, funcionários, escola, os vizinhos, os parceiros, etc.

Essa proposta abrangente inclui toda comunidade próxima das organizações sociais num movimento em cadeia, no qual todos se percebem como interdependentes e capazes de intervir na realidade, o que gera novos saberes e fortalecimento comunitário. Essa possibilidade avança e transcende a perspectiva de um trabalho que seja realizado apenas pela Ação Comunitária e invoca a construção de parcerias que resultem em um nível colaborativo no qual visão e objetivos sejam compartilhados.

Este é um trabalho árduo que a Ação Comunitária vem empreendendo há um certo tempo em diversos contextos e conjunturas sociais e políticas. Dentre muitas de suas ações, aquelas que incidiram sobre a cultura e o lazer sempre se fizeram presentes tanto no plano educativo quanto como ferramentas que possuem um potencial crítico reflexivo.

O desafio que se apresenta é um intenso exercício de interpretação e construção de sentidos, visões e objetivos para a elaboração de projetos que reflitam este movimento realizado em conjunto. Ele é permanente na medida em que instiga a busca por essa possibilidade de realização do fortalecimento comunitário como um processo provocador de mudanças, conexões e reconstruções mais justas.

Referências bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Zahar, 2003

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 1996

VIÑAO-FRAGO, A., ESCOLANO, A., (1998). Currículo, espaço e subjetividade: arquitetura como programa. Rio de Janeiro: DP&A. Tradução de Alfredo Veiga-Neto.

WERNECK, Christiane. Lazer, trabalho e educação. Belo Horizonte,: CELAR/Ed. UFMG, 2000.

Dados Sobre Cultura e Lazer nos Distritos

► Subprefeitura de Campo Limpo

• Equipamentos culturais públicos

Porcentagem de equipamentos públicos de cultura, municipais, estaduais, e federais, em cada subprefeitura/distrito sobre o total da cidade, por ano.

Ano	Indicador %	Valor Absoluto
2006	0,58	1
2007	1,50	3
2009	1,81	4
2010	2,58	6

Tabela 4

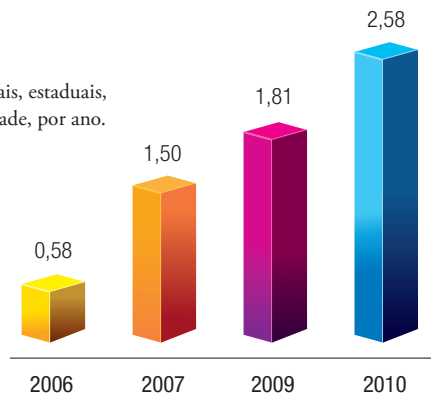


Gráfico 8

Fonte: SMC (Secretaria Municipal de Cultura)/Observatório Cidadão Nossa São Paulo
Valor Absoluto: equipamentos disponíveis

• Centros Culturais, Espaços Culturais e Casas de Cultura

Centros Culturais, Espaços Culturais e Casas de Cultura					
Município de São Paulo, Subprefeituras e Distritos Municipais 2012					
Unidades Territoriais	Total MSP	Rede Municipal	Rede Estadual	Rede Federal	Rede Particular
MSP	92	27	18	1	46
Campo Limpo	1	1	–	–	–
Campo Limpo	1	1	–	–	–
Capão Redondo	–	–	–	–	–
Vila Andrade	–	–	–	–	–

Tabela 5

Fonte: Secretaria Municipal de Cultura / Guia da Folha de São Paulo
Elaboração: SMDU/Dipro

• Pontos de Cultura

Porcentagem de pontos de cultura federais, em cada subprefeitura/distrito sobre o total da cidade, por ano.

Ano	Indicador %	Valor Absoluto
2010	6,50	8

Tabela 6

Fonte: MINC (Ministério da Cultura)/Observatório Cidadão Nossa São Paulo

Unidade: porcentagem de pontos de cultura

Valor Absoluto: equipamentos disponíveis



Gráfico 9

• Equipamentos Esportivos Subprefeitura Campo Limpo

Unidades Territoriais	Total	Rede Municipal Direta									Total Direta
		Clubes Desp.	Clubes Desp.	CEE (1)	BAL (1)	MBAL (1)	Clube dos CEUs	Centro Olímpico	CEL (1)	Autódromo	
		C/ Ginásio	C/ Estádio								
Município de São Paulo	578	1	3	21	5	8	45	1	6	1	91
Campo Limpo	32	–	–	–	–	1	1	–	–	–	2
Campo Limpo	20	–	–	–	–	1	–	–	–	–	1
Capão Redondo	11	–	–	–	–	–	1	–	–	–	1
Vila Andrade	1	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–

Unidades Territoriais	Total	Rede Municipal Indireta						
	MSP	CDM ⁽¹⁾	Campos Futebol	Mini Campos	Quadras	Society	Gatebal	Total Indireta
Município de São Paulo	578	199	133	13	29	10	1	404
Campo Limpo	32	9	11	3	3	1	–	28
Campo Limpo	20	8	4	1	2	1	–	17
Capão Redondo	11	1	6	2	1	–	–	10
Vila Andrade	1	–	1	–	–	–	–	1

Unidades Territoriais	Total	Rede Estadual		Rede Particular			
		Clubes Desportivos	Total	Clubes Desportivos C/ Estádio	Clubes Desportivos C/ Ginásio	Clubes Desportivos	Total
	MSP						
Município de São Paulo	578	4	4	5	12	62	79
Campo Limpo	32	–	–	–	–	2	2
Campo Limpo	20	–	–	–	–	2	2
Capão Redondo	11	–	–	–	–	–	–
Vila Andrade	1	–	–	–	–	–	–

(1) CDM - Clubes Desportivos Municipais

Tabela 7

CEE - Centro Educacional e Esportivo

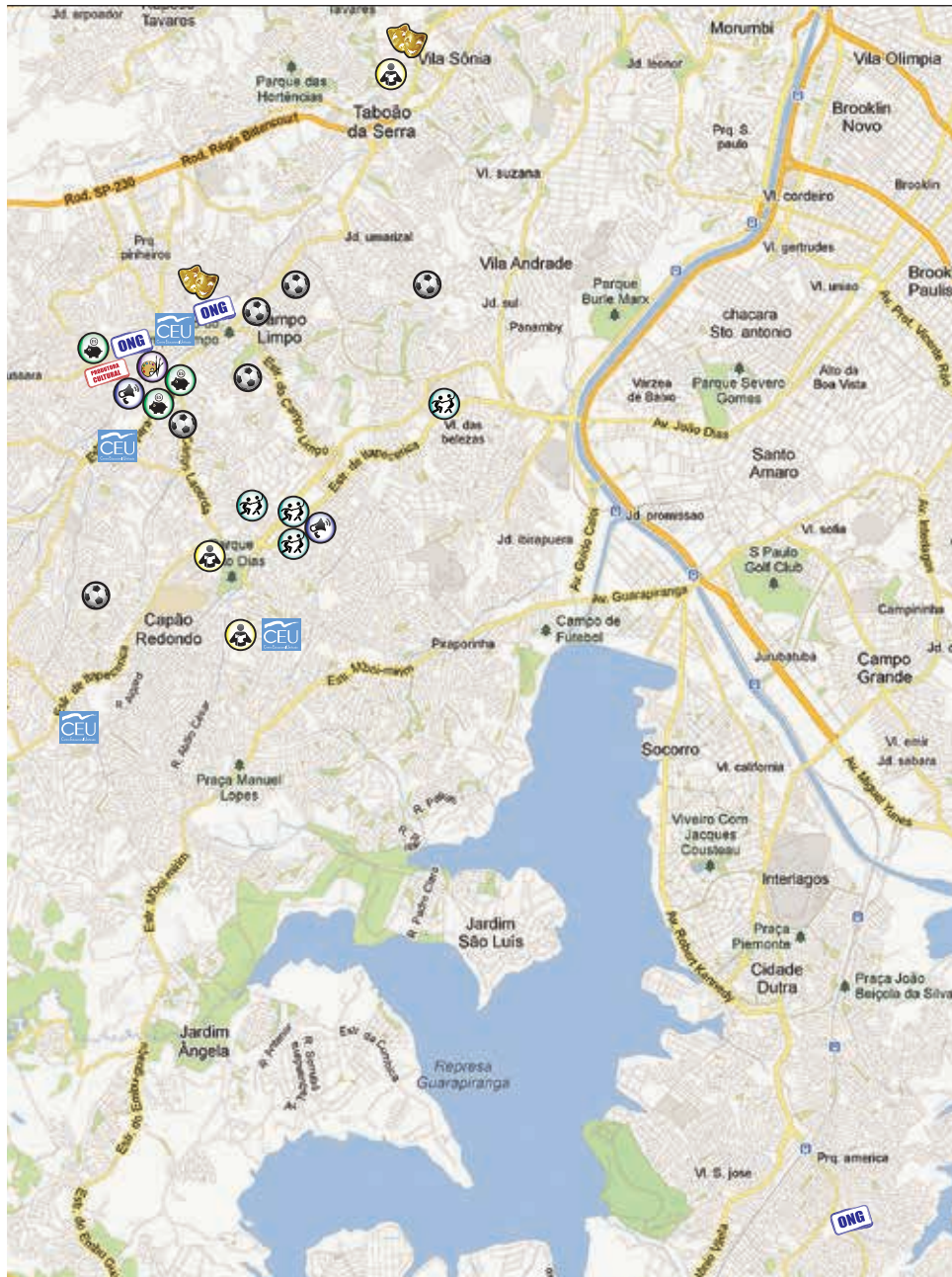
CEL - Centro de Esporte e Lazer

BAL - Balneário

MBAL - Minibalneário

Fonte: Secretaria Municipal de Esportes, Lazer e Recreação / SEME. Ano 2010

Maapeamento Subprefeitura Campo Limpo



Recursos Mapeados na Subprefeitura Campo Limpo

Ícone	Proponente e Endereço	Projeto	Proposta / Tipo
	<p>Aline Maria Cardoso Pereira Ferreira Rua Zacarias Mazel, 128 - Jd. Maria Sampaio CEP: 05790-010 Fone: 5833 1070 / 7060 3646 E-mail: aline4945@gmail.com</p>	Ateliê PopulArte	As principais ações serão a construção de um ateliê para produção coletiva de artes em diversas linguagens, encontros para estudos acerca da arte, como workshops, palestras e reuniões, conversas com artistas já inseridos no circuito da arte, além de exposições coletivas e intervenções artísticas na comunidade.
	<p>Jose Cícero da Silva Rua Doutor Luis Fonseca Galvão, 248 - Pq Maria Helena CEP: 05855-300 (Próximo ao Metrô Capão Redondo) Fone: 6066 9470 / 8833 8615 E-mail: josehsilva@gmail.com www.campana.outraspalavras.org/</p>	Escola Livre de Comunicação Compartilhada: Coberturas Jornalísticas Culturais de Periferia	Divulgar as iniciativas culturais não só na Zona Sul de São Paulo, onde será equipado um laboratório de redação jornalística, mas em toda a cidade. Para isto o projeto prevê recurso financeiro e formação para 10 pessoas que se interessarem em fazer coberturas de eventos culturais na periferia.
	<p>Maria José Soares da Silva Cia Saída de Emergência Rua Doutor Luis Fonseca Galvão, 248 - Pq Maria Helena CEP: 05855-300 (Próximo ao Metrô Capão Redondo) Fone: 5892 7590 / 6882 6603 E-mail: mary_zsoares@yahoo.com.br</p>	Saída de Emergência Cia de Dança	O I Festival "Saída de Emergência Cia de Dança 2012", teve como objetivo fomentar e valorizar os trabalhos das companhias de dança. Além da realização do festival, com montagem do regulamento, ficha de inscrição e divulgação do evento, foram oferecidos workshops para bailarinos, coreógrafos e a comunidade.
	<p>CEU Avenida Carlos Lacerda, 678 Campo Limpo - CEP: 05789-000 Fone: 5843 4841 E-mail: smeceucampolimpo@prefeitura.sp.gov.br</p>	Cardeal Dom Agnelo Rossi	O projeto pedagógico do CEU Campo Limpo contempla as crianças portadoras de necessidades especiais: na biblioteca da unidade, há turmas de educação infantil com aulas de braille e libras. O centro oferece oficinas de capoeira, jazz, dança do ventre, bijuteria, teatro, hip hop, artes plásticas (dobradura, materiais reciclados, pintura e desenho), musicalização (canto, violão, contra-baixo, saxofone e percussão) e iniciação esportiva.

Ícone	Proponente e Endereço	Projeto	Proposta / Tipo
	<p>CEU Rua Feição da Vila, 399 Chácara Santa Maria CEP: 05879-000 Fone: 3397 6550 E-mail: smeceufeiticovila@ prefeitura.sp.gov.br</p>	Feição da Vila	O projeto pedagógico do CEU Feição da Vila aborda, entre outros temas, a questão ambiental por meio de um programa de redução do lixo sólido. Atividades aquáticas, oficina de culinária, capoeira, tênis, dança, teatro, vôlei são destaques da programação cultural e esportiva.
	<p>Thiago Vinicius de Paula da Silva Rua Zacarias Mazel, 128 Jd. Maria Sampaio CEP: 05790-010 Fone: 5841 4392 / 6062 1050 E-mail: agsolanotrindade@gmail.com</p>	Agência Popular Solano Trindade	A Agência Solano Trindade é uma organização popular que visa fomentar a produção cultural nas periferias da cidade por meio da construção de um portal da agência na Internet e a ampliação das ações nas redes sociais. O objetivo é garantir a sustentabilidade dos agentes culturais e o fortalecimento de trocas de serviços, produtos e conhecimentos. Também busca organizar uma feira mensal de artes com o objetivo de provocar encontros e incentivar a trocas e a economia da cultura na sede localizada no Capão Redondo.
	<p>Natália Mancio Rua Dr. Jorrano Pacheco de Aguirre, 255 - Campo Limpo CEP: 05788-290 Fone: 5841 3366 E-mail: arrastao@arrastao.org.br www.arrastao.org.br</p>	Projeto Arrastão	Projeto Arrastão é uma organização social sem fins lucrativos, constituída legalmente no dia 7 de agosto de 1968. Realizadas na zona sul de São Paulo, as ações do Projeto Arrastão beneficiam uma média de 6.500 pessoas, não só moradores do Campo Limpo, mas também a população dos distritos de Capão Redondo, Vila Andrade, Jardim Ângela, Jardim São Luís e as comunidades de Taboão da Serra.
	<p>Luciano Santiago Lima Trupe Arte Manhã Rua Haroldo de Azevedo, 20 Campo Limpo - CEP: 05788-230 Fone: 5844 4116 / 99862 4821 98236 6233 / 96486 4320 www.trupeartemanha.com.br www.artemanhatrupeart- emanha.wordpress producaoartemanha@ gmail.com</p>	Espaço Cultural CITA - Centro de Investigação Teatral Artemanha	Espaço de pesquisa, formação e experimentação teatral.
	<p>Jefferson Rodrigues de Sá Rua José Quaresma Júnior, Módulo 01 e 02 Parque Grajaú CEP: 04843-600</p>	Armazém Cultural e Esportivo	Organização Sociocultural

Ícone	Proponente e Endereço	Projeto	Proposta / Tipo
	<p>Dona Neide Rua Zacarias Mazel, 128 Jd. Maria Sampaio CEP: 05790-010 Fone: 5841 4392 E-mail: uniaopopmulheres@hotmail.com www.uniaopopmulheres.org.br</p>	<p>União Popular de Mulheres</p>	<p>É uma organização social sem fins lucrativos, que tem como objetivo principal a luta pela completa emancipação da mulher e pela igualdade nas relações de gênero. Quer ainda, mobilizar, unir e organizar seus associados e associadas para a luta e conseqüente a conquista da plenitude de seus direitos sociais, econômicos, políticos, ambientais e culturais. Dentro deste cenário, a União Popular de Mulheres de Campo Limpo e adjacências vem desenvolvendo nos seus programas de trabalho (socioeducativo e interdisciplinar) atividades direcionadas tanto para Idosos como para mulheres, jovens e crianças.</p>
	<p>Agência Popular Solano Trindade Rua Zacarias Mazel, 128 Jd. Maria Sampaio CEP: 05790-010</p>	<p>Loja É D'Marca</p>	<p>A Loja É D'Marca é uma das propostas da Agência para pensar a sustentabilidade dos agentes culturais da periferia. A ideia fundamental dela é ser uma loja colaborativa e ampla, que comercialize todos os produtos das pessoas e coletivos da Agência, seja um livro, um CD, uma camisa, artesanatos, e muitas outras coisas. Esse é o grande diferencial da Loja, a sua diversidade de produtos, que chama a atenção em todos os lugares onde a loja expõe.</p>
	<p>Gal Martins Rua Doutor Luis Fonseca Galvão, 248 - Pq Maria Helena CEP: 05855-300 (Próximo ao Metrô Capão Redondo) Fone: 5511 005 www.ninhosansacroma.wordpress.com ninhosansacroma@gmail.com</p>	<p>Cia Sansacroma - Ninho Sansacroma</p>	<p>A Cia Sansacroma é um grupo de dança contemporânea da cidade de São Paulo criado em 2002 pela atriz, dançarina e coreógrafa Gal Martins. Desenvolve trabalhos baseados no hibridismo em dança contemporânea utilizando ainda elementos das artes da palavra como poesia e teatro. Tem como foco fomentar temas que são pertinentes na sociedade atual, mediados principalmente por questões que afetam a todos diretamente, seja na rua, nos conceitos, nas relações pessoais, na mídia e na própria arte.</p>
	<p>CEU Av. Cantos do Amanhecer, s/nº Jardim Eledy - CEP: 05856-020 Fone: 3397 9720 (Gestão) 9729 9732</p>	<p>CEU Cantos do Amanhecer</p>	<p>O CEU Cantos do Amanhecer está localizado no distrito de Campo Limpo e atende o Jardim Eledy e o Jardim Mitsutani. A construção do CEU ajudou a eliminar terceiro turno diurno na EMEF Levy de Azevedo Sodré.</p>

Ícone	Proponente e Endereço	Projeto	Proposta / Tipo
	<p>Thiago Vinicius de Paula da Silva e Rafael Rua Zacarias Mazel, 128 Jd. Maria Sampaio CEP: 05790-010 Fone: 5841-4392 www.bancocomunitariosampaio.blogspot.com.br/</p>	Banco Comunitário União Sampaio	<p>São serviços financeiros e bancários gerenciados pela comunidade, fazendo com que estes serviços, além de mais acessíveis, sejam um instrumento de organização e estímulo ao desenvolvimento local.</p> <p>A atuação do banco se dá de forma integrada com a produção e o consumo locais, pois é formulada a partir de linhas de crédito produtivo e de consumo, levando em consideração critérios de análise de crédito que contemplem a realidade local.</p>
	<p>Binho e Suzi R: Santa Luzia 96 Vila Santa Luzia Taboão da Serra CEP: 06754-010 Fone: 98022-6706 E-mail: abcbinho@yahoo.com.br saraudobinho@gmail.com</p>	Sarau do Binho	<p>O Sarau surgiu no Campo limpo em um bar, mas devido a problemas de alvará ele foi transferido para o Taboão. Toda segunda-feira de cada mês, às 21hs, Sarau do Binho acontece Espaço Clariô de Teatro. O Sarau também se apresenta em outros espaços de forma itinerante. Tem outros projetos como POSTESIA E BRECHOTECA E Caminhada "DONDE MIRAS"</p>
	<p>CEU Rua Daniel Gran, s/nº Capão Redondo CEP: 05867-380 Fone: 5873 8067 / 5873 8093 5873 8090</p>	CEU CAPÃO REDONDO Prof. Dr. Celso Seixas Ribeiro Bastos	<p>O CEU Capão Redondo permitirá que três escolas da região passem a funcionar, a partir do próximo ano letivo, em dois turnos com uma hora a mais de aula.</p> <p>São elas as EMEFs João Pedro de Carvalho Neto, Donato Susumu Kimura e Mario Rangel.</p> <p>O CEU oferece à comunidade três piscinas, uma recreativa, uma para adultos e uma infantil, um teatro com 196 lugares, uma biblioteca, um telecentro, duas quadras externas e uma quadra interna.</p>
	<p>Rogério Gozaga Praça Danilo Honorio Rua Domingos Peixoto da Silva - Cohab Adventista CEP: 05868640 Fone: 97032-1651 E-mail: rogeriogonzaga@gmail.com</p>	PRAÇARAU	<p>Sarau organizado pela comunidade do entorno na praça com apresentações artísticas variadas.</p>

Ícone	Proponente e Endereço	Projeto	Proposta / Tipo
	<p>Thais e Camila Bar do Jorge - Antigo Saldanha Rua Marco Basaiti CEP: 05869-250 www.sarauantenese.blogspot.com.br</p>	Sarau Antene-se	<p>A ideia do Sarau surgiu quando, por um acaso, a Thais e eu (Camila) estávamos passando pela COHAB e nos deparamos com o PRAÇARAU rolando. Paramos pra ver o sarau e quando estávamos indo embora conversamos sobre montar um lá no Capão, mais precisamente no Bar do Jorge, lugar que já tínhamos costume de frequentar há um bom tempo. Quando falamos da ideia pro Jorge (dono do bar), ele adorou. Compartilhamos a ideia com a Dani e a Queli (amigas que também conhecemos nesse bar), pois com elas já dividíamos a vontade de realizar projetos. Antes do sarau já tínhamos pensado em várias outros projetos que acabamos não realizando. A partir daí já estava formado o Núcleo do Sarau. Isso tudo aconteceu em fevereiro de 2011.</p>
	<p>Tony Marlon Rua Zacarias Mazel, 128 Campo Limpo - CEP: 05790-010 Fone: 98125 6009 contato@escoladenoticias.org tony@escoladenoticias.org Skype: tony.marlon</p>	Escola de Notícias	<p>O Instituto Escola de Notícias é um empreendimento social na área de educomunicação (educação e comunicação) e mobilização comunitária. Situado na região de Campo Limpo, zona sul de São Paulo, foi criado em janeiro de 2011 e está dividido em dois eixos de trabalho, sendo uma <i>Produtora Sociocultural</i> que oferece produtos e serviços nessas áreas, e reinveste parte dos recursos obtidos na manutenção de uma Escola de Comunicação Comunitária (ECC) voltada para jovens da região. A partir de uma metodologia própria, a ECC se propõe a refletir e agir no uso das TICs como ferramentas de transformação social.</p>
	<p>Rua Sgto Estanislau Custodio, 130 Jd Jussara / Vila Sonia CEP: 05534-030 Fone: 8336 0546 / 5677 9049 E-mail: encena@encena.art.br</p>	Cia Encena	<p>A Cia Encena vem desenvolvendo desde sua fundação em 1997, um trabalho que visa estudar e analisar o Homem dentro de um contexto social e político em diferentes fases da história. Buscamos um teatro onde o espectador se divirta; se emocione; reflita; identifique o meio em que vive ou viveram seus antepassados; compreenda a si e a seus semelhantes e tenha, por fim, a esperança e a crença de que ele pode e deve melhorar o mundo.</p>
	<p>Rodrigo dos Santos Cândido Rua João Damasceno, s/nº V. das Belezas - CEP: 05841-160 Fone: 95246 2174 www.ciadiversidanca.wordpress.com rodrigo_candido84@yahoo.com.br ciadiversidanca@yahoo.com.br</p>	Cia Diversidança	<p>Companhia de dança contemporânea formada em 2006 no Clube da Turma M' Boi Mirim. Ao longo de sua trajetória, já teve sede na Fábrica de Criatividade e Ninho Sansacroma. Atualmente tem sede no CEU Casa Blanca. A Cia tem três elencos: residente, oficial e profissional. Desde 2008 realizam o projeto Ser Autor da sua própria Obra.</p>

Ícone	Proponente e Endereço	Projeto	Proposta / Tipo
	Rua Pedro Faber CEP: 05798-290 Fone: 95936 5820 E-mail: lordsofkump@hotmail.com ronaldo182reis@hotmail.com	Lords Of Krump Companhia de Dança	Os jovens do grupo Lords of Krump não têm mais de 18 anos. Atuam e vivem na região do Capão Redondo, bairro periférico da zona Sul da Cidade de São Paulo. Têm experiência em ações comunitárias, participação em vídeo clips, programa de televisão e shows. O grupo já passou por diferentes formações, mas a ousadia e a procura por novos desafios fizeram com que nunca deixassem de se encontrar para trocar ideias e principalmente dançar. Ronaldo (Chocolate) e Vinicius (Pit Bull) instigaram a galera para aprender um estilo pouco difundido que é o KRUMP.
	Clube Temático Esportivo Clube das Comunidades Rua Alexandre Bening, s/nº		Clube Temático Esportivo Clube das Comunidades
	Clube Temático Esportivo Clube das Comunidades Rua Franklin Távora, 433		Clube Temático Esportivo Clube das Comunidades
	Clube Temático Esportivo Clube das Comunidades Rua Rafael Portanti, Nº 17		Clube Temático Esportivo Clube das Comunidades
	Clube Temático Esportivo Clube das Comunidades Rua Roque de Mingo, 550		Clube Temático Esportivo Clube das Comunidades
	Clube Temático Esportivo Clube das Comunidades Estrada do Campo Limpo, 2586		Clube Temático Esportivo Clube das Comunidades
	Clube Temático Esportivo Clube das Comunidades Rua Raul Borges s/nº.		Clube Temático Esportivo Clube das Comunidades

Tabela 8

► Subprefeitura Capela do Socorro

• Equipamentos culturais públicos

Porcentagem de equipamentos públicos de cultura, municipais, estaduais, e federais, em cada subprefeitura /distrito sobre o total da cidade, por ano.

Ano	Indicador %	Valor Absoluto
2006	2,34	4
2007	2,50	5
2009	2,26	5
2010	2,15	5

Tabela 9

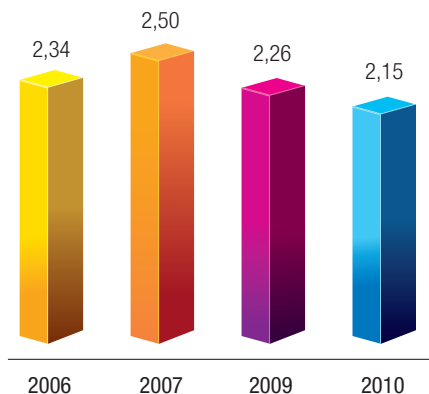


Gráfico 10

Fonte: MINC (Ministério da Cultura) / Observatório Cidadão Nossa São Paulo Ano: 2010

Valor Absoluto: equipamentos disponíveis

• Centros Culturais, Espaços Culturais e Casas de Cultura

Centros Culturais, Espaços Culturais e Casas de Cultura					
Município de São Paulo, Subprefeituras e Distritos Municipais 2012					
Unidades Territoriais	Total MSP	Rede Municipal	Rede Estadual	Rede Federal	Rede Particular
MSP	92	27	18	1	46
Capela do Socorro	1	1	–	–	–
Cidade Dutra	1	1	–	–	–
Grajaú	–	–	–	–	–
Socorro	–	–	–	–	–

Fonte: Secretaria Municipal de Cultura / Guia da Folha de São Paulo

Tabela 10

Elaboração: SMDU/Dipro

• Pontos de Cultura

Porcentagem de pontos de cultura federais, em cada subprefeitura/distrito sobre o total da cidade, por ano.

Ano	Indicador %	Valor Absoluto
2010	3,25	4

Tabela 11



Gráfico 11

Fonte: MINC (Ministério da Cultura) / Observatório Cidadão Nossa São Paulo Ano 2010

Unidade: porcentagem de pontos de cultura

Valor Absoluto: equipamentos disponíveis

• Equipamentos esportivos

Unidades Territoriais	Total	Rede Municipal Indireta						
	MSP	CDM ⁽¹⁾	Campos Futebol	Mini Campos	Quadras	Society	Gatebal	Total Indireta
Município de São Paulo	578	199	133	13	29	10	1	404
Capela do Socorro	43	14	15	2	1	2	–	34
Cidade Dutra	22	7	9	–	1	1	–	18
Grajaú	14	4	6	2	–	1	–	13
Socorro	7	3	–	–	–	–	–	3

Unidades Territoriais	Rede Municipal Direta										Total Rede Municipal
	Clubes Desp.	Clubes Desp.	CEE (1)	BAL (1)	MBAL (1)	Clube dos CEUs	Centro Olímpico	CEL (1)	Autódromo	Total	
	C/ Ginásio	C/ Estádio								Direta	
Município de São Paulo	1	3	21	5	8	45	1	6	1	91	495
Capela do Socorro	–	–	–	–	–	1	–	–	1	2	36
Cidade Dutra	–	–	–	–	–	–	–	–	1	1	19
Grajaú	–	–	–	–	–	1	–	–	–	1	14
Socorro	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	3

Unidades Territoriais	Rede Estadual		Rede Particular			
	Clubes Desportivos	Total	Clubes Desportivos C/ Estádio	Clubes Desportivos C/ Ginásio	Clubes Desportivos	Total
Município de São Paulo	4	4	5	12	62	79
Capela do Socorro	–	–	–	–	7	7
Cidade Dutra	–	–	–	–	3	3
Grajaú	–	–	–	–	–	–
Socorro	–	–	–	–	4	7

Tabela 12





- (1) CDM - Clube Desportivo Municipal
- CEE - Centro Educacional e Esportivo
- CEL - Centro de Esporte e Lazer
- BAL - Balneário
- MBAL - Minibalneário

Fonte: Secretaria Municipal de Esportes, Lazer e Recreação / SEME. Ano 2010

Recursos Mapeados na Subprefeitura Capela do Socorro

Ícone	Proponente e Endereço	Projeto	Proposta / Tipo
	<p>Claudemir Batista dos Santos Estrada do Barro Branco, s/nº Bairro: Jardim Três Corações CEP: 04852-320 Fone: 5527 4055 / 5455 5281 email: bandiere@hotmail.com www.enchendolajeessoltan- dopipa.webnode.com.br/ cia-enchendo-laje/</p>	Cia Teatral Enchendo Laje & Soltando Pipa	<p>O grupo teatral Enchendo Laje & Soltando Pipa foi fundado em 2004, como parte de um projeto relacionado ao programa Escola da Família, do governo estadual de São Paulo, utilizando o espaço da Escola Estadual Levi Carneiro, no Jd. Mirna, zona sul da capital paulista. Sua pretensão era a de possibilitar o contato de jovens com a linguagem teatral, explorando-a por meio de jogos cênicos e pequenas encenações. A este propósito juntou-se a necessidade de se discutir a questão do sujeito inserido na sociedade, ou seja, a relação do homem com o meio em que vive. Portanto, desde seu início, o grupo possui um caráter social, na medida em que se propõe a problematizar o contexto do qual é fruto.</p>
	<p>Comunidade Nova Civilização Rua Professor Oscar Barreto Filho nº 50 Parque América - Grajaú CEP: 04822-300 Fone: 5662 8793 / 9261 3867 flavio_munhoz@hotmail.com</p>	Cineclube da Comunidade Cine Cidadão	<p>O projeto consiste em exibições regulares de filmes, criação de um cineclube, videoteca popular e outras ações ligadas ao audiovisual que fomentem a apropriação da sala de cinema do Grajaú pela comunidade.</p>
	<p>Felippe Lima de Oliveira Rua Jequiritiba, 864 CEP: 04822-000 Fone: 5523 5338 / 8396 5897 felippelima91@gmail.com</p>	Rádio Onda Jovem	<p>Dando continuidade ao projeto, a rádio funcionará 24h, com um sistema <i>streaming</i>, que permite entrar ao vivo em horários e locais escolhidos. Além disso, prevê oficinas de como montar e administrar uma web rádio e uma ação que consiste na apresentação do musical ao vivo.</p>
	<p>Gisele Ramos dos Santos Associação de Moradores Cantinho do Céu Rua São Francisco Inacio Solano, 61 - Grajaú CEP: 04849 501 Fone: 5931 9242 / 7325 2535 gisele.ramos.santos@hotmail.com</p>	Canja dos Artistas	<p>Canja dos artistas: serão realizados espetáculos, saraus e cortejos. A canja será feita para aproximar os artistas da região do Grajaú e a comunidade. Queremos também transformar a associação em um espaço cultural.</p>
	<p>Maria Jesciane Soares da Costa Avenida Interlagos, 7350 CEP: 04777-000 Fone: 5844 7846 / 7495 8647 jescianecosta@hotmail.com</p>	A Água Acabou	<p>A Cia. Malucômicos de Teatro tem como intuito levar para a periferia a consciência da preservação do meio ambiente através da linguagem da comédia. As apresentações da peça "A Água Acabou" serão realizadas nos meses de agosto, setembro, outubro e novembro.</p>

Ícone	Proponente e Endereço	Projeto	Proposta / Tipo
	<p>Supervisoras: Sueli e Beth Rua Prof. Oscar Barreto Filho nº 50 Parque América - Grajaú CEP: 04822-300 Fone: 5924 9135 casadeculturagrajau@gmail.com http://casadeculturagrajau.blogspot.com.br/</p>	Casa de Cultura Palhaço Carequinha	Cine Clube / Café Filosófico
	<p>CEU Avenida Interlagos, 7350 Cidade Dutra CEP: 04777-000 Fone: 5668 1950 smeceucdedutra@prefeitura.sp.gov.br</p>	CIDADE DUTRA Dr. Adib Salomão	<p>Cerca de 5 mil pessoas frequentam, mensalmente, as atividades culturais e esportivas do CEU Cidade Dutra. O centro mantém um programa de educação ambiental, que contempla a adoção de uma praça pelos alunos e professores da unidade, e promove atividades de música e dança junto aos moradores de regiões como Cidade Dutra, Jardim Clíper, Grajaú, Jardim Noronha, Jordanópolis e Interlagos</p>
	<p>Mauricio Borges Comunidade Cidadã Rua Jequiritiba, 864 Cidade Dutra CEP: 04822 000 Fone: 97413 4986 www.rpgcultura.com.br/ mauricioborges@comunidadecidadada.org.br</p>	RPG e Cultura	<p>Este projeto foi criado por jovens que cresceram tendo como base para seu desenvolvimento uma das melhores ferramentas de entretenimento já criada: o RPG</p> <p>Descrição RPG (Role Playing Game) é um Jogo de Interpretação de Papéis, onde cada jogador cria um personagem e se aventura em um enredo imaginário, de forma cooperativa e interativa.</p>
	<p>Bruno Rua Jequiritiba, 83 CEP: 04822-000 (Em frente a estação Primavera-Interlagos) Fone: 5661 6534 / 9885 81717 ciahumbalada.blogspot.com humbalada@terra.com.br</p>	Cia Humbalada	Somos um grupo de teatro da periferia de Interlagos, zona sul de São Paulo. Em busca de um fazer artístico justo com nossas aflições e reflexões!
	<p>CEU CIDADE DUTRA Av. Interlagos, 7350 CEP: 04777-000 http://identidadeocultateatral.blogspot.com.br/</p>	Identidade Oculta Cia Teatral	<p>Identidade Oculta Cia. Teatral nasceu a partir da junção de dois grupos: "Calados Que Falam" e "Artes & Desafios". Algum tempo depois agregaram-se à Cia o grupo "Comarte" e a "Turma de Iniciantes de 2005". Atualmente, a Cia recebe orientação Artística do Ricardo Gimenes, através do Projeto Teatro Vocacional.</p>

Ícone	Proponente e Endereço	Projeto	Proposta / Tipo
	Rua Maria Moassab Barbour, s/nº Parque Residencial Cocaia CEP: 04849-330 Fone: 5976 5527 / 5976 5531 smeceunavegantes@ prefeitura.sp.gov.br	CEU NAVEGANTES Professor José Everardo Rodrigues Cosme	O CEU Navegantes está localizado próximo de áreas de mananciais, na zona sul da Capital. Por conta disso, seu projeto pedagógico aborda a questão ambiental. Os projetos musicais também se destacam. O Clube da Música, por exemplo, disponibiliza para a comunidade espaço físico, equipamento e mão de obra técnica especializada na produção e registro em CDs e vídeo.
	Estrada do Barro Branco, s/nº Barro Branco CEP: 04852-320 Fone: 5976 5642 / 5976 5643 5976 5644 smeceutreslagos@ prefeitura.sp.gov.br	CEU TRÊS LAGOS	No CEU Três Lagos, os moradores dos bairros Grajaú, Jardim Noronha, Parque Cocaia, Jardim Eliana e Jardim Varginha encontram um espaço para o resgate de sua identidade e de sua cultura regional. Esse intercâmbio se dá por meio de programas como o Sábado no CEU, que promove uma feira cultural com shows e exposições de materiais artesanais confeccionados pela comunidade. Outro projeto desenvolvido pelo CEU Três Lagos é o Clube do Livro, um espaço de troca de obras literárias na biblioteca da unidade.
	Rua Domingos Tarroso, 101 Vila Rubi - Grajaú CEP: 04823 090 Fone: 5661 6518 / 5662 6512 smeceuvilarubi@ prefeitura.sp.gov.br	CEU VILA RUBI Jornalista Alexandre Kadunc	O diferencial do projeto pedagógico do CEU Vila Rubi é a integração entre os núcleos de ação e as escolas do centro na realização e oferta de atividades que tenham como foco principal a valorização da cultura popular e local, a preservação do meio ambiente e o apoderamento do espaço. A inauguração do complexo eliminou o turno intermediário e ampliou a carga horária em duas escolas do entorno: as EMEFs João de Deus Cardoso de Mello e Afrânio de Mello Franco.
	Sueli e Carminha Rua Ezequiel Lopes Cardoso, 333 Parque Grajaú CEP 04843-610 Fone: 5924 3888 circoescola@acessa.sp.gov.br www.circonteudo.com.br	Circo Escola Grajaú	Formação em Artes Circenses

Ícone	Proponente e Endereço	Projeto	Proposta / Tipo
	CDC Lourenço Cabreira Av Lourenço Cabreira, 504 Cidade Dutra, São Paulo CEP: 04812-010		Clube Temático Esportivo Clube das Comunidades
	CDC Cidade Dutra Rua Angelina Regolim Cardoso de Mendonça, 18 São Paulo, CEP: 04811-150		Clube Temático Esportivo Clube das Comunidades
	CDC Jardim São Bernardo Rua Doutor Armando Fajardo, 20 São Paulo CEP: 04844-590		Clube Temático Esportivo Clube das Comunidades
	CDC Gigantão Icarí Rua Maestro Miguel Arquerons, s/nº.		Clube Temático Esportivo Clube das Comunidades
	CDC Jardim Petronita Rua João Amos Comenius, 1673		Clube Temático Esportivo Clube das Comunidades

Tabela 13

► Subprefeitura M'boi Mirim

• Equipamentos culturais públicos

Porcentagem de equipamentos públicos de cultura, municipais, estaduais, e federais, em cada subprefeitura /distrito sobre o total da cidade, por ano.

Ano	Indicador %	Valor Absoluto
2006	1,17	2
2007	2,00	4
2009	2,26	5
2010	2,15	5

Tabela 14

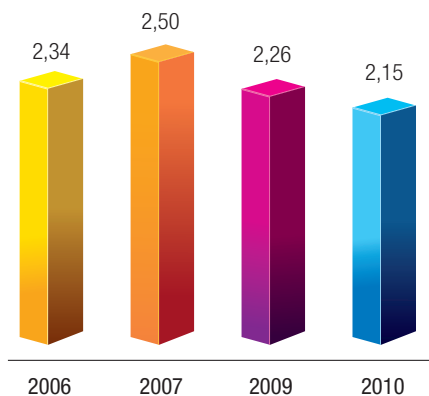


Gráfico 12

Fonte: MINC (Ministério da Cultura) / Observatório Cidadão Nossa São Paulo Ano 2010

Valor Absoluto: equipamentos disponíveis

• Centros Culturais, Espaços Culturais e Casas de Cultura

Centros Culturais, Espaços Culturais e Casas de Cultura					
Município de São Paulo, Subprefeituras e Distritos Municipais 2012					
Unidades Territoriais	Total MSP	Rede Municipal	Rede Estadual	Rede Federal	Rede Particular
MSP	92	27	18	1	46
M'Boi Mirim	3	2	—	—	1
Jardim Ângela	—	—	—	—	—
Jardim São Luís	3	2	—	—	1

Tabela 15

Fonte: Secretaria Municipal de Cultura / Guia da Folha de São Paulo

Elaboração: SMDU/Dipro

• Pontos de Cultura

Porcentagem de pontos de cultura federais, em cada subprefeitura/distrito sobre o total da cidade, por ano.

Ano	Indicador %	Valor Absoluto
2010	3,25	4

Tabela 16



Gráfico 13

Fonte: MINC (Ministério da Cultura) / Observatório Cidadão Nossa São Paulo Ano 2010

Unidade: porcentagem de pontos de cultura

Valor Absoluto: equipamentos disponíveis

• Equipamentos esportivos

Unidades Territoriais	Total	Rede Municipal Indireta						Total Indireta
	MSP	CDM ⁽¹⁾	Campos Futebol	Mini Campos	Quadras	Society	Gatebal	
Município de São Paulo	578	199	133	13	29	10	1	404
M'Boi Mirim	27	5	9	–	5	5	–	20
Jardim Ângela	9	–	5	–	1	1	–	7
Jardim São Luis	18	5	4	–	4	4	–	13

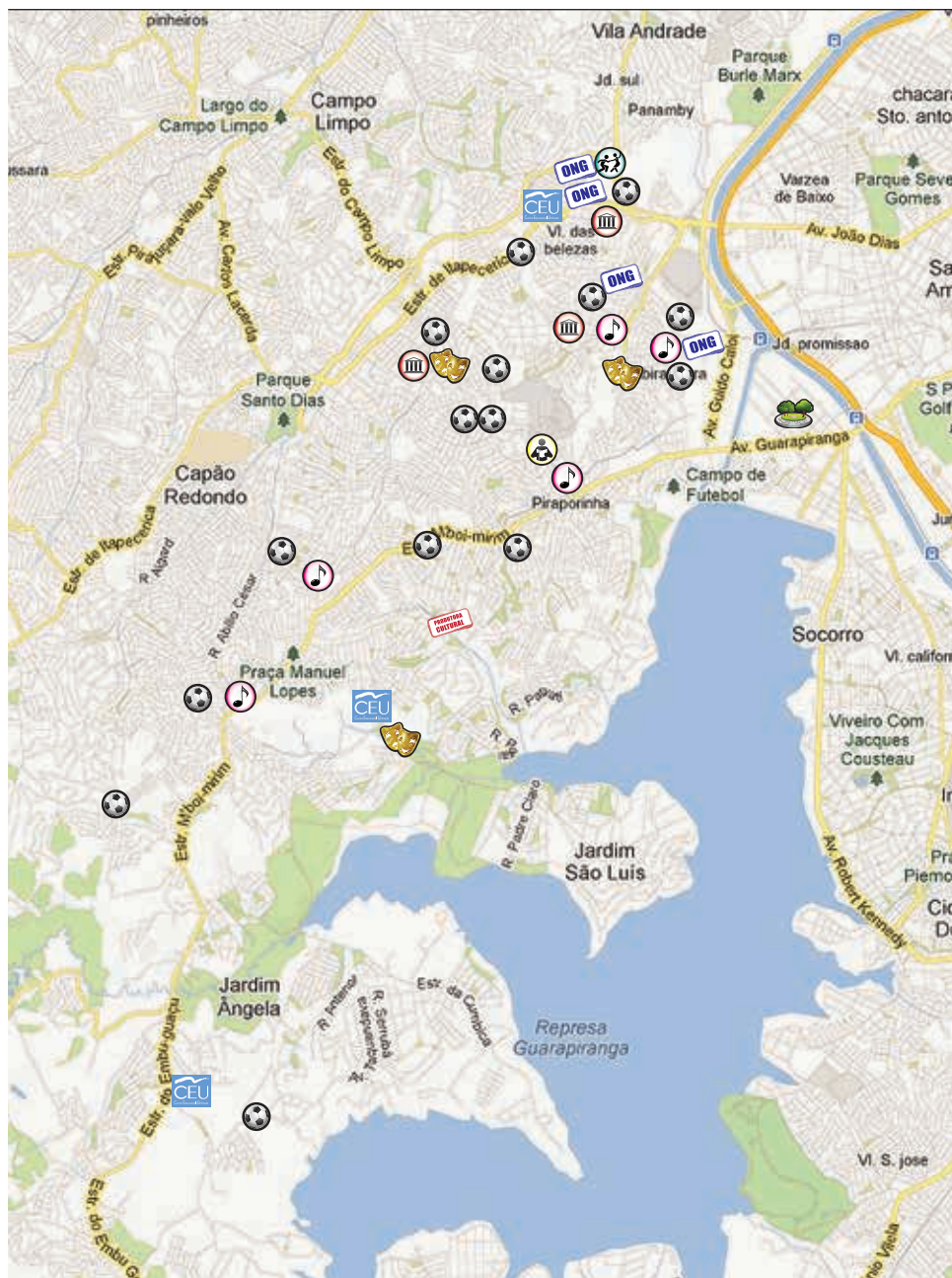
Unidades Territoriais	Total	Rede Municipal Direta									Total Rede Municipal	
	MSP	Clubes Desp.	Clubes Desp.	CEE	BAL	MBAL	Clube dos CEUs	Centro Olímpico	CEL	Autódromo		Total
		C/ Ginásio	C/ Estádio	(1)	(1)	(1)		(1)		Direta		
Município de São Paulo	578	1	3	21	5	8	45	1	6	1	91	495
M'Boi Mirim	27	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	21
Jardim Ângela	9	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	8
Jardim São Luis	18	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	13

Unidades Territoriais	Total	Rede Estadual		Rede Particular			
	MSP	Clubes Desportivos	Total	Clubes Desportivos C/ Estádio	Clubes Desportivos C/ Ginásio	Clubes Desportivos	Total
Município de São Paulo	578	4	4	5	12	62	79
M'Boi Mirim	27	-	-	-	1	5	6
Jardim Ângela	9	-	-	-	-	1	1
Jardim São Luis	18	-	-	-	1	4	5

Tabela 17

- (1) CDM - Clube Desportivo Municipal
 CEE - Centro Educacional e Esportivo
 CEL - Centro de Esporte e Lazer
 BAL – Balneário
 MBAL - Minibalneário

Mapeamento Subprefeitura M'boi Mirim



Recursos Mapeados na Subprefeitura M'boi Mirim

Ícone	Proponente e Endereço	Projeto	Proposta / Tipo
	<p>Coletivo de Samba Rock Ana Paula da Paz Alves Centro Cultural Monte Azul Rua Tomáz de Souza, 552 CEP: 05836-350 Fone: 98469 7464 E-mail: pauladapaz@gmail.com</p>	No Passo do Samba Rock	<p>“Rede Samba Rock de São Paulo” tem como objetivo realizar e produzir eventos e vídeos promocionais, coreografias, material em <i>silk</i> e estamperia, ensaios e aulas de Samba Rock, com mini bailes de encerramento mensais.</p>
	<p>Associação Comunitária Monte Azul Centro Cultural Monte Azul Rua Tomáz de Souza, 552 CEP: 05836-350 Fone: 5853 8080 / 98332 1640 E-mail: renate@monteazul.org.br</p>	Raizes Culturais Monte Azul 2012	<p>O projeto propõe um conjunto de ações que envolvem a programação mensal de dança, música e teatro, durante sete meses: Sarau poético e performances artísticas, quatro encontros entre artistas e comunidade local e Mostra de Cinema Alternativo, em evento mensal.</p>
	<p>Centro Maria Mariá de Formação e Requalificação Profissional da Mulher Rua Luís Baldinato, 13 Jd. Ângela - CEP: 04935-100 Fone: 5833 6580 / 98309 1756 E-mail: mariamariaprojetos@hotmail.com</p>	Hip Hop conectando quebradas: meios de comunicação à prevenção e responsabilidade social	<p>“Hip hop conectando quebradas” visa ser um centro de formação e requalificação profissional da mulher e jovens no Jardim Ângela. Pretende realizar dois seminários/ eventos (lançamento e fechamento), que acontecerão em M'Boi Mirim e no distrito do Jardim Ângela. Quer realizar também cinco oficinas de mídia, linguagens do hip hop e prevenção do uso de drogas em cinco escolas municipais do distrito.</p>
	<p>Fábio Roberto Oliveira R. Nova do Tuparoqueira, 117 Jd. São Luiz - CEP: 05820-200 Fone: 98623 3353 E-mail: feijao_fr@yahoo.com.br</p>	Éstudionosso Denovo	<p>O projeto “Éstudionosso Denovo” tem como objetivo principal disponibilizar um estúdio para ensaios e gravações de bandas independentes da região, e dar um suporte com material audiovisual (fotos, vídeos, camisetas), além de articular espaços para que esses jovens artistas possam mostrar sua arte e ainda receber um cachê pela apresentação. Com isso, pretende-se valorizar a arte local e fortalecer a cena artística da Zona Sul, trazendo novas bandas e novas propostas de som.</p>
	<p>Sergio Vaz Bar do Zé Batidão Rua Bartolomeu dos Santos, 797 Jd. Guarujá - CEP: 05821-030 Fone: 99342 8687 / 96599 5499 99391 3503 E-mail: www.cooperifa.blogspot.com.br/</p>	Cooperifa	<p>O Sarau da Cooperifa, movimento cultural que transformou um bar em centro cultural na periferia de São Paulo, está de volta nesta Quarta-feira depois de umas férias de 30 dias. Em 2013 o Sarau completa 12 anos de atividades culturais e poesia na quebrada. Este ano segue os projetos: Saraus nas escolas e bibliotecas, Cinema na laje, Poesia no ar, Ajoelhado, Várzea Poética, Chuva de Livros, Mostra Cultural, Natal com livros, lançamentos de livros, etc.. E novos projetos estão sendo preparados para fomentar a cultura e a formação de público na comunidade.</p>

Ícone	Proponente e Endereço	Projeto	Proposta / Tipo
	<p>Marcelo Av. Inácio Dias da Silva, s/nº Piraporinha - CEP: 04913-180 Fone: 5514 3408 E-mail: cpcmboi@ig.com.br www.cpcmboi.blogspot.com.br</p>	<p>Casa de Cultura do M' Boi Mirim</p>	<p>A Casa Popular de Cultura da Região de M'Boi Mirim & Guarapiranga foi fundada em 10 de março de 1984 por uma rede de entidades e movimentos sociais. Transformou-se no primeiro polo cultural do bairro de Piraporinha-zona sul, mantida e administrada pela comunidade. Em 1992, vinculou-se à Secretaria Municipal de Cultura (SMC), fazendo parte do Projeto Casas de Cultura do Município de São Paulo. Atualmente a Casa possui uma programação diversificada, seguindo uma linha sociocultural e educativa, desenvolvendo várias atividades, como cursos/oficinas, workshops, palestras, espetáculos teatrais e musicais para toda a população.</p>
	<p>Anderson Rua Antonio Ferreira De Albuquerque, s nº Alto Da Riviera CEP: 04929-090 Fone: 5517 8077 E-mails: foradefrequencia@gmail.com alanbenelli@gmail.com</p>	<p>Coletivo Fora de Frequência</p>	<p>O Coletivo Fora de Frequência surge em 2006 como uma banda de Hip Hop com o objetivo de conscientizar e incluir através da música. Percebendo o potencial para ampliação de suas atividades, os membros do grupo resolvem ir além das produções musicais e audiovisuais e começam utilizar o Hip Hop como ferramenta de educação, desenvolvendo e executando projetos de oficinas culturais em comunidades, pontos de cultura e organizações da sociedade civil. O Coletivo é formado por artistas/educadores(as) populares, DJ, MC's, produtores culturais, musicais, audiovisuais, fotógrafos e gestoras, todos(as) residentes no distrito do Jd. Ângela na zona sul de São Paulo. E integra a Rede de Educação Cidadã (RECID) que é uma articulação nacional entre diversos atores sociais, entidades e movimentos populares. Dos quais, muitos se alicerçam nos princípios da educação popular Freireana, replicando o conhecimento adquirido em atividades de formação que organizam nas bases (periferia).</p>
	<p>Macarrão Estrada da Baronesa 75 Jd. Kagohara Distrito do Jd. Ângela CEP: 04925-015 Fone: 5834-8025 E-mail: abanca@ig.com.br www.abancaaudaciajovem.comacao.blogspot.com.br</p>	<p>A Banca - Audácia Jovem em Ação</p>	<p>PRODUTORA CULTURAL SOCIAL - A BANCA A Produtora Cultural Social A Banca é residente do Distrito do Jardim Ângela e foi formada em 2000 com o objetivo de realizar eventos e desenvolver a música e a cultura Hip Hop como ferramentas de inclusão Cultural-Social-Econômica para jovens em situação de vulnerabilidade social. Além dos eventos, a produtora realiza outras atividades culturais como: oficinas de DJ, MC, ensaios abertos e intervenções culturais em espaços públicos.</p>
	<p>Priscila Preta R. José de Barros Magaldi, 1121 Jd Novo Santo Amaro CEP 05815-000 E-mail: capulanasciadeartenegra@gmail.com www.ciacapulanas.blogspot.com.br/</p>	<p>Cia Capulanas</p>	<p>A Capulanas Cia. de Arte Negra é composta por jovens negras e negros de diversos movimentos populares de São Paulo. Nasce da necessidade e vontade de dialogar com a comunidade e sociedade, sobre suas descobertas, anseios e perspectivas do que é e tem sido ser negro na sociedade atual. A proposta da Capulanas Cia. de Arte Negra é de fortalecer a imagem da mulher negra, para isso se apropria do pensamento da cultura popular, onde todas as artes se fundem: a música, a dança, poesia, artes plásticas, teatro e outros. A herança da cultura da oralidade para a Diáspora africana, que no Brasil é presente na cultura popular, em evidência do Norte e Nordeste do País, é de grande importância na integração do mundo natural, a presença do sagrado e a valorização da memória. Mulheres africanas e afro-descendentes mantêm em comum o laço de soberania espiritual sobre seus povos estabelecendo um elo imaginário de ascendência e descendência.</p>

Ícone	Proponente e Endereço	Projeto	Proposta / Tipo
	Rua João Damasceno, s/nº Vila das Belezas CEP: 05841-160 Fone: 5519 5201 (Gestão) 5519 5212 / 5519 5206 5519 5208 E-mail: smeceucasablanca@ prefeitura.sp.gov.br	CEU CASA BLANCA Professor Sólon Borges dos Reis	No CEU Casa Blanca, as comunidade dos bairros Jardim São Luis, Jardim Casa Blanca, Vila das Belezas, Parque Arariba, Jardim Ibirapuera, Jardim Ipê, Jardim Monte Azul, Jardim Ângela, Vila Prel, Capão Redondo, Parque Antonio, Jardim Germânia e Jardim Capelinha participam de ações de recreação, nutrição, meio ambiente, cidadania e cultura de paz. O centro também oferece aulas de Handebol, Rugby, Tae Kwon Do, dança e xadrez.
	Rodrigo Estrada da Baronesa, 1120 Jardim Ângela CEP: 04919 000 Fone: 3397 9550 / 3397 9571 E-mail: ceugarapiranga@ prefeitura.sp.gov.br	CEU GUARAPIRANGA Florinda Lotiaif Schahin	O bloco pedagógico do CEU Guarapiranga tem capacidade para atender 2.120 alunos da Educação Infantil e do Ensino Fundamental. São oito salas na creche, oito na pré-escola e 18 no Ensino Fundamental, além de laboratório de Ciências, sala de informática e espaços multiuso. A construção do centro ajudou na eliminação do turno intermediário e na ampliação da carga horária de quatro para cinco horas diárias nas EMEFs Carolina Pennó e Dezoito do Forte. O centro ocupa um terreno de aproximadamente 76 mil metros quadrados, e conta com duas piscinas (semi-olímpica e recreativa), duas quadras poliesportivas (aberta e fechada), anfiteatro, biblioteca e Telecentro. De modalidades esportivas, desenvolvem: Vôlei, Futebol, Basquetebol, Ginástica, Yoga, Alongamento e Natação. As atividades são oferecidas também para a comunidade, não sendo necessário ser aluno do CEU.
	Av. dos Funcionários Públicos, 369 Vila do Sol - Jardim Ângela CEP: 04962-000 Fone: 3397 9800 / 3397 9811 3397 9868 E-mail: smeceuviladosol@ prefeitura.sp.gov.br	CEU VILA DO SOL	Está localizado no distrito de Jardim Ângela e atende os bairros Jardim Capela, Jardim São João, Vila do Sol e Parque das Cerejeiras. A construção do CEU Vila do Sol ajudou a eliminar terceiro turno nas EMEFs Chácara Sonho Azul e EMEF José Blota Junior. O Bloco Didático do CEU Vila do Sol possui 41 salas de aula (9 para a CEI, 9 para Emei e 23 para Emeff), que são utilizadas conforme a necessidade da região, incluindo laboratório de ciências, sala de informática e espaços multiuso. Com a finalização das obras, o CEU oferece à comunidade três piscinas (uma semi-olímpica, outra recreativa e uma infantil), duas quadras poliesportivas, sendo uma coberta, um campo de futebol de terra e areia, e um anfiteatro com 188 lugares. O Complexo conta também com prédio administrativo, bloco para o refeitório principal, biblioteca e Telecentro.
	Tchê Av. Tomás de Sousa, 552 Jd. Monte Azul - CEP: 05836-350 Fone: 5853 8080 E-mail: monteazul@monteazul.org.br www.monteazul.org.br	CENTRO CULTURAL MONTE AZUL	Centro de cultura da Associação Comunitária Monte Azul que promove mostras culturais de diversas linguagens, além de sessão de espaço para eventos e ações da comunidade e artistas da região. Possui um teatro de arena, um patio e salas para oficinas. Um dos primeiros equipamento de cultura da zona sul.

Ícone	Proponente e Endereço	Projeto	Proposta / Tipo
	<p>Euller Alves Sede Favela da Erundina Rua Acéδιο José Fontanette, Viela 6 nº 7 - Jd. Ibirapuera CEP: 05814-100 Fone: 98626 4283 E-mail: eulleralves@gmail.com www.umojabrasil.wordpress.com</p>	Instituto UMOJA	<p>Umaja é um grupo que trabalha com diversas linguagens artísticas, com ênfase nas referências às culturas afro-brasileiras e nos seus aspectos híbridos, danças dramáticas populares e musicalidades: cocos, maracatus, sambas rural, de roda, de viola, de partido alto; cirandas e afoxés. Ao todo são 15 integrantes com interesses comuns: formações e referências artísticas diversas: autodidatas, pesquisadores universitários, artistas em processo de formação. Atores, bailarinos, músicos, figurinistas e produtores com diversas idades, que têm identificação com o universo das culturas populares e afro-brasileiras. Umaja na língua africana Swahili, falada na costa oeste da África, significa UNIDADE.</p>
	<p>Luiz Sede Favela da Erundina Rua Acéδιο José Fontanette, Viela 6 nº 7 - Jd. Ibirapuera CEP: 05814-100 Fone: 5851 4288 / 5852 8313 E-mail: blocodobeco@gmail.com</p>	Associação Cultural BLOCO DO BECO	<p>O Bloco do Beco se originou dos becos do morro do Jardim Ibirapuera em forma de bloco carnavalesco. Essa relação com esse ambiente e lugares define a identidade dessa entidade. A significância dos espaços e das condições em que vivem e se organizam as pessoas que constroem a organização social, tem extrema relevância na definição do seu perfil identitário, assim, no ano de 2002 decidimos resgatar uma tradição que estava se perdendo em nosso bairro, o carnaval de rua. Junto com outros moradores (sambistas em sua maioria), promovemos, naquele ano, cortejos, encontros e debates sobre a importância de mantermos viva aquela tradição.</p>
	<p>Rita Carneiro Av. Cândido José Xavier, 577 Parque Santo Antônio CEP: 05822-020 Fone: 5819 2564 E-mail: sacolaodasartes@gmail.com www.sacolaodasartes.blogspot.com.br</p>	SACOLÃO DAS ARTES	<p>O Sacolão das Artes é uma ocupação cultural localizada no bairro Parque Santo Antônio, na periferia sul da cidade de São Paulo, que iniciou suas atividades em 2007. Trata-se de um grande galpão anteriormente utilizado como um Sacolão hortifrutigranjeiro e que foi ocupado por coletivos culturais e lideranças comunitárias da região que mantém ali uma série de atividades. De sua criação até hoje o Sacolão das Artes tornou-se um dos espaços alternativos de Cultura mais conhecidos na cidade de São Paulo e também pelo Brasil afora, por conta de sua programação diversificada (teatro, cinema, dança, música, artes visuais, rodas de leitura, atividades esportivas, poesia, grupos de estudo, etc) e também por ser um pólo de pesquisa artística e de produção de conhecimento crítico, instalado numa das periferias mais precárias do país.</p>
	<p>Sociedade Samba dá Cultura Av. Inácio Dias da Silva, s/nº Piraporinha - CEP: 04913 180 Fone: 8192 9857 / 5514 3408 E-mail: sambadacultura@bol.com.br</p>	Sociedade Samba dá Cultura	<p>Roda de samba criada por antigos moradores da região de Santo Amaro (Zona Sul), nas imediações de Guarapiranga, M'Boi Mirim, com o intuito de apreciar uma boa roda samba ao lado de velhos amigos.</p>

Ícone	Proponente e Endereço	Projeto	Proposta / Tipo
	<p>Diko R. Domingos Marques, 104 Jardim Monte Azul CEP: 05836-160 Fone: 5851 4825 E-mail: comunidadeespaço@gmail.com www.espacomunidade. blogspot.com.br</p>	<p>ESPAÇO COMUNIDADE</p>	<p>O "Espaço Comunidade" é fruto do Projeto Comunidade Samba do Monte que, com pouco mais de 3 anos de existência, muita vida e raízes fortes, acredita na força para caminhar nessa jornada e alcançar passo a passo muitos dos seus objetivos e sonhos. Adquiriu sua SEDE, nomeada de Espaço Comunidade, inaugurada oficialmente na tarde de domingo de 15 de janeiro de 2012, quando abriu suas portas a todos interessados em somar, fortalecer, trocar, multiplicar, agregar, dando início ao Espaço Cultural voltado ao Coletivo e à Comunidade, com o objetivo de compartilhar atividades e interesses na arte educação e cultura.</p>
	<p>Rua Miguel Dionizio do Valle, 35 Jd. Nakamura CEP: 04942-040 Fone: 97845 3652 E-mail: poesia@poesiaaudiovisual.com.br www.poesiasambasoul.com.br</p>	<p>POESIA SAMBA SOUL ESTUDIO MUSICAL PRODUÇÃO MUSICAL</p>	<p>Samba Soul atravessou o oceano atlântico e alcançou mais uma vitória em sua longa caminhada que, em setembro de 2010, completa 21 anos de vida. Dentre suas vitórias, firmou no mês de Junho a parceria com o maior estúdio de audiovisual da Espanha/Madrid, VÉRTICE 360.</p>
	<p>Carlos R. Antônio Ramos Rosa, 37 Jardim São Luís CEP: 05822-010 Fone: 5510 5530</p>	<p>FABRICA DE CULTURA SÃO LUIZ</p>	<p>A Fábrica de Cultura do Jardim São Luís é composta por dois prédios integrados, construídos com investimento total de R\$ 13,1 milhões. No principal, existem as salas de aula, biblioteca com 140 m², uma sala de múltiplo uso, além da ala administrativa. No outro prédio, está instalado o teatro com 266 lugares, usado para ensaios e apresentações das turmas da própria Fábrica, além de grupos e bandas da comunidade e convidados.</p> <p>O programa Fábrica de Cultura funciona com dois eixos principais, um pedagógico e outro de difusão. No eixo pedagógico, a Fábrica oferece ateliês de iniciação artística em várias linguagens: música, teatro, dança, multimeios, circo, artes visuais e literatura, cada uma com várias vertentes. Os ateliês de música, por exemplo, são subdivididos em percussão, metais, sopros, cordas, canto coral; em dança, haverá capoeira, balé clássico, danças afro-brasileiras e assim por diante.</p>

Ícone	Proponente e Endereço	Projeto	Proposta / Tipo
	<p>Katia Av. Cândido José Xavier, 577 Pq. Santo Antônio - São Paulo CEP: 05822-020 Fone: 5511 6561 / 9819 1418 bravacompanhia@terra.com.br www.blogdabrava.blogspot.com.br</p>	Cia Brava	Grupo de teatro que ocupa o Sacolão das Artes
	<p>Fundação Brasil Campeão Rodas de Leitura Rua Geraldo Fraga de Oliveira Jd. São Luiz - CEP: 05843-000 Fone: 5852 5452 www.brasilcampeao.org.br</p>		<p>O Programa 1 Milhão de Rodas BRASILCAMPEÃO entra no seu sexto ano de atividade, ampliando cada vez mais sua Roda de Leitura, por meio da colaboração de líderes voluntários. Uma Roda é formada por uma micro comunidade de até 14 pessoas, que se encontram uma vez por semana, durante três meses para, juntos, ampliar a zona de conforto de cada um, aumentar o repertório de saberes e de emoções e trilhar um caminho de liberdade crescente.</p> <p>Venha você também ser um Líder Voluntário e, juntos vamos construir um BRASILCAMPEÃO. Cada um de nós pode muito mais do que já faz. Brilhar muito para iluminar o nosso entorno, amigos, família e comunidade. A partir do seu próprio desenvolvimento e aprendizado, você pode apoiar a evolução do potencial ilimitado dos participantes da sua Roda. Para isso, a Fundação BRASILCAMPEÃO oferece formação específica e materiais para a realização do trabalho.</p>
	<p>R. Sebastião Muniz de Souza, 122 Parque Santo Antônio CEP: 05821-150</p>	CDC GETULIO DORNELES VARGAS	<p>Clube Temático Esportivo Clube das Comunidades</p>
	<p>Estrada Guarapiranga, 575 Parque Alves de Lima Fone: 5514 6332 / 5517 6707 www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/meio_ambiente/parques/regiao_sul/index.php?p=5744</p>	Parque Guarapiranga	<p>Localizado às margens da Represa de Guarapiranga, na Zona Sul de São Paulo, o Parque Guarapiranga possui uma área de aproximadamente 152.600 metros quadrados, com muitos eucaliptos remanescentes do reflorestamento anterior a sua criação. O local costuma receber uma média de seis mil pessoas por final de semana.</p> <p>Além de muito verde e ar puro, o lugar também oferece quiosques, churrasqueiras, palco, dois campos de futebol society, pista de cooper (1.500m), trilha (2.000m), cinco quadras poliesportivas, três playgrounds, Centro de Convivência, Centro de Educação Ambiental, além de uma praia formada pela Represa Guarapiranga. Funcionamento: de terça a domingo das 6h às 18h</p>
	<p>Rua Prof. Antonio de Franco, 22 Jd. São Luiz - CEP: 05844-200</p>	CDC NAGIB SALEM	<p>Clube Temático Esportivo Clube das Comunidades</p>
	<p>Rua Ângelo Tarchi Jd. Vera Cruz - CEP: 04965-000</p>	CDC JARDIM VERA CRUZ	<p>Clube Temático Esportivo Clube das Comunidades</p>
	<p>R. Manuel Bordalo Pinheiro, s/nº Pq. Santo Antônio CEP: 05850-230</p>	CDC MARIO COVAS PARQUE SANTO ANTONIO	<p>Clube Temático Esportivo Clube das Comunidades</p>

Ícone	Proponente e Endereço	Projeto	Proposta / Tipo
	Estr. do Jararau, s/nº Chacarã Nani CEP: 04943-120	CDC SÃO LOURENÇO	Clube Temático Esportivo Clube das Comunidades
	Rua José Rodrigues Maciel, 23 Pq. Do Otero	CDC JOELMA	Clube Temático Esportivo Clube das Comunidades
	R. Sebastião Muniz de Sousa, 122 Parque Santo Antônio CEP: 05821-150	CDC SABÃO	Clube Temático Esportivo Clube das Comunidades
	R. Amâncio Pedro de Oliveira, 385 Vila Maracanã CEP: 05846-050	CDC UNIÃO BRASILENSE DE ESPORTES	Clube Temático Esportivo Clube das Comunidades
	Rua Acédio José Fontanete s/nº Jardim Ibirapuera CEP: 05814-100	CDC SALDANHA	Clube Temático Esportivo Clube das Comunidades
	Av. Tomaz de Souza João Batista Jordão Jd. Monte Azul	CDC MONTE AZUL	Clube Temático Esportivo Clube das Comunidades
	Rua Acédio José Fontanete, 26 Jardim Ibirapuera CEP: 05814-100	CDC SÃO LUIZ I	Clube Temático Esportivo Clube das Comunidades
	Rua Andréa Briosco X Rua Domênico Corvi s/nº CEP: 05870-020	CDC JAIME ZACARIAS	Clube Temático Esportivo Clube das Comunidades
	Rua Ribeirão Ponte Baixa / Servidão São Marcos s/nº CEP: 04932-160	CDC CAVEIRINHA	Clube Temático Esportivo Clube das Comunidades
	Rua Coelho Lousada, nº 21 Parque Novo Santo Amaro CEP: 05874-070	CDC MARIA CAETANO	Clube Temático Esportivo Clube das Comunidades
	Pça Tandil, s/nº Parque Figueira Grande CEP: 04915-160	CDC ISRAEL SARAIVA DE ALENCAR	Clube Temático Esportivo Clube das Comunidades

Tabela 18

► Subprefeitura Cidade Ademar

• Equipamentos culturais públicos

Porcentagem de equipamentos públicos de cultura, municipais, estaduais, e federais, em cada subprefeitura /distrito sobre o total da cidade, por ano.

Ano	Indicador %	Valor Absoluto
2006	0,58	1
2007	0,50	1
2009	0,45	1
2010	0,43	1

Tabela 19

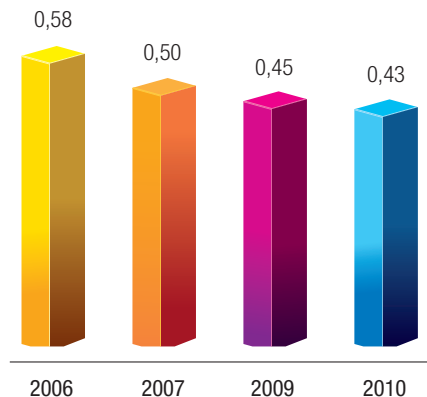


Gráfico 14

Fonte: MINC (Ministério da Cultura) / Observatório Cidadão Nossa São Paulo Ano 2010

Valor Absoluto: equipamentos disponíveis

• Centros Culturais, Espaços Culturais e Casas de Cultura

Centros Culturais, Espaços Culturais e Casas de Cultura					
Município de São Paulo, Subprefeituras e Distritos Municipais 2012					
Unidades Territoriais	Total MSP	Rede Municipal	Rede Estadual	Rede Federal	Rede Particular
MSP	92	27	18	1	46
Cidade Ademar	—	—	—	—	—
Pedreira	—	—	—	—	—

Fonte: Secretaria Municipal de Cultura / Guia da Folha de São Paulo

Elaboração: SMDU/Dipro

Tabela 20

• Pontos de Cultura

Porcentagem de pontos de cultura federais, em cada subprefeitura/distrito sobre o total da cidade, por ano.

Ano	Indicador %	Valor Absoluto
2010	1,63	2

Tabela 21

Fonte: MINC (Ministério da Cultura) / Observatório Cidadão

Nossa São Paulo Ano 2010

Unidade: porcentagem de pontos de cultura

Valor Absoluto: equipamentos disponíveis



2010

Gráfico 15

• Equipamentos esportivos

Unidades Territoriais	Total	Rede Municipal Indireta						
	MSP	CDM ⁽¹⁾	Campos Futebol	Mini Campos	Quadras	Society	Gatebal	Total Indireta
Município de São Paulo	578	199	133	13	29	10	1	404
Cidade Ademar	8	3	3	2	–	–	–	8
Cidade Ademar	5	1	2	2	–	–	–	5
Pedreira	3	2	1	–	–	–	–	3

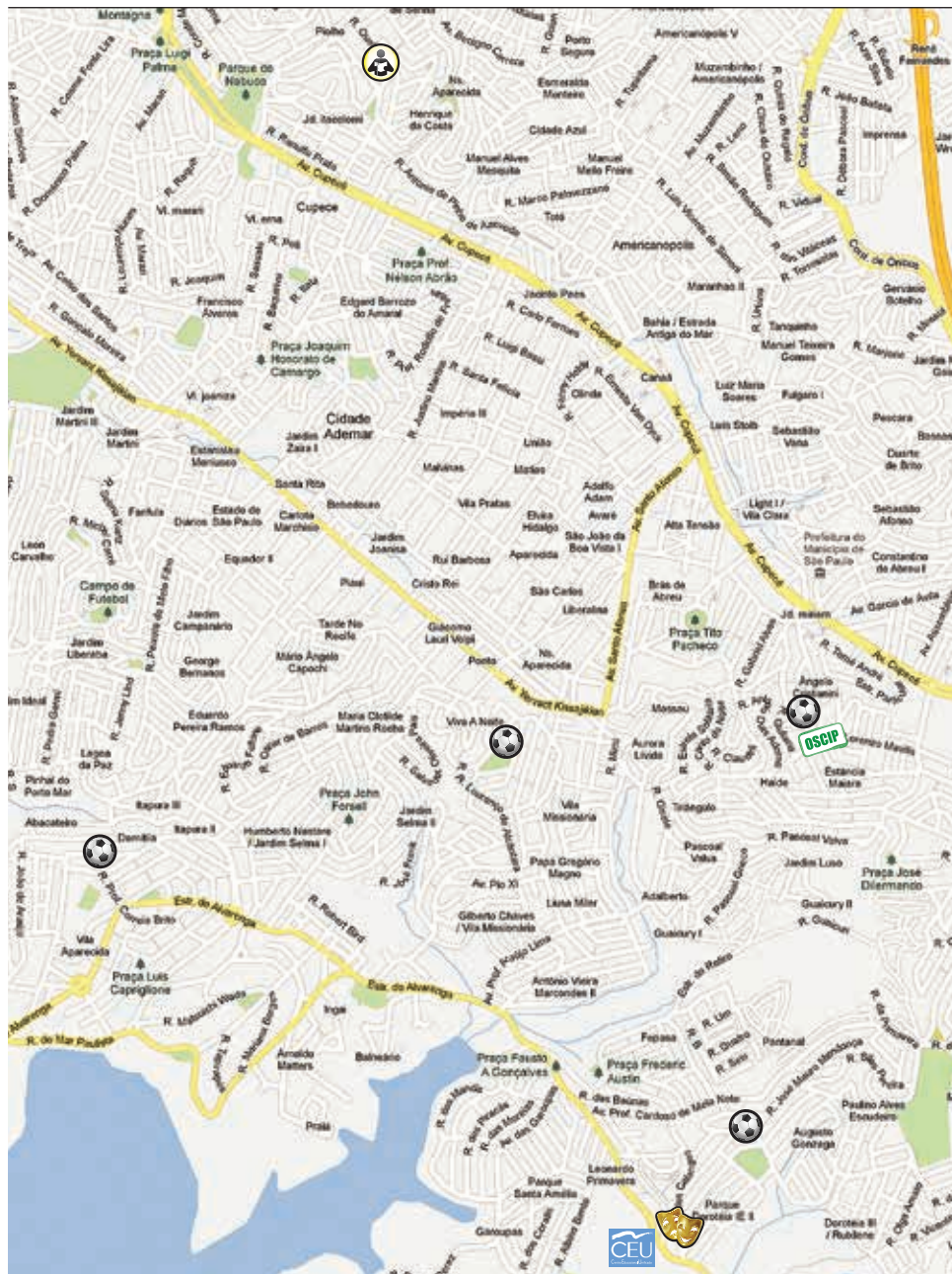
Unidades Territoriais	Total	Rede Municipal Direta									Total Rede Municipal	
	MSP	Clubes Desp.	Clubes Desp.	CEE (1)	BAL (1)	MBAL (1)	Clube dos CEUs	Centro Olímpico	CEL (1)	Autódromo		Total
		C/ Ginásio	C/ Estádio									Direta
Município de São Paulo	578	1	3	21	5	8	45	1	6	1	91	495
Cidade Ademar	8	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	8
Cidade Ademar	5	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	5
Pedreira	3	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	3

Unidades Territoriais	Total	Rede Estadual		Rede Particular			
	MSP	Clubes Desportivos	Total	Clubes Desportivos C/ Estádio	Clubes Desportivos C/ Ginásio	Clubes Desportivos	Total
Município de São Paulo	578	4	4	5	12	62	79
M'Boi Mirim	8	–	–	–	–	–	–
Jardim Ângela	5	–	–	–	–	–	–
Jardim São Luis	3	–	–	–	–	–	–

(1) CDM - Clube Desportivo Municipal
 CEE - Centro Educacional e Esportivo
 CEL - Centro de Esporte e Lazer

BAL – Balneário
 MBAL - Minibalneário

Mapeamento Subprefeitura Cidade Ademar



Recursos Mapeados na Subprefeitura Cidade Ademar

Ícone	Proponente e Endereço	Projeto	Proposta / Tipo
	<p>Bar do Carlinhos Rua Luiz Cruls, 60 Jd. Miriam - Cidade Ademar CEP: 82840-180 Fone: 3422 3292 (Carlinhos) 9466 9067 (Lid's) 98375 6371(Lid's) www.sarau-da-ademar. blogspot.com.br/</p>	Sarau do Ademar	<p>O coletivo Sarau Da Ademar é um movimento literário, iniciado em setembro de 2008, que busca o desenvolvimento sociocultural através da literatura, música, poesia, artes gráficas, plásticas, cinema, debates, teatro e a arte periférica em geral. O grupo tem como base principal de sua existência a cultura do povo no bairro Cidade Ademar e regiões vizinhas.</p>
	<p>Roberto Deodato Severo Nascimento de Jesus Estrada do Alvarenga, 3752 Pedreira Fone: 5560 3732 / 9128 5297 CEP: 04474-340</p>	Grupo O Anjo Pornográfico	<p>O Grupo "O Anjo Pornográfico" apresentará o espetáculo "Perdoa-me por me traíres" de Nelson Rodrigues e ministrará debates após as apresentações. As apresentações acontecerão entre maio e novembro de 2012.</p>
	<p>CEU ALVARENGA Estrada do Alvarenga, 3752 Pedreira - CEP: 04474-340 Fone: 5672 2541 / 5672 2542 5672 2548 Esporte / Celso</p>		<p>Como diferencial na arquitetura, o CEU Alvarenga possui um bosque, um campo de futebol e uma quadra de futebol society de areia. A presença do bosque incentivou a elaboração de um projeto ambiental, que contou com a parceria da Secretaria do Verde e Meio Ambiente, para o plantio de mudas de árvores pelos alunos das unidades escolares do centro. Há também os projetos culturais Laboratório Musical, Hip Hop em Casa, Projeto Daqui, Mostra de Dança, Mostra de Música, Passeia 3ª Idade, Projeto de Integração, Sarau, Educar para o Movimento, Círculo do Livro, Oficinas de Poesia e Contação de História. As modalidades esportivas trabalhadas são: Futsal, Vôlei, Basquete, Rugby, Natação, Ginástica artística, Ginástica geral, Xadrez e Iniciação esportiva. Em algumas modalidades a comunidade pode frequentar as turmas mesmo não sendo aluno do CEU.</p>
	<p>JAMAC Rua Maria Balades Correa, 08 Jardim Miriam CEP: 04421-120 (Próximo à delegacia 98 DP) Fone: 5626 9720</p>		<p>O Jamac (Jardim Miriam Arte Clube) é uma associação civil sem fins lucrativos, formada por artistas, voluntários e moradores do Jardim Miriam, periferia da cidade de São Paulo. É um misto de espaço de experimentação artística, local de convivência e de debates políticos e culturais. Neste espaço, jovens e adultos sem aprendizado formal de artes experimentam na prática o processo de formação das imagens e aprendem as técnicas envolvidas no processo de criação.</p>

Ícone	Proponente e Endereço	Projeto	Proposta / Tipo
	CDC MAR PAULISTA E REPRESA NOVA Rua Gândara de Olivais, 17 Jardim Aparecida CEP: 04469-110		Clube Temático Esportivo Clube das Comunidades
	CDC e CLUBE ESCOLA PARQUE DOROTÉIA Rua Francisco José da Costa, 110 Parque Doroteia CEP: 04474-290		Clube Temático Esportivo Clube das Comunidades
	CDC JARDIM MÍRIAM Av. Ângelo Cristianini, 520 Cidade Júlia CEP: 04424-010		Clube Temático Esportivo Clube das Comunidades
	Parque 07 Campos Cidade Júlia		Parque com equipamentos esportivos, pavilhão de exposições e espaço para educação ambiental - A área que abrigará o Parque Sete Campos já é utilizada pelos moradores como única opção de lazer. Lá existem sete campos de futebol, feitos há alguns anos, como alternativa à falta de espaços para o convívio da comunidade. Atualmente, seis dos campos são de terra batida e o outro deles é uma quadra cimentada. Como a área não era bem aproveitada, esses equipamentos passarão por adequações. A implantação do novo parque prevê a criação de dois campos oficiais e cinco para futebol society.
	CLUBE ESCOLA VILA MISSIONÁRIA Rua Dom Frederico Costa, 71 Vila Missionária CEP: 04430-300 Fone: 5621 1697		Modalidades: Ginástica Geral, Futebol Campo, Iniciação Esportiva, Atividades Recreativas e Capoeira

Tabela 23

Ficha de Avaliação do Leitor

Prezado leitor,

Gostaríamos de saber sua opinião sobre esta obra para que possamos aprimorar cada vez mais nossas publicações. Sugestões que possam melhorar a qualidade do trabalho são sempre bem-vindas. Este formulário de avaliação consiste em algumas perguntas que nos ajudarão a saber informações preciosas sobre o que achou do livro em determinados aspectos.

Por favor, preencha o formulário e envie-o para o endereço: Rua Amacás, 243 Campo Limpo - São Paulo - 05792-030 ou via e-mail: info@acomunitaria.org.br

Comentário geral sobre o trabalho: por favor, avalie este livro de acordo com os seguintes critérios:

A= Excelente; B= Muito Bom; C=Bom; D= Regular; E= Ruim

Apresentação, organização e extensão do livro: _____

Relevância das questões formuladas: _____

Apresentação dos resultados: _____

Originalidade e importância dos resultados: _____

Contribuições importantes para o tema tratado : _____

Recebido em: _____ / _____ / _____

Viver Comunidade!



AÇÃO COMUNITÁRIA

PREPARANDO PESSOAS PARA A VIDA

